



ISPA

INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

Perspectiva psicodinâmica do Jogo
Patológico: narrativas autobiográficas de
uma adicção

Ana Lúcia Chaínho

Orientador de Dissertação:

Prof.º Doutor Nuno Torres

Coordenador de Seminário de Dissertação:

Prof.º Doutor Nuno Torres

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

MESTRE EM PSICOLOGIA CLÍNICA

2012

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação do
Prof. Doutor Nuno Torres apresentada no ISPA
– Instituto Universitário para obtenção de grau de
Mestre na especialidade de Psicologia Clínica

Aunque sólo existiera una verdad única, no se podría
pintar cien cuadros sobre el mismo tema.

Pablo Picasso

Agradecimentos

Quero agradecer, por palavras, a todos aqueles que me ajudaram e acompanharam nesta trajetória.

Um especial agradecimento aos principais intervenientes deste estudo, pela disponibilidade, confiança e partilha, que ofereceram para concretização deste trabalho. Agradeço também ao Grupo de Jogadores Anónimos pela amabilidade com que receberam este projecto.

Ao Centro Comunitário Paroquial da Parede pela disponibilidade e compreensão com que responderam para que fosse possível a realização das entrevistas.

Ao Professor Doutor Nuno Torres, por ter orientado esta tese, agradeço o seu estímulo e a autonomia que me concedeu na elaboração deste trabalho. Expresso também o meu sincero reconhecimento pelas valiosas orientações e ensinamentos que possibilitaram a concretização deste trabalho.

À Márcia e à Sandra pelo companheirismo, disponibilidade e aprendizagem, tornando-se assim, merecedoras da minha eterna gratidão.

Aos meus pais e à minha irmã por terem estado sempre lá por mim, encorajando, confiando e acreditando.

Aos meus amigos pela paciência nos momentos em que estive indisponível. Em especial à Sandra por ter dedicado o seu tempo na revisão ortográfica. A todos, por estarem lá.

Ao Pedro pelo apoio permanente, estímulo e continente suporte e ao Gustavo pela tolerância e presença constante na minha vida.

Resumo

O jogo patológico representa actualmente um grave problema na sociedade actual. Os estudos apontam que 2% a 3% da população na Europa é jogadora patológica. Dada a crescente proliferação da adicção ao jogo e a quase inexistência de estudos que relacionem o jogo patológico com as relações de objecto e a vinculação, pretendemos com este trabalho aceder às vivências subjectivas deste grupo de jogadores patológicos. Utilizou-se uma abordagem qualitativa através de uma entrevista narrativa autobiográfica, onde se procurou aprofundar situações ou períodos de vida dos quatro jogadores patológico, todos abstinentes e frequentadores dos Jogadores Anónimos. As entrevistas foram analisadas e categorizadas de forma a permitir uma interpretação, tendo como base o nosso referencial teórico. Os principais resultados obtidos sugerem dificuldades relacionais, e uma ausência de uma vinculação segura em todos os participantes, corroborando outros estudos analisados. A partir dos resultados obtidos nesta pesquisa concluiu-se que a adicção ao jogo pode resultar de uma vinculação frágil e de uma carência de uma boa relação de objecto.

Palavras-Chave: Jogo patológico, relações de objecto, vinculação.

Abstract

Pathological gambling is now a serious problem in today's society. Studies indicate that 2% to 3% of the population in Europe is a pathological gambler. Given the increasing proliferation of addiction to gambling and the absence of studies that relates pathological gambling with the object relations and attachment, we intend to work with this by accessing subjective experiences of this group of pathological gamblers. We used a qualitative approach through a life-story interview, where we seek to deepen situations or periods of life of our four pathological gamblers, abstinent and all regular attendees of Gamblers Anonymous. The interviews were analyzed and categorized to allow an interpretation, based on our theoretical framework. The main results suggest relational difficulties, and a lack of a secure attachment to all participants, corroborating other studies analyzed. From the results obtained in this study it was concluded that addiction to gambling can result from a weak link and a lack of a good object relationship.

Key-Words: pathological gambling, object relation, attachment

Índice

| | |
|---|----|
| I. Introdução | 1 |
| 1. Jogo Patológico | |
| 1.1. Perspectiva Histórica | 3 |
| 1.2. Epidemiologia | 6 |
| 1.3. Tipologia de jogadores | 7 |
| 1.4. Fases de Evolução | 7 |
| 1.5. Perturbações psiquiátricas associadas ao Jogo patológico | 8 |
| 1.6. Jogo patológico e consumo de substâncias | 9 |
| 2. Abordagens teóricas sobre o jogo patológico | 9 |
| 2.1. Teoria comportamental | 10 |
| 2.2. Teoria geral das adicções | 10 |
| 2.3. Teoria do <i>Arousal</i> | 11 |
| 2.4. Teoria Psicanalítica | 12 |
| 3. Relações de Objecto e Teoria da Vinculação | 16 |
| 3.1. Teoria das Relações de Objecto | 17 |
| 3.2. Teoria da Vinculação | 19 |
| 3.3. Vinculação na vida adulta | 23 |
| 3.4. Vinculação e Jogo Patológico | 24 |
| II. Método | 28 |
| Participantes | 28 |
| Instrumento | 30 |
| Procedimentos | 31 |
| III. Apresentação dos resultados | 37 |
| IV. Discussão dos resultados | 46 |
| V. Conclusão | 60 |
| Referências Bibliográficas | 62 |
| Anexos | |
| - Anexo A: Carta de Consentimento informado | |
| - Anexo B: Entrevista José | |

- Anexo C: Análise entrevista José
- Anexo D: Entrevista Eva
- Anexo E: Análise Entrevista Eva
- Anexo F: Entrevista António
- Anexo G: Análise Entrevista António
- Anexo H: Entrevista Miguel
- Anexo I: Análise Entrevista Miguel
- Anexo J: Clusters Comuns

Lista de Tabelas

| | |
|---|----|
| Tabela 1- Dados sociodemográficos dos participantes | 29 |
| Tabela 2- Comportamentos de jogo | 30 |
| Tabela 3 – Guião para as Entrevista Qualitativas | 32 |
| Tabela 4 – Índice para a Análise das entrevistas | 33 |
| Tabela 5 – Frase-chave para o subtema: Temperamento e Personalidade | 35 |
| Tabela 6- Quadro ilustrativo para a criação de clusters | 35 |
| Tabela 7- Quadro ilustrativo dos Clusters Comuns para o Subtema: Eventos de Vida anteriores ao início do problema | 36 |
| Tabela 8- Quadro resumo do processo de análise | 36 |
| Tabela 9- Clusters de Eventos de Vida anteriores ao início do problema | 37 |
| Tabela 10 - Clusters Contexto Psicossocial anterior ao início do problema | 39 |
| Tabela 11 – Clusters Personalidade e Temperamento | 41 |
| Tabela 12- Clusters Pai | 41 |
| Tabela 13 – Clusters Mãe | 42 |
| Tabela 14 – Clusters Família no todo | 43 |
| Tabela 15- Cluster Problemas (Escola, namoros, amizades) | 44 |

I- INTRODUÇÃO

O jogo é uma actividade milenar que atravessa culturas e povos, seduz milhares de pessoas através de uma combinação entre o lúdico, a sorte e o prazer. Não obstante, em alguns casos, pode ter consequências negativas a nível psíquico, físico e social, levando o indivíduo a desenvolver uma patologia – o jogo patológico.

O jogo patológico é uma patologia constante no DSM IV- TR (APA, 2002) na categoria diagnóstica de “ Perturbação do controlo dos impulsos não classificados em outro local”, sendo caracterizado sumamente como um comportamento de jogo mal adaptativo, recorrente e persistente. De acordo com o DSM-IV-TR (APA, 2002) a adicção é caracterizada por quatro factores essenciais: a perda de controlo, a obsessividade, o aumento da tolerância e um síndrome de abstinência em relação ao consumo de uma substância ou à manutenção de um comportamento.

Apesar dos escassos dados no nosso país, os estudos apontam para uma prevalência entre 2% a 3% da população (APA, 2005; Goffard, 2008), estando muitas vezes associado a outras dependências (álcool, drogas) e/ou a perturbações psíquicas. Esta “adicção sem droga” atinge sobretudo o sexo masculino embora na mulher, todo o seu desenrolar seja mais rápido e doloroso (Valleur, 2005).

Embora o interesse pelo estudo do jogo patológico seja relativamente recente, a corrente psicanalítica fez as suas primeiras referências através de Hans Von Hattingberg e Freud (1928) publicou um artigo intitulado “Dostoiévski e o parricídio”, manifestando uma das primeiras compreensões psicanalíticas sobre o jogo patológico. Freud partiu de uma obra de grande valor clínico, “O Jogador” de Fiódor Dostoiévski, onde este apresentou uma descrição das vivências psicológicas dos personagens relatando com precisão o sofrimento associado ao jogo patológico. A partir deste momento foram várias as direcções que começaram a emergir com o intuito de explicar a relação jogo-jogador, contudo o presente estudo pretende centrar-se nos aspectos relacionais vivenciados pelos jogadores patológicos.

Assim a escolha do tema de investigação prende-se, antes de mais, pela relevância do objecto, mas ao mesmo tempo, pela parca informação sobre o tema, quer na comunidade em geral quer na comunidade científica. As insuficientes pesquisas tornam pertinente a exploração do tema com um enfoque mais profundo, característica dos métodos qualitativos, de modo a que possamos esclarecer os modos e os porquês deste problema grave. Através da

revisão da literatura pode perceber-se que a maioria dos estudos é de carácter quantitativo, o que descarta uma análise mais aprofundada acerca dos sentimentos dos jogadores patológicos e do modo como estabelecem as relações. Deste modo, tendo em conta a lacuna existente na literatura, o presente estudo baseia-se no método de pesquisa qualitativa que visa explorar o tema, trazendo as histórias de vida das pessoas que passaram por problemas relacionados com o jogo patológico, e ao mesmo tempo, pretendemos cruzar estas histórias com as relações de vinculação estabelecidas na infância, partindo do pressuposto que o factor vinculação é considerado fundamental para o desenvolvimento de uma dependência. A partir de uma base teórica específica e de uma metodologia sólida, esperamos contribuir para um maior entendimento científico na área estudada.

A investigação encontra-se dividida em cinco grandes secções: a Introdução, que contempla o enquadramento teórico, o Método, a Apresentação dos resultados, a Discussão de resultados e a Conclusão. A parte teórica do presente estudo subdivide-se em três capítulos, o primeiro centra-se sobre o jogo patológico, o segundo sobre as diferentes abordagens para a compreensão do jogo patológico e por último, o terceiro capítulo aborda as teorias das Relações de Objecto e da Vinculação. A parte empírica desta investigação é constituída pelo método, onde se especifica o objectivo do estudo, a amostra de participantes, o instrumento utilizado (entrevista narrativa autobiográfica), o procedimento de recolha e a análise dos dados. No capítulo seguinte apresentam-se os dados e posteriormente a análise dos resultados. Por fim, uma conclusão de todo o trabalho sob forma de reflexão e discussão.

A partir desta revisão da literatura, serão assinalados os objectivos desta investigação e os aspectos metodológicos para a obtenção dos dados. Por fim serão discutidos e analisados os dados provenientes das entrevistas realizadas à luz da Teoria da Vinculação e da Teoria das Relações de Objecto.

1. O Jogo Patológico

1.1.Perspectiva Histórica

O acto de jogar é conhecido na era antes de Cristo, sendo identificado em inúmeras civilizações, como a Romana, a Grega e a Egípcia (Saldain, 2008). Uma das formas mais antigas de jogo que se conhece é o *Astralagus*, com muitas semelhanças ao actual jogo de dados (Clímaco, 2004), já nesta época o jogo era uma forma de divertimento que muitos criticavam, estando associada a um comportamento excessivo. Os guerreiros teutónicos que invadiram Roma eram jogadores assíduos, chegando a apostar a sua liberdade depois de terem perdido tudo (Saldain, 2008).

De acordo com Deus e Lé (2001) as primeiras leis sobre o jogo surgiram na Grécia e em Roma, onde se distinguiam entre jogos lícitos e ilícitos, proibindo-se a reclamação, em tribunal, do que se havia perdido no jogo. Apesar desta forte restrição dos jogos de azar, as leis romanas incentivavam a actividade física (lançamento do dardo, salto, corrida, luta), permitindo que se fizessem apostas (Deus & Lé, 2001). As leis romanas eram severas, quem não conseguisse pagar as dívidas era levado a tribunal e tornado escravo do seu credor. (Glare, 1982; Wissowa, 1984 citado por NRC, 1999). Os imperadores romanos eram conhecidos como sendo ávidos jogadores, Claudius e Nero, hoje em dia, podiam ter sido diagnosticados de jogadores patológicos (Wildman, 1997, citado por NRC, 1999). Na idade média, o jogo chegou a ser uma distracção para os cruzados, levando vários Reis a proibirem totalmente o jogo entre os soldados e limitaram o número de cavaleiros que podiam jogar (Saldain, 2008). Segundo Clímaco (2004), entre a Renascença e o final do século XVII, o jogo teve a sua época de ouro, o que levou a um aumento das suas restrições e proibições por parte do Estado e da Igreja.

Em Portugal, o jogo também foi encarado como negativo e passível de punição por ordem jurídica, sendo vários os Monarcas a restringirem o recurso ao jogo. Este cenário alterou-se em meados do século XVIII, com o lançamento da Lotaria anual, sob fortes medidas de fiscalização, tendo sido impulsionada pela Rainha D. Maria I (Deus & Lé, 2001). Assim, a lotaria nacional, sob a alçada da Santa Casa da Misericórdia, permitiu dar continuidade a diversas acções filantrópicas ao longo dos séculos. No período pós Revolução

Francesa, renasceram algumas restrições e estigmatizaram-se os jogadores (Clímaco, 2004), no Código Penal de 1886, “ *todo o jogador que se sustentar do jogo, fazendo dele a sua principal agência, será julgado e punido como um vadio*” (Deus e Lé, 2001).

De acordo com Deus e Lé, (2001), no início do século XX foram várias as mudanças sociais e com elas houve uma modificação nos hábitos de jogar, como o surgimento dos casinos e de novas formas de jogar. O hábito social do jogo ficou cada vez mais vincado na sociedade portuguesa, quer nas elites quer nos menos abastados. Tornou-se urgente legislar, assim, em 1927 saiu o decreto-lei n.º 14643 que regulamentava o jogo nos locais próprios, proibiu a clandestinidade e estabeleceu objectivos de fiscalização. Segundo os autores, “A Lei do Jogo” de 1927, é a que ainda hoje vigora, embora tenham surgido alguns diplomas para regulamentar e fiscalizar o jogo lícito, no entanto, têm sempre como base interesses contrários, por um lado a diminuição dos impactos negativos na sociedade portuguesa e por outro, o constatar que o jogo representa um forte aliado no desenvolvimento turístico nacional.

Assim sendo, podemos perceber que desde os tempos mais remotos que o homem joga, o que confere ao jogo um estatuto especial no contexto das dependências. O jogo faz parte da vida de um indivíduo desde tenra idade, sendo este fundamental para um pleno desenvolvimento, no futuro funcionará como uma distração ou uma actividade de lazer que permite uma evasão ao quotidiano. O acto de jogar em si, é uma actividade prazerosa que potencia a aquisição de capacidades relevantes ao desenvolvimento humano.

No entanto, jogar poderá constituir uma adição/perturbação e foi em 1980 que o jogo passou a ser considerado uma perturbação psiquiátrica introduzida no DSM III- Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders - como uma perturbação do controlo dos impulsos não classificados noutra local, mas ainda hoje permanece na secção dos transtornos de impulso, embora os seus critérios de diagnóstico sejam sobreponíveis aos utilizados para a dependência de substâncias (Petry, 2007).

O jogo patológico é, então, reconhecido oficialmente pela Associação Americana de Psiquiatria em 1980 (APA - DSM-III), a partir de um estudo de Greene “ Um estudo preliminar do Jogo Compulsivo em Nova Jersey”. Em 1987, a APA (Ibañez, s/d) reconheceu as similaridades do jogo patológico com a dependência do álcool e de substâncias psicoactivas. Na versão DSM-IV-TR (APA, 2002) o jogo patológico foi caracterizado, principalmente, por uma incapacidade crónica e progressiva em resistir ao impulso de jogar. Este resistir ao impulso de jogar é muito semelhante ao sintoma de abstinência experimentado

por uma pessoa que sofre de uma dependência química (Echeburúa y De Corral, 1994; Fernández-Montalvo y Echeburúa, 1997, citado por Estevez y Clavete 2007).

Relativamente aos critérios de diagnóstico do jogo patológico, o DSM-IV TR (APA, 2002) um indivíduo pode ser diagnosticado com esta patologia caso a sua sintomatologia corresponda a cinco ou mais dos seguintes critérios:

1. Preocupação com o jogo (revivência de experiências prévias com o jogo, planificação para os próximos jogos, preocupação com a obtenção do suporte financeiro para jogar);
2. Necessidade de aumentar as quantias apostadas no sentido de obter a desejada excitação;
3. Tentativas falhadas de controlar, reduzir ou parar o comportamento face ao jogo;
4. Inquietude ou irritabilidade quando tenta reduzir ou parar de jogar;
5. O jogo pode funcionar como forma de escape a problemas ou como forma de aliviar um humor disfórico (sentimento de desamparo, culpa, ansiedade e depressão);
6. Perdas repetidas ao jogo e comportamento de “resgate” no sentido de as recuperar;
7. Mentir à família, terapeuta ou outros quanto à extensão e envolvimento no jogo;
8. Envolvimento em actividades ilegais como falsificação, fraude, roubo ou desfalque para financiar o jogo;
9. Pôr em risco ou perder relações significativas, emprego ou oportunidades de carreira ou académicas por causa do jogo;
10. Contar com os outros para obter dinheiro com o fim de regularizar uma situação financeira desesperada devido ao jogo.

No que concerne aos critérios do CID – 10 (OMS, 1998), apresentam-se algumas alterações às propostas pela Associação Americana de Psiquiatria:

- 1- Três ou mais episódios de jogo num período de pelo menos um ano;
- 2- Continuação destes episódios, apesar do desconforto emocional e interferências no funcionamento da vida diária pessoal;
- 3- Incapacidade para controlar o ímpeto de jogar, conjugado com uma incapacidade de parar;
- 4- Preocupação mental com o jogo ou com as circunstâncias que o rodeiam.

Três critérios para um diagnóstico diferencial:

- 1- Um jogo social habitual
- 2- Um jogo excessivo em doentes maníacos
- 3- O jogo na perturbação dissociativa da personalidade

1.2. Epidemiologia

A epidemiologia da dependência do jogo é difícil de ser estudada, uma vez que é uma patologia que vive muito na sombra e é difícil de ser encarada. Em Portugal os estudos na área do jogo patológico são praticamente inexistentes, tal pode dever-se ao facto, deste não ser reconhecido como uma dependência, como já acontece na maioria dos países europeus. Recentemente foi apresentado o primeiro estudo epidemiológico com o apoio da Santa Casa da Misericórdia, estimou-se que existem cerca de cem mil portugueses com problemas de jogo a dinheiro, um número muito idêntico ao dos restantes países ocidentais (Lopes, 2009).

De acordo com diversas investigações na América do Norte e Europa estima-se que 2% a 3% da população é jogadora patológica (APA, 2005 citado por Goffard, 2008). Num estudo realizado nos Estados Unidos da América e Canadá (Shafer et al, 2001 citado por Tavares et al, 2008) verificou-se que 3,9% dos participantes eram jogadores problemáticos e 1,6% eram jogadores patológicos. Nos adolescentes os índices eram bastante preocupantes, uma vez que 9,5% eram jogadores problemáticos e 3,9% jogadores patológicos. Já na população universitária os jogadores problemáticos representavam 9,3% e os jogadores patológicos atingiram uma prevalência de 4,7%. Estes dados vão de encontro com o estudo avançado por Lopes (2009), onde os dados também são muito preocupantes, pois existe uma tendência para o aumento da percentagem nos jovens com idades entre os 12 e 18 anos. De acordo com um estudo de Petry (2002) as mulheres começam geralmente, a jogar depois dos 55 anos, têm uma progressão da dependência ao jogo mais rápida do que os homens e com taxas de suicídio mais elevadas. Num estudo levado a cabo por Ibarzábal (2001) num grupo de mulheres, verificou-se que 3,6% tem problemas relacionados com o jogo e 2,6% poderiam ser consideradas como jogadoras patológicas.

Em Espanha assiste-se a uma proliferação dos estudos na área da dependência ao jogo, talvez por isso actualmente assistimos a um decréscimo da percentagem de prevalência, passaram de 1,5% a 2% para uma percentagem que se situa ente 0,3 e 0,9, sendo um pouco maior nos jogadores problemáticos. (Cansado et al, 2009). É importante referir que em Espanha existem as chamadas “maquinas tragaperras” que encontramos em quase todos os bares e restaurantes do país (calcula-se que são 500.000 mil) e que representam 40% dos lucros que o Estado recebe com a actividade do jogo (Aymami, Ibáñez e Jiménez, 1999). Podemos conjecturar que a taxa de jogadores patológicos em Portugal não seja tão elevada, uma vez que não existe uma promoção tão acentuada do acesso ao jogo.

1.3. Tipologia dos jogadores

De acordo com a bibliografia, os jogadores dividem-se em quatro tipos: os jogadores sociais, os jogadores problemáticos, os jogadores profissionais e os jogadores patológicos (Becoña; Ochoa Y Labrador citado por Ibarzábal, 2001). O jogador social joga por prazer e mantém um controlo sob a quantidade de dinheiro que despende, assume-se de carácter lúdico com tempo limitado, sem que se crie um desconforto por ter que interromper um jogo. Este tipo de jogador ainda não experimentou problemas económicos, familiares ou sociais nem teve que mentir por causa do jogo. (Cansado et al, 2009) O jogador profissional, faz do jogo a sua actividade profissional, jogando a dinheiro mas com um forte rigor e disciplina, como por exemplo, os jogadores profissionais de poker (Becoña, 1998). O jogador problemático é caracterizado por jogar em excesso e com grandes quantias de dinheiro que seriam destinadas ao orçamento familiar, contudo tem um certo controlo, o que não faz deste, um jogador patológico (Cansado et al, 2009). Por último encontramos o jogador patológico, (tipologia dos participantes do presente estudo) que é caracterizado por um jogador que perde o controlo sobre o jogo e repete a mesma conduta recorrentemente (Goffard, 2008). Para Echeburúa Y Báez (1991, Cansado et al, 2009), existe uma forte dependência emocional do jogo, com uma perda do controlo sobre este e com grandes consequências no normal funcionamento da sua vida diária.

1.4. Fases de Evolução do Jogo Patológico

Relativamente às fases de evolução propostas por Custer o jogador inicia-se pela fase dos ganhos, passando pela fase da perda e chegando por fim, à fase de desânimo. No entanto Lesieur et al (1991) acrescentam a fase de desespero (Custer, 1987; Clímaco, 2004):

- Fase de ganhos – habitualmente numa fase inicial o jogador auferir alguns ganhos que o fazem crer que é um bom jogador, o que fará com que aumente a frequência com que joga e o montante de dinheiro envolvido. As perdas parecem ser insignificantes e os ganhos ganham um efeito potenciador de jogar mais.
- Fase das perdas – nesta fase aumenta o montante das apostas onde o jogo é utilizado, muitas vezes, para recuperar o dinheiro perdido. Aqui o jogo já não funciona somente pelo prazer mas a pessoa procura evadir-se dos problemas que começam a surgir.

- Fase do desânimo – esta fase é caracterizada pela acumulação de dívidas, consequência das consecutivas perdas. O jogador joga para pagar o que deve. Aumentam nesta fase, os problemas económicos, profissionais, familiares e sociais.
- Fases do desespero – nesta fase as consequências emocionais são já devastadoras, podendo ocorrer tentativas de suicídio. Aqui o jogo assume o papel principal do dia-a-dia, chegando a durar as vinte e quatro horas do dia. É uma fase muito longa, que pode estender-se por vários anos (10-15 anos).

1.5. Perturbações Psiquiátricas Associadas ao Jogo Patológico

O facto do Jogo patológico ter tido um reconhecimento relativamente recente enquanto característica diagnóstica pode explicar algumas imprecisões na sua caracterização clínica. O jogo patológico já foi caracterizado como comportamento compulsivo, como uma adicção, e actualmente encontra-se nas “Perturbações do controlo de impulso não especificados em outro local” no DSM IV e entre os “Transtornos de hábitos impulsivos” no CID-10. As comorbilidades psiquiátricas têm sido encontradas em diferentes estudos. De acordo com Montalvo & Echeburúa (2006) há uma probabilidade de 32% de encontrar uma Perturbação da Personalidade Narcisíca e 16% de probabilidade de um jogador ter uma Perturbação Anti-social. A presença de depressão nos jogadores patológicos é encontrada em diversas investigações (Becona, 1998; Montalvo & Echeburúa, 2006) no entanto sem determinarem se a depressão é causa ou sintoma do jogo patológico.

Os quadros ansiosos também surgem associados ao jogo patológico, segundo Blaszczynski (1999) para alguns jogadores patológicos o jogo funciona como uma estratégia de evitação da ansiedade ou da emoção depressiva, contudo carece de uma maior investigação (NRC, 1999; Becona, 1998). A literatura demonstra uma forte associação entre as taxas de ideação suicida ou tentativas de suicídio e o jogo patológico (Becona, 1998; Martinez, Navarro & Romero, 1993). Mais recentemente estabeleceu-se uma comorbidade entre o jogo patológico e a Perturbação do Défice de Atenção com Hiperactividade. Os jogadores patológicos comparados com os grupos de controlo, apresentavam uma maior incidência nos critérios do Défice de Atenção com Hiperactividade (NRC, 1999).

1.6. Jogo Patológico e uso de substâncias

Parece existir, na literatura, um grande interesse em relacionar ambas as adicções. Para muitos autores o jogo é uma adicção sem droga, tendo sido já considerada no DSM como uma adicção. No fundo, apesar das diferenças, o denominador comum é a produção de prazer ou alívio de certas tensões emocionais. Há evidências científicas que relacionam o jogo com o consumo de substâncias, com o álcool, drogas e cigarros. Sáiz e Ibáñez (1999) referem que diversos autores (Ramírez et al, 1983; Lesieur et al, 1986; Cusack et al, 1993) encontraram um abuso de álcool ou de outras substâncias psico-activas em 40-45% dos jogadores patológicos estudados, assim como um elevado índice de tabagismo. Num estudo de Lesieur et al (1986, citado por Sáiz e Ibáñez, 1999) numa amostra de 452 sujeitos toxicodependentes em tratamento, 20% preenchia os critérios de jogo patológico do DSM III. Noutro estudo do mesmo autor, verificou-se que 89% dos jogadores patológicos eram alcoólicos, 25.7% abusavam de cocaína e 24% consumia regularmente marijuana. Por outro lado, Jiménez, Ibáñez e Aymami (1999) constataam que vários jogadores patológicos em processo de reabilitação acabam por “trocar de vício”, ingerindo álcool ou consumindo drogas para substituir o hábito do jogo.

Apesar das evidências de comorbilidade entre o jogo patológico e o consumo de substâncias é importante salientar que muitos dos factores psicológicos que levam o sujeito a jogar são semelhantes aos que levam um sujeito a consumir, assim como, os sintomas sentidos em ambas as adicções (Ramírez et al, 1983, citado por Blaszczynski, 1999).

2. Abordagens Teóricas Sobre o Jogo Patológico

Actualmente são várias as teorias que tentam explicar as causas dos comportamentos dos jogadores patológicos, trazendo diversas explicações sobre as origens e os mecanismos dessa dependência. Até à data não existe um modelo teórico que explique o carácter múltiplo do jogo patológico do ponto de vista biológico, ambiental e psicológico. Assim algumas teorias são baseadas no modelo psicanalítico, na teoria das adicções, outras no modelo comportamental e na teoria de “arousal” (Rosenthal, 1997). Serão todas abordadas mas o enfoque maior será dado à abordagem psicodinâmica, uma vez que este trabalho tem como linha de pesquisa a teoria psicanalítica.

2.1. Teorias comportamentais

O jogo pode ser visto como uma aprendizagem obtida do meio ambiente, ou seja, o jogador patológico é uma pessoa que foi exposta a este tipo de condição (NRC, 1999). Os ganhos obtidos em todas as formas de jogo podem ser equiparados ao reforço positivo (Knapp, 1976; Skinner, 1953; 1969 citado por NRC, 1999), por sua vez este reforço tem o poder de manter o comportamento. Após a aprendizagem estar estabelecida a extinção do comportamento é mais difícil, isto pode explicar o porquê da dificuldade em deixar de jogar mesmo quando se perde com frequência (Skinner, 1969 citado por NRC, 1999).

Shaper e Terrier (1993) desenvolveram um modelo heurístico na tentativa de explicar a aquisição e manutenção do comportamento de jogar. Para os autores este comportamento tem a sua gênese no condicionamento clássico e operante, sendo reforçado por uma série de ganhos financeiros e por uma excitação ao nível do sistema autonómico (e.g. aumento dos batimentos cardíacos). O jogo é reforçado por um aumento da excitação fisiológica e por um esquema parcial de reforço financeiro. Estes dois reforços produzem uma rápida aquisição do comportamento e ao mesmo tempo a difícil extinção do mesmo.

Do ponto de vista comportamental o jogador parece ter distorções cognitivas que o fazem acreditar que está a “ganhar” mesmo quando não está, ou seja, a ilusão que pode controlar o jogo dá-lhe uma expectativa de sucesso maior do que o real (Tavares & Silva, 2008).

2.2. Teoria geral das adicções

Para Griffiths (1998, citado por Cansado et al, 2009) as adicções comportamentais podem ser definidas operacionalmente se cumprirem os seguintes critérios:

- Saliência: uma actividade particular que rapidamente se converte na mais importante da vida de um sujeito, passando a dominar os seus pensamentos, sentimentos e acções.
- Modificação do humor: experiencias subjectivas que os sujeitos experienciam como consequência de estarem implicados numa actividade.
- Tolerância: processo pela qual se aumenta a quantidade de uma dada actividade para obter os efeitos anteriormente vividos.
- Abstinência: estado emocional desagradável e/ou efeitos físicos que acontecem quando uma dada actividade é interrompida ou subitamente reduzida.

- Conflito: conflitos entre o sujeito adicto e aqueles que o rodeiam, conflitos com outras actividades e conflitos intrapsíquicos.
- Recaída: tendência para regressar aos padrões iniciais da actividade restaurando os padrões mais extremos da adicção.

O jogador patológico também pode ser considerado como uma pessoa adicta ao comportamento de jogo, tal como defende Jacobs (1987;1988 citado por NRC, 1999). O autor propõe que uma dependência é adquirida, num tempo e por uma pessoa predisposta, numa tentativa de aliviar uma condição crónica de stress. No desenvolvimento da sua teoria postulou que dois factores primordiais interagem: um estado anormal de “arousal” e as experiencias de infância que resultaram num sentimento de inadequação pessoal e numa rejeição. Estes factores podem produzir uma adicção a qualquer actividade ou substância que possua três particularidades – ofuscar temporariamente, desviando a atenção da pessoa do seu estado crónico de “arousal”; diminuir a autocritica e a autoconsciência através de uma mudança cognitiva interna que desvia a preocupação da própria inadequação; permitir fantasiar sobre si mesmo através de um processo dissociativo auto-induzido. Para o autor o comportamento adicto da pessoa representa a melhor das soluções para lidar com o stress que convive há tanto tempo. Segundo a NRC (1999) apesar de ser um modelo multidimensional Jacobs ignorou a importância dos actores sociais que influenciam o desenvolvimento, a manutenção e a recuperação de uma adicção.

2.3. Teoria do Arousal

A teoria do arousal refere-se à busca de sensações, deste modo, o jogo funciona como uma procura de sensações agradáveis e não um objectivo de ganhos financeiros. Para Brown (1999) o jogador não tem como objectivo ganhar uma fortuna a jogar mas procura, sim, obter um grau subjectivo de excitação. A prova de que existe esta alteração fisiológica é a de que o jogador enquanto joga apresenta um aumento dos batimentos cardíacos e da sudação corporal. Ainda segundo Brown, cada pessoa tem o seu nível óptimo de arousal e quando é atingido obtêm-se uma sensação de bem-estar. Nos jogadores patológicos este nível de arousal está em baixo, o que se traduz numa busca de estados disfóricos mais ou menos persistentes, assim o jogo funciona como uma solução para esta dificuldade, elevando o estado de arousal para níveis normais.

2.4. Teoria Psicanalítica

A maioria das pesquisas em torno do tema do jogo patológico, têm como base abordagens biológicas e cognitivo-comportamentais, muito em parte por esta última ser a escolha no tratamento do jogador. No entanto a linha de pesquisa deste trabalho tem como base a abordagem psicodinâmica e será feita uma abordagem mais aprofundada do tema de acordo com os princípios desta corrente teórica.

A psicanálise desde cedo contribuiu para elaborar um modelo explicativo da gênese do jogo patológico. Anteriormente a Freud, Hans Von Hattinberg (1914 citado por Rosenthal, 1997) afirmou que o medo e as tensões associadas ao jogo são de cariz sexual, revelando tendências masoquistas pré-genitais. Rosenthal (1997) destacou os autores que se interessaram pelo estudo psicanalítico do jogo patológico, contribuindo com diferentes perspectivas: Simmel em 1920, foi o primeiro a tratar um jogador patológico e descreve vários traços pré-genitais e o prazer erótico associado ao jogo relacionando o jogo com a masturbação; Bergler actualizou a teoria de Von Hattinberg referindo a relação com as figuras de autoridade, estando estas na origem da culpa. Estes pais frustrantes, impõem o princípio da realidade, o acesso ao princípio do prazer causa culpa e eventualmente masoquismo relacionado com o Complexo Edipiano; Fuller vê uma fixação na fase anal e um erotismo anal como a dinâmica primária do jogo patológico.

Freud (1928) no seu estudo “ Dostoevsky e o Parricídio” e com base nos artigos de Von Hattinberg descreveu o jogo como uma forma de punição que se transforma numa actividade de prazer, uma forma de substituição masturbatória. A culpa pela masturbação seria anulada pela autopunição decorrente da perda do jogo. Rosenthal (1997) destaca alguns dos grandes contributos de Freud para o estudo do jogo:

- 1- O jogador não joga pelo dinheiro mas pelo jogo em si, pela acção.
- 2- O jogador pode jogar para perder. Volta a jogar aposta grandes quantias que servem para expulsar a tal culpa como se fosse um género de cura pela autopunição.
- 3- O jogo patológico é uma adicção. Freud não se refere a uma neurose obsessiva como a maioria dos analistas.
- 4- Para Freud, tal como em todas as adicções, o jogo patológico era uma manifestação de uma adicção primária. Esta adicção primária é a masturbação no entanto o foco na culpa deve ser realçado.

Para Freud (1921) as neuroses seriam semelhantes às dependências, sendo a perturbação obsessivo-compulsiva a que mais se aproxima da dependência, pelo seu carácter compulsivo. Assim, o desejo imposto pela dependência, sob a forma de um falso instinto, acaba dominando um ego arcaico que não consegue conter os impulsos do Id. O ego recorre, então, a uma série de mecanismos de defesa como a racionalização, a onipotência e a negação para justificar a satisfação dos impulsos do Id.

Após Freud, foram os estudos de Bergler os mais significativos (Rosenthal, 2008), o jogador entra num acto de rebeldia contra a autoridade dos seus pais, na mesa de jogo os seus oponentes são identificados com a mãe negadora ou o pai que rejeita. O autor destacou sobretudo, que o jogador patológico é movido pela culpa e que o seu comportamento tem como objectivo aliviar a sua consciência. Como referido anteriormente, o jogador reactiva os sentimentos de onipotência infantil ao mesmo tempo que se revolta contra o princípio da realidade imposto pelas figuras de autoridade que lhe restringem o acesso ao princípio do prazer. Inconscientemente esta agressividade para com as figuras parentais causa culpa e por conseguinte, uma necessidade de autopunição (Rosenthal, 1997). Para Bergler, os jogadores patológicos têm uma fixação na fase oral e encontram-se estabilizados no nível da rejeição ou masoquismo psíquico. O nascimento do masoquismo psíquico surge pela proibição do princípio do prazer, o sujeito sente-se punido e com sentimentos de culpa que só consegue afastar-se deles se seguir o princípio do prazer “*Produce pleasure out of displeasure*”.

As notas dos casos clínicos de Bergler são de uma grande importância para a caracterização dos jogadores patológicos, assim o analista descreveu-os como indivíduos que mostram um ódio pela realidade, evitando-a a todo o custo, como se não houvesse limites. O jogador demonstra uma inabilidade em deixar ir a rejeição, guarda-a para si transformando o mundo que o rodeia nuns pais rejeitantes, para que possa manter a sua visão de vítima inocente (Rosenthal, 1997).

Na era pós Bergler três autores tentaram modificar a sua teoria. Para Greenson (1947) o jogo está relacionado com os instintos infantis. O jogo detém tamanha popularidade, uma vez que é uma forma socialmente aceite de satisfazer os desejos pré-genitais. A fixação na fase oral é o cerne do desejo de onipotência infantil, o jogador neurótico, confunde a saudade desta onipotência pelo sentimento de que é onipotente. No jogo é onipotente, como se buscasse uma forma de se reencontrar com a mãe da infância.

Lindner (1950, citado por Rosenthal, 1997) aproximou-se conceptualmente da teoria de Freud no que concerne à ênfase dada à rivalidade edipiana. Os seus contributos surgiram a partir de uma análise de dois anos, a um paciente jogador que se encontrava preso por roubos

e fraudes relacionadas com o jogo. Este paciente começou a jogar após a morte do seu pai. A partir deste momento começou a pensar, num plano inconsciente, que os seus desejos mataram o seu pai. Para o analista quando o seu paciente ganhava, experienciava uma confirmação da sua onipotência e desistir desta onipotência ficcional seria uma grande perda. Lindner destacou ainda o facto, do seu paciente sofrer de masturbação compulsiva crónica desde a infância mas que parou quando começou a jogar, como se jogar substituísse a masturbação. O autor não estava de acordo com a nosologia de jogo compulsivo dentro das perturbações de impulsos nem mesmo com as similitudes com as perversões ou adições. Seria então uma neurose obsessiva mas que em nenhuma altura esta compulsão era egossintónica mas sim “ego-alien” ou distónica.

Gladston (1951;1960 citado por Rosenthal, 1997) baseou-se em revisões de literatura e no tratamento falhado de um paciente. Jogar será uma questão de sorte, esta sorte simboliza a mãe. O jogador busca obsessivamente a aprovação e o amor da mãe mas como não poderá tê-lo em definitivo continua a sua busca. Assim o autor propôs que a dinâmica das relações com alguém amado são idênticas às encontradas no jogo. Para Rosenthal (1997) Gladston falhou ao não explicar o porquê do jogador não ficar satisfeito quando encontra alguém que o ama de verdade. Propõe então que a busca comece pelo porquê do paciente não se permitir amá-la, justificando que frequentemente o jogador patológico tem que negar a sua dependência e desvalorizar a importância que tem o outro.

Para Bolen e Boyd (1968, citado por Rosenthal, 1997) o jogo patológico deve ser visto como um conjunto complexo de sintomas e de manobras defensivas presentes numa vasta variedade de doenças psiquiátricas, em vez de apenas numa só patologia. Através do tratamento com jogadores patológico, Bolen e Boyd perceberam que estes começavam a jogar compulsivamente após uma crise ou situação de stress – divórcio, morte de um pai, nascimento do primeiro filho, negócios falhados ou por outro lado uma promoção no trabalho. Mas o que seria de maior relevância para os jogadores patológicos era a morte dos pais. Analisando este facto à luz do complexo de Édipo, o jogo representaria uma defesa maníaca, uma depressão secundária para a perda e uma percepção de impotência perante a inevitabilidade que é a morte. A plena consciência da inevitabilidade leva-os a agir de modo onipotente como na infância. Assim o jogo funcionaria como se desse ao jogador uma ilusão de poder, de domínio e de controlo perante a indeclinável morte, no entanto esta ilusão é transitória e a solução necessita de ser repetida dando início à adicção.

Ainda de acordo com os autores, a relação jogo-jogador poderia comparar-se a uma relação simbiótica com a mãe na primeira infância. Nessa fase a pessoa teria tido dificuldade em separar-se da mãe reflectindo-se no seu desenvolvimento e na criação de vínculos futuros.

Nas últimas décadas do século XX a investigação psicanalítica centrou-se no desenvolvimento precoce, mais especificamente nos problemas de identidade, assim sendo os sintomas neuróticos foram “substituídos” pelas perturbações narcísicas e borderline. Kohut (1981) foi um dos grandes impulsionadores desta mudança, e apresentou um novo modelo que estava mais interessado nas falhas no desenvolvimento infantil e menos nos conflitos psíquicos.

Na literatura são várias as investigações que encontram relação entre as perturbações narcísicas e o jogo patológico (Taber, 1982; Roston, 1961; Livingston, 1974; Custer & Milt, 1985 citado por Rosenthal, 1997). As ideias grandiosas de poder compensam o sentimento de uma auto-estima empobrecida, as retiradas rápidas e raivosas quando não encontram a admiração e a atenção do outro, o encanto que encobre a incapacidade de partilhar sentimentos íntimos e afectuosos, são todas características encontradas, na prática clínica, com jogadores patológicos.

No trabalho desenvolvido com jogadores patológicos, Rosenthal (1997) confirmou tais aspectos narcísicos na personalidade do jogador. Os indivíduos com personalidade narcísica buscam constantemente testar os outros, desafiá-los para que possam perceber onde é o seu lugar, ou apenas pelo seu direito em ter um. Assim o jogador patológico não procura, somente, a punição para o seu sentimento de culpa, ele está envolvido numa género de provocação onipotente, um desafio constante ao perigo para que possa atestar o seu poder e o controlo. O autor destaca que em ambos os casos existe uma espécie de moral superior onde podem passar por cima da lei sem serem punidos por isso. Paralelamente a estas ideias, outros terapeutas vêem nos pacientes com personalidade narcísica, uma falta de coesão do self como resultado de falhas no desenvolvimento do mesmo. Nesta linha de pensamento existem falhas na auto-regulação interna que compelem o sujeito a seguir uma série de actividades estimulantes, na tentativa de se auto-regular (álcool, drogas, exercício físico, relações sexuais, entre outras actividades estimulantes).

Na literatura parece existir um hiato desde os meados dos anos sessenta no que concerne à investigação psicanalítica no âmbito do jogo. Actualmente encontram-se mais investigações de carácter psicobiológico e cognitivo-comportamental, o que não invalida que não existam analistas a trabalhar com jogadores patológicos de acordo com o referencial teórico psicodinâmico.

3. As Relações de Objecto e a Teoria da Vinculação

Partindo da hipótese que as adições são uma perturbação com a sua origem nas relações precoces, e em particular na vinculação (Flores, 2012), parece-nos de grande importância entender os aspectos relacionais da infância do jogador. As falhas nas relações mais precoces podem dar origem a angústias ou incertezas de reencontrar um objecto de amor, que se estenda durante a vida, podendo levar a pessoa a um processo de dependência de objectos ou comportamentos durante toda a sua vida.

De acordo com esta ideia-chave acerca daquilo que somos, encontramos duas perspectivas vistas como importantes bases teóricas na compreensão das experiências relacionais durante a infância com as figuras significativas e das suas consequências desenvolvimentais futuras ao nível das relações interpessoais e da estruturação da personalidade: a Teoria das Relações de Objecto e a Teoria da Vinculação. Para Bowlby (Teoria da Vinculação) as relações precoces irão funcionar como um modelo para as relações futuras, influenciando também as expectativas que cada indivíduo tem acerca de si mesmo, e influenciando as competências sociais e o bem-estar ao longo da vida (Collins & Read, 1990). Na teoria das Relações de Objecto a ideia central consiste numa constante e recíproca interacção entre o passado e o presente, o mundo interno e o mundo externo, no estabelecimento das relações interpessoais e no desenvolvimento das representações. Os esquemas envolvem a internalização do objecto e da relação e a representação do *self*, que proporcionam, por sua vez, uma organização para o sujeito se posicionar nas relações interpessoais subsequentes (Blatt, 1990).

Deste modo, a investigação no campo das relações de objecto e da teoria da vinculação permite-nos compreender a forma como o sujeito desde muito pequeno se relaciona com aqueles que são ou que se tornam nas suas figuras de prestação de cuidados, e de como estas relações podem ser preditores da forma como se relaciona mais tarde. Esta investigação será útil se puder contribuir para compreender como é que determinados tipos de relações, nomeadamente experiências da infância, poderão associar-se a um estilo de vida adulto, representado por uma adicção.

3.1. A Teoria das Relações de Objecto

O conceito de relações de objecto foi introduzido pela escola psicanalítica, nascendo de um movimento de fortes transformações históricas que contribuiriam para a mudança do “objecto” de análise. Assiste-se assim ao “abandono” da importância dada ao desenvolvimento psicosexual da Teoria da Líbido de Freud na demanda de novos alcances terapêuticos a que a psicanálise clássica não chegava, tais como as psicoses e as perversões (Green, 2003). Deste modo surge um grupo de teóricos que apreendem as referências deixadas por Freud mas que vêem as relações de objecto como algo primário e não adquirido (Ainsworth, 1968).

Assim, no pós Segunda Guerra Mundial surge o movimento originário na Escola Húngara de Psicanálise, liderado por Ferenczi, que defende a existência de relações de objecto, ainda que primitivas, desde o início da vida psíquica (Ainsworth, 1969). Mas a evolução efectiva da Teoria das relações de objecto, dá-se maioritariamente pelas mãos de Melanie Klein e William Fairbairn ampliando a concepção do objecto na sua relação com o sujeito mas também do objecto interno, isto é, incorporado (Mitchell, 1981).

Melanie Klein no seu trabalho com crianças muito pequenas notou que desde muito cedo a criança demonstra gratificação por quem a alimenta, quer quando pára de mamar para olhar para a cara da mãe quer quando mais tarde esboça um sorriso ou percebe que há uma mudança de expressão (Ainsworth, 1968): "the newborn infant unconsciously feels that an object of unique goodness exists, from which a maximal gratification could be obtained and that this object is the mother's breast" (Klein, 1952. p. 265).

Um conceito substancialmente alargado por Klein foi a noção de objectos internos, bons e maus. Para a autora os maus objectos derivam internamente, isto é, surgem das próprias pulsões da criança enquanto, os bons objectos são internalizados através da acção benéfica dos pais. Esta ideia de que ambos os objectos são internalizados foi contestada por Fairbairn que à *posteriori* desenvolveu e alargou estes conceitos, onde se destaca a importância da percepção da criança sobre os pais e no envolvimento com eles com pessoas reais (Greenberg & Mitchell, 2003). Para o autor os bons objectos são internalizados e retidos como memórias, para que a experiência satisfatória possa ser recordada com prazer. Assim a experiência externa é suficiente para satisfazer as necessidades, não existindo necessidade em estabelecer objectos internos. Portanto os objectos só são internalizados quando a relação se transforma numa situação de mau objecto, como por exemplo, quando o objecto o abandona, o pune ou se mostra indiferente. Estas experiências podem, então, ser vividas como rejeição,

perseguição ou ataques sendo internalizadas para que possam ser transformados em bons objectos na realidade interna. No entanto, para Fairbairn, estes maus objectos não são transformados e no mundo interno inconsciente permanecem rejeitantes e indiferentes tornando-se parte da estrutura psíquica da personalidade. (Guntrip, 1992). Apesar de muitas das concepções de Fairbairn não serem consensuais, estas tiveram o seu contributo no desenvolvimento das teorias estruturais e relacionais de Balint e Bowlby que iremos abordar no próximo capítulo.

Outro autor relevante no campo das relações de objecto foi D. W. Winnicott, pediatra e psicanalista, que remeteu grande parte da sua teoria para a compreensão dos estágios mais primitivos do desenvolvimento emocional do ser humano. Na sua vasta experiência clínica com crianças pequenas, incluindo psicóticos, entendia que o estudo do desenvolvimento e da psicopatologia das crianças se afasta das formulações de Freud e de Klein (Greenberg & Mitchell, 2003). Assim o seu maior contributo residiu na premissa de que a pessoa só pode ser descrita e compreendida na interacção com o meio numa abordagem que assenta num modelo relacional/estrutural.

De acordo com Winnicott (1965/1993) a mãe e o bebé formam primeiramente um todo, ficando o bebé fundido com o self da mãe. Progressivamente, vão-se separando porque a criança vai adquirindo novas habilidades. Neste processo vai existir um abandono, gradual, que permitirá à criança experienciar e tolerar a frustração. Assim através de uma *mãe suficientemente boa*, a criança irá usufruir das condições necessárias para um bom desenvolvimento bem como para a criação de um self verdadeiro. Deste modo o foco do seu estudo é a emergência do Eu e para tal concentrou-se na relação mãe-bebé. Para o autor as bases da primeira infância são moldadas no primeiro ano de vida pela “mãe” através do ambiente favorecido por esta (Winnicott, 1948a). Assim a mãe providencia ao bebé experiências que permitam que o Eu iniciante do bebé surja e a criança organiza estas experiências assente na percepção que tem da forma como a mãe as organizou. Para o autor o conceito de *mãe suficientemente boa*, referido anteriormente, está assente em três estágios: *holding*, *handling* e *apresentação de objectos*.

Para Winnicott (1965/1963) a capacidade de *Holding* - capacidade da mãe suste, conter, securizar e apoiar o seu bebé – é crucial no desenvolvimento de um bebé uma vez que fornece apoio egóico anterior ao estabelecimento da integração do ego. A capacidade de *handling* contribui para a aprendizagem do que é real e irreal. É a capacidade materna que ajuda o bebé a perceber o seu corpo, através da higiene e do vestir por exemplo. Uma carência neste campo pode provocar problemas futuros na coordenação e na percepção do seu próprio

corpo. A *apresentação de objectos* está ligada ao momento em que a criança começa a relacionar-se com objectos, o que leva a um impulso de realização. Uma falha nesta função pode dificultar o desenvolvimento da capacidade da criança de sentir-se real na sua realização com os objectos e acontecimentos.

Outro elemento fundamental no desenvolvimento do bebé é a capacidade deste em estar só, uma vez que possibilita uma experiência de ausência e de solidão fundamental no desenvolvimento do Eu pessoal estável. Neste contexto a relação com os objectos transitivos – objectos que permitem criar a ilusão de um suporte na realidade externa – ajudam o bebé a dar sentido a si mesmo como um ser entre outros seres (Greenberg & Mitchell, 2003). Estar bem sem o objecto significa que este foi internalizado, o que dá uma ideia de bem-estar psíquico. Para Winnicott (1965/1963) a capacidade de brincar permite a construção e a apropriação da realidade interna e externa, assim expressa as suas fantasias inconscientes de forma a experimentar e controlar a realidade. Na teoria de Winnicott existem outros elementos que dão conta de uma internalização do objecto, tal como a capacidade de envolvimento e o sentimento de culpa. A capacidade de envolvimento refere-se à habilidade em começar a importar-se com o outro e um ambiente suficientemente bom potencia tal capacidade. Se pelo contrário tal não suceder as defesas mais primitivas, clivagem e desintegração, podem ocupar o seu lugar. Por último o sentimento de culpa surge à medida que a criança integra os aspectos da mãe-objecto e da mãe-ambiente, assim envolve-se num sentimento particular de angústia, equivalente à posição depressiva de Melanie Klein. Nesta fase a criança percebe que pode conciliar as ideias de destruição e de amor no mesmo objecto no caminho para a elaboração da ambivalência (Winnicott, 1966/1987b).

Assim todo o processo de desenvolvimento saudável, dependerá de um ambiente que seja facilitador, de uma mãe que espelha e contém, e que permite o desenvolvimento e internalização de uma relação de objecto.

3.2. A Teoria da Vinculação

A tão complexa questão da relação mãe-filho lançou um vasto repertório de respostas provenientes de diferentes linhas teóricas de forma a explicar a atracção do ser humano em criar laços emocionais com outros seres, a teoria da vinculação de John Bowlby (1958, 1969/1990) é uma delas. Bowlby, psiquiatra e psicanalista inglês, baseou-se na biologia, etologia, nas teorias cognitivas e emocionais para ganhar mais força junto de uma série de conhecimentos que já possuía, nomeadamente dos conhecimentos psicanalíticos (Bretherton,

1998). Bowlby partiu de uma visão psicanalítica através da escola das relações de objecto, afirmando que é a relação e não a pulsão, a principal origem do desenvolvimento psicológico. Naquela época, Bowlby desafiou a psicanálise ortodoxa, de forma directa e clara. Estava contra a natureza fechada dos círculos psicanalíticos de então, discordava de muitos dos conceitos reconhecidos e da linguagem usada pela psicanálise. Raramente interpretava o material clínico em termos edípicos, o que talvez explique o fato de não ter sido reconhecido pela comunidade psicanalítica internacional durante a maior parte de sua vida profissional (Marrone, 2001).

Deste modo a teoria da vinculação tem como ideia base que à nascença, um bebé só poderá sobreviver se existir um adulto que ofereça protecção e cuidados, assim a criança aprende a desenvolver comportamentos que favorecem a protecção e a prestação de cuidados que serviram de base na sua vida adulta.

Na sua obra, Bowlby (1958, 1969/1990), revolucionou não apenas a psicanálise mas também a psicologia do desenvolvimento, propondo que a relação mãe-filho passasse a ser designada de sistema de *attachment* (vinculação ou apego). Nos seus diversos estudos teórico-práticos revelou que o sistema de vinculação entre a mãe e o filho é algo inato e extremamente útil para a sobrevivência da espécie, juntamente com outros sistemas também importantes, exploração, prestação de cuidados, afiliação e ligação sexual. Para Bowlby (1980) o sistema de vinculação é composto por diversos comportamentos (ex: sucção, chorar, sorrir, seguir e colagem) os quais são aspectos particulares do relacionamento e interagem com outros sistemas que controlam a interacção do sujeito com o mundo que o rodeia. Até à década de 50 pensava-se que a natureza e a origem dos vínculos afectivos entre indivíduos desenvolviam-se porque existia a necessidade de satisfazer impulsos, assim os instintos estavam classificados em grupos primário e secundário, o primeiro relacionado com as necessidades básicas e o segundo relacionado com a dependência e outras relações pessoais (Bowlby, 1980). A teorização de Bowlby pretendia assim, examinar quais as implicações perante a perda ou separação temporária da figura materna partindo da compreensão do vínculo que a liga a essa figura, como iremos ver mais à frente.

Bowlby (1969/1990) diferenciou a vinculação e os comportamentos de vinculação. A vinculação diz respeito a uma forma de comportamento no qual uma pessoa consegue manter a proximidade a outro indivíduo, é uma procura de contacto com uma pessoa significativa, fundamental para o desenvolvimento da personalidade. O comportamento de vinculação está relacionado com a manutenção dessa proximidade de modo a reforçar o contacto. Para o autor, o primeiro ano de vida do bebé funda uma relação singular com a figura cuidadora,

através da interação o bebé solícita que as suas necessidades de segurança e protecção sejam atendidas, do outro lado, o adulto provendo estes cuidados fará com que a criança se sinta segura perante situações de ameaça. É este sentimento de segurança que fará com que a criança explore o seu mundo e se adapte às exigências do meio.

De acordo com Zavasch et al. (2001), para Bowlby o tipo de relação que o bebé cria com a mãe no início da vida, juntamente com as demais figuras parentais e as experiências em família, levam-na a construir modelos internos de como deverá comportar-se em diversas situações, criando, então, experiências interactivas que lhe permitirão elaborar planos de comportamento perante situações futuras.

Estas concepções foram posteriormente desenvolvidas através da observação sistemática de crianças, trabalho este liderado por Ainsworth et al. (1978) que partiu do pressuposto que as crianças devido ao seu temperamento e também às experiências de vida, possuem diferentes antecipações dos cuidadores. Ainsworth desenvolveu um método experimental de observação da vinculação a que chamou “Situação Estranha”. Este teste consistia, entre outras coisas, em separar brevemente a criança dos seus cuidadores (pai ou mãe) num quarto estranho que eles podiam explorar e brincar e depois reuniam-se novamente com o cuidador. O que se pretendia observar com este teste era a capacidade da criança em explorar o meio quando está ausente do seu cuidador e quando este está presente, por outro lado pretendia também perceber qual a reacção da criança perante a pessoa que cuida quando esta está presente, quando se afasta e quando regressa (Howe, 1997). Baseado neste estudo Bowlby (1980) resumiu assim os três principais padrões de vinculação propostos por Ainsworth et al. (1978):

- Vinculação segura – onde o cuidador (especialmente a mãe) é sensível às necessidades da criança e promove a confiança de que os pais estão sempre disponíveis, caso ela se depare com uma situação adversa. Através desse modelo, o indivíduo sente-se protegido e apto para explorar o mundo;
- Vinculação ambivalente (ansiosa-resistente) – neste caso os pais só estiveram disponíveis algumas vezes, levando o bebé a vivências de separação e ameaças de abandono, usadas pelos pais como meio de controlo. Assim o indivíduo já não está certo quanto à disponibilidade dos seus cuidadores o que conseqüentemente provoca angústia de separação e ansiedade perante a sua exploração do mundo;
- Vinculação evitante – neste padrão de vinculação os indivíduos não estão certos que ao procurarem afecto obterão ajuda, esperam, sim, serem rejeitados. Gerando uma falta de confiança que se poderá traduzir numa vivência emocional auto-suficiente.

Em resumo a vinculação segura significa que a criança tem uma expectativa de que a mãe estará disponível e que a criança merece ser amada, tal só será possível através de respostas parentais adequadas. Quando a criança se sente angustiada procura a sua figura parental e recebe uma resposta positiva, e noutras alturas é capaz de interagir de forma confiante com as situações futuras. A criança compreende-se, bem como compreende os outros como seres, cuja conduta está organizada por estados mentais, pensamentos, sentimentos, crenças e desejos. Na vinculação insegura falha a expectativa da criança de que o cuidador estará disponível ou há uma resposta inadequada do prestador de cuidados. Aqui, numa situação de ameaça a criança pode apresentar uma vinculação evitante onde há uma menor importância perante a ausência do cuidador, não procurando a proximidade nem mostrando sofrimento com a separação. Por outro lado na vinculação insegura a criança pode tornar-se hiper-vigilante, entrando facilmente em sofrimento, e é difícil de reconfortar numa reunião, o que podemos denominar de vinculação ambivalente (Ainsworth, 1969).

Assim, principalmente no primeiro ano de vida, a criança desenvolve um Modelo Interno Funcional, uma “lente” a partir da qual o indivíduo vai ver o mundo e a si próprio (Bowlby, 1990). Estas representações ou modelos internos são construídos no contexto das relações com as figuras de vinculação e vão permitir a organização da experiência sob a forma de representações generalizadas sobre o self, o objecto/figura de vinculação e as relações. Estas facultam um mecanismo de continuidade de actuação dos estilos de relação estabelecidos precocemente, que determinam as relações estabelecidas posteriormente na idade adulta (Lima *et al.*, 2006; Collins & Read, 1990).

A confiança de que uma figura de vinculação é, para além de disponível, responsiva pode ser vista através de pelo menos duas variáveis: (a) se a figura de vinculação é vista como o tipo de pessoa que em geral responde a pedidos de suporte e protecção; e (b) se o self é visto como o tipo de pessoa em relação à qual alguém, e em particular a figura de vinculação tende a responder de maneira apoiante. Logicamente estas duas variáveis são independentes. Mas na prática tendem a confundir-se. Como resultado, o modelo da figura de vinculação e o modelo do self tendem a desenvolver-se de forma complementar e mutuamente confirmatória (Bowlby, 1973. P. 238).

Em suma, a criança, desde que nasce constrói estes modelos internos funcionais que lhe transmitem a responsividade e disponibilidade do prestador de cuidados. Estes por sua vez, estão plenos de relações baseadas em vinculações e que vão permitir à criança

estabelecer um contacto com o seu cuidador mesmo na sua ausência. Se o sujeito experimentou situações de rejeição pela figura de vinculação, o Modelo de Funcionamento Interno será composto por um cuidador rejeitante em interacção com um self sem valor e ineficaz. Por outro lado se o cuidador oferece amor e atenção, o Modelo Interno de Funcionamento será composto por um progenitor que ama em interacção com um self eficaz e com valor. No fundo todas estas interacções repetidas na díade levam a que as crianças aprendam o que esperar e ajustem o seu comportamento de acordo com isso (Bowlby, 1989). Perante dificuldades de estabelecer ligações afectivas que podem estar relacionadas à forma como os pais desenvolveram seus papéis, Bowlby, (1982/2001; 1977) através da sua prática clínica, identificou alguns padrões de parentalidade patogénica que podem desencadear uma vinculação ansiosa, assinalada por uma ansiedade constante, podendo ocorrer na infância e também na idade adulta:

- Ausência de respostas aos cuidados da criança e/ou depreciação e rejeição;
- Descontinuidade da parentalidade;
- Ameaças persistentes por parte das figuras paterna, de não amar a criança e de abandono, como forma de controlo, de disciplina ou de coacção ao cônjuge;
- Ameaças, por parte de uma das figuras paternas, em abandonar, morrer ou matar;
- Indução de culpa à criança como responsável por uma doença ou morte de uma das figuras paternas.

3.3. Vinculação na vida adulta

A partir da década de 80 os investigadores debruçaram o seu interesse na vinculação na idade adulta, partindo da ideia de que a natureza das relações íntimas na idade adulta é influenciada pelos acontecimentos precoces da infância com os seus cuidadores (e.g. George, Kaplan & Main, 1984). A cada momento da sua vida o sujeito irá funcionar nos níveis psicológico, psicossomático e psicossocial e estes dependerão, fundamentalmente, da segurança estabelecida na relação de vinculação durante a infância e a adolescência. De acordo com Zavachi et al. (2001), normalmente a maioria dos indivíduos mantém o vínculo estabelecido com as figuras de vinculação no decorrer da vida adulta. Nesta fase o sistema de vinculação não é tão frequente do que na infância e o adulto tem uma maior capacidade em lidar com as perdas e separações, procurando segurança noutra adulto. Já na velhice, quando o comportamento de vinculação não pode ser dirigido para uma geração mais velha, passa a ser direccionado para as gerações mais novas.

Os autores Shaver & Clark (1994) resumiram alguns estudos realizados nesta área, centrando-se nos três tipos de vínculo propostos por Ainsworth:

- Os adultos evitantes parecem estar desinteressados das relações íntimas e têm uma maior taxa de rupturas que os seguros. Tendem a descrever os pais como frios e rejeitantes existindo uma propensão para terem um pai alcoólico.

- Os adultos ansiosos e ambivalentes tendem a descrever os pais como injustos e intrusivos. Têm uma maior tendência para terminarem relações e têm a esperança que uma nova relação trará uma “resposta”. Tendem a ser argumentativos, intrusivos e controladores.

- Os adultos seguros investem nas relações. Têm uma boa auto-estima, sentindo-se apreciados pelos seus pares. Quando angustiados procuram apoio nos outros e vice-versa.

Outro estudo importante nesta área, proposto por Bartholomew (1990) descreve quatro tipos de vinculação no adulto, discordando dos autores anteriores. O tipo seguro (imagem do self positiva e imagem do outro positiva), caracterizado pela elevada auto-estima, ausência de problemas interpessoais graves, relações adultas preenchantes e a capacidade de estar confortável com a intimidade. No estilo ansioso/ambivalente há uma representação negativa de si mas positiva do outro. O autor propôs ainda, em relação ao estilo evitante-receoso, uma distinção, por um lado podemos encontrar um estilo evitante-receoso (“fearful-avoidant”) que deseja a proximidade mas que a evita receando as suas consequências. E aqui o sujeito tem uma representação de si e dos outros negativa, e por outro lado, um estilo evitante-desligado (“fearful-avoidant”) que nega qualquer tipo de relação com o outro associando uma representação de si positiva a uma representação negativa dos outros (Bartholomew & Horowitz, 1991 citado por Moreira et al, 2006).

Para além destes estudos, o próprio trabalho clínico sugere que os estilos de vinculação na infância permanecem ao longo da vida nos relacionamentos íntimos, assim, parece ser de comum acordo, que são trazidas para as novas relações íntimas o que foi experienciado nas “velhas” relações de vinculação (Bowlby, 1989).

3.4. Vinculação e o jogo Patológico

Os mais recentes trabalhos da teoria da vinculação e da psicologia do Self apontam para a ideia de que os tipos de vinculação interferem com a capacidade de um indivíduo obter satisfação nas suas relações interpessoais, por sua vez os modelos internos funcionais acentuam esta dificuldade (Flores, 2012). Para Ainsworth (1989) as dificuldades de vinculação deixam os indivíduos vulneráveis a comportamentos compulsivos como um

comportamento compensatório das suas carências. Serão as máquinas e as mesas de jogos os novos substitutos das relações de vinculação? Caminhamos para uma tal evolução ao nível da engenharia e da tecnologia, ao ponto de transformar máquinas em ferramentas vinculatórias? Podem não passar de especulações mas levantam questões éticas que não devem ser ignoradas.

Ao nível da literatura, o conceito de vinculação é pouco estudado no que concerne à sua associação com o jogo patológico, no entanto existem estudos que comprovam a existência de dificuldades de relacionamento com as figuras parentais e de vinculação. Num estudo realizado no Perú (Arcay et al, 2012), os jogadores patológicos apresentam valores mais baixos na segurança da vinculação aos seus pais, de 17% a 30% em comparação com o grupo de não-jogadores, de 40% a 60%. Por outro lado quando comparadas estas duas amostras, os jogadores percebem os seus pais como negligentes. Numa investigação realizada por Magoon & Ingersoll (2006) em população adolescente, onde 16% foram considerados jogadores problemáticos, a vinculação parental estava associada com o aumento dos níveis de jogo nos adolescentes. Para além disso, quando a influência dos pais foi moderada pela influência dos pais houve um efeito moderador sobre o comportamento de jogo. Noutro estudo levado a cabo pelos mesmos autores, com adolescentes, foram encontradas influências parentais como um dos componentes principais para jovens em risco para o jogo e problema com jogo (Magoon & Ingersoll, 2003). Numa investigação realizada com mulheres adictas (jogo, drogas, álcool) encontrou-se uma forte associação entre os comportamentos adictos e a falta de vinculação emocional com os pais (Korolenko & Donskih, 1990).

Noutra linha de investigação tentou-se perceber se os jogadores patológicos e os jogadores patológicos do mercado de acções diferem, ou não, dos não-jogadores em termos de relações de objecto (Lear, 2002). Concluiu-se que os jogadores patológicos e jogadores patológicos do mercado de acções diferem dos não-jogadores, uma vez que apresentam valores mais baixos nas relações de objecto e mais altos na subescala de vinculação insegura (Bell Object Relations and Reality Testing Inventory).

Apesar da pouca investigação existente que associe o jogo à teoria da vinculação, especialistas familiarizados com esta e com a psicologia do self, reconhecem a associação entre a adicção e uma vinculação interpessoal (Flores, 2012). Para além disso, a teoria da vinculação é uma das alternativas mais credíveis para esclarecer a etiologia e o tratamento da adicção, uma vez que também reconhece os contributos de outras perspectivas. Estes modelos relacionais têm uma forte implicação no tratamento das adicções, uma vez que, não se centram apenas no conceito de doença mas providenciam um modelo teórico mais complexo,

explicando o porquê dos grupos de ajuda mútua resultarem mais eficazmente que qualquer outro tratamento (Flores, 2012). No fundo a teoria da vinculação mantém a ideia que o uso de um determinado objecto de adicção é ao mesmo tempo, a solução e a consequência da inabilidade da pessoa em manter vínculos interpessoais saudáveis. Assim segundo Bowlby (1980) para colmatar esta dificuldade em estabelecer vínculos interpessoais a pessoa deve encontrar alguém que lhe forneça uma base segura, contribuindo de forma recíproca numa relação mutuamente gratificante.

Para Valleur (2005) é de suma importância entender os aspectos da infância de um jogador, bem como, as relações mãe-filho uma vez que uma ligação da criança com uma mãe do tipo “ansioso ou não seguro” pode ocasionar uma angústia relativa à falta ou à incerteza de reencontrar o objecto de amor, que se prolonga durante a vida, dando início a um processo de dependência de outros objectos durante a sua vida adulta.

Como já vimos anteriormente a relação mãe-bebé é decisiva para o modo de organização do funcionamento psíquico do bebé. Muitos dos autores que estudaram os comportamentos aditivos atribuem basicamente estes transtornos, sendo decorrentes de uma falha no desenvolvimento psicoemocional primitivo. No desenvolvimento das teorias psicanalíticas, da “Escola das Relações de Objecto” emergiu um foco de estudo no campo das adicções, o estatuto do objecto-droga como forma a complementar a teoria das pulsões no âmbito das toxicodependências (Gurfinkel, 2007). O objectivo desta mudança fundava-se no questionamento da natureza do vínculo que liga o individuo ao objecto de adicção. “Até que ponto esse vínculo, que caracterizar uma relação de dependência, pode ser compreendida à luz de modelos e experiências de relação de objecto vividas nos momentos iniciais do desenvolvimento emocional?” (Gurfinkel, 2007 p. 15).

Assim as falhas ocorrem quando o bebé não consegue viver o luto da separação fusional com a mãe, o que levará a uma busca incessante e compulsiva, do objecto perdido, sob a forma de uma adicção, não conseguindo alcançar a simbolização a acção ocupa o lugar do pensamento. Winnicott (1971, citado por Gurfinkel, 2007) propõe que perante a ausência de uma imagem mental da mãe o bebé sobreinveste no uso do objecto transaccional como tentativa de negar a ameaça do objecto se tornar sem sentido. A propósito do conceito de transicionalidade, Winnicott refere que esta é a matriz da simbolização. Representando a mudança de um estado em que o bebé está fundido com a mãe para outro em que está em relação com ela, como algo externo.

Para o autor, o objecto transicional estaria assim, representando uma transição entre o mundo do imaginário e o da realidade (chupeta, almofada, manta, peluche) e ocupa um lugar

e uma função no espaço transicional (ou espaço da ilusão). Na perspectiva do autor a adicção pode ser expressada como uma regressão a uma fase muito primitiva onde os fenómenos transicionais não são contestados. McDougall (1995), chama-o, de *objeto transicional patológico*, não promovendo a transição para o registo da linguagem ou pensamento, não ocorrendo a introjecção da função materna, não favorecendo o desenvolvimento psicoemocional. De acordo com a autora, o objecto de adicção é investido de qualidades benéficas, portador de sentido, oferecendo a ilusão que atenua as dificuldades sentidas, o que representa uma regressão à economia psíquica da primeira infância.

Em suma uma relação aditiva não permite que o indivíduo obtenha a possibilidade de utilizar os seus recursos psíquicos para superar as tensões ou excitações, colocando em perigo a sua capacidade em estar só. Esta incapacidade vai provocar no sujeito, uma ideia incessante de colmatar a falha/vazio que sente, procurando no mundo externo um substituto para os objectos internos que lhe faltam. O jogo (objecto de adicção) tem aqui a função de suprimir este vazio, transformando o comportamento aditivo num sistema de alívio contra todos os objectos ameaçadores e persecutórios.

De acordo com Câmara (2008) assistimos a uma multiplicação dos comportamentos aditivos e a uma perda na ligação aos objectos reais, à emoção e à relação mãe-criança. Assim o sujeito passa a utilizar objectos não humanos uma vez que a sua constância e disponibilidade, permitem que sejam utilizados face aos terrores irrepresentáveis, originados na relação de objecto primário. O sujeito que não aprendeu a lidar com as emoções desorganizantes, encontra nestes objectos não humanos um refúgio para lidar com as emoções negativas, fazendo com que o investimento nas condutas de risco e de objectos concretos seja uma das saídas possíveis.

Tendo em vista todos estes constructos teóricos, suportado pelos dados obtidos através de investigações empíricas, pretendeu-se com o presente trabalho, através das próprias vivências dos jogadores patológicos, reproduzir conhecimento que contribua para um maior entendimento dos aspectos relacionais na questão da dependência do jogo.

I. Método

Neste capítulo irão ser apresentados os objectivos do estudo, o tipo de desenho de investigação bem como a descrição dos sujeitos e procedimentos. A pesquisa baseou-se num método qualitativo para que a recolha dos dados fosse mais aprofundada e detalhada de modo a incluir os pensamentos e emoções de cada participante. Através deste método procurou-se explorar o particular e o subjectivo de cada sujeito, bem como, comparar as narrativas autobiográficas apresentadas por todos os participantes.

Objectivos

A complexidade do tema e a ausência de pesquisas sobre os jogadores patológicos, principalmente quando assistimos a uma proliferação em massa dos jogos online, leva-nos a reconhecer que é, cada vez mais, pertinente compreender a história de vida dos jogadores. Deste modo o presente estudo tem como objectivo entender as dinâmicas das relações objectais/vinculação na vivência de cada um destes jogadores patológicos. E de como estas dinâmicas podem ser factores de vulnerabilidade à dependência.

Participantes

Os participantes desta pesquisa foram quatro jogadores patológicos, três do sexo masculino e um do sexo feminino com idades compreendidas entre os 22 e os 70 anos (ver Tabela 1 e 2).

O José tem 70 anos, descreve-se como muito competitivo desde criança, participando em diversos jogos como matraquilhos e *snooker*. Sempre gostou de desafios e no Ultramar começou a jogar a dinheiro, à “lerpa”. Quando regressou a Portugal, começou a jogar de uma forma mais sistemática, uma vez que possuía dinheiro, recebido em Portugal dos tempos que esteve na Guerra Colonial. Após várias décadas a jogar de um modo constante, recebeu uma indemnização que lhe permitiu começar a jogar de forma compulsiva. Esta fase fez com que o José contraísse dívidas que ainda hoje continua a pagar, após mais de 6 anos sem jogar. O contacto com os jogadores anónimos, fê-lo tomar consciência de um problema que desconhecia. No início conjugou as reuniões com psicoterapia mas actualmente só assiste às

reuniões, mencionando o programa dos 12 passos como um programa de espiritualidade que apenas alguns adictos têm acesso (Ver anexo B).

A Eva tem 60 anos e jogou pela primeira num casino quando tinha 43 anos. Após quase um ano sem jogar, volta novamente a um casino e a partir desta data começa a jogar quase diariamente. Descreve-se como competitiva e o seu jogo de eleição eram as *slotmachines*. Joga compulsivamente durante 12 anos, contraindo dívidas que a colocam numa situação financeira bastante delicada. Está sem jogar há quase um ano e para tal tem contado com o suporte dos Jogadores Anónimos e de psicoterapia semanal (Ver anexo D).

O António tem 22 anos e joga desde os 15 anos. Começou por jogar on-line utilizando pequenas quantias de dinheiro que conseguia arranjar. Aos 18 anos vai estudar para outra cidade, o que lhe permitiu ter acesso a maiores quantias de dinheiro, aqui começar a jogar de forma compulsiva, quer em jogos on-line quer no casino. Após um ano a jogar intensivamente surgem as primeiras consequências, que o levam a procurar os Jogadores Anónimos. Neste percurso teve uma recaída mas actualmente está sem jogar há 3 anos contando com o apoio dos Jogadores Anónimos e de psicoterapia semanal (Ver anexo F).

O Miguel tem 35 anos e começou a jogar on-line aos 28 anos. Inicialmente jogava poker on-line mas rapidamente começou a jogar em apostas e posteriormente em casino. Jogou de forma compulsiva durante 4 anos, no entanto, a descoberta do seu problema levou-o a procurar ajuda através dos Jogadores Anónimos. A determinada altura do seu tratamento recorreu a um psicólogo especializado no tratamento do jogo. Actualmente conta, exclusivamente, com o apoio dos Jogadores Anónimos (Ver anexo H).

Tabela 1- Dados sociodemográficos dos participantes

| Participantes | Idade | Estado Civil | Profissão | N. Filhos | Escolaridade |
|----------------------|--------------|---------------------|--------------------------|------------------|---|
| José | 70 anos | Divorciado | Reformado | 2 | Frequência universitária (2º ano Direito) |
| Eva | 60 anos | Divorciada | Professora do Secundário | 3 | Licenciada |
| António | 22 anos | Solteiro | Gestor de Marketing | 0 | Licenciado |
| Miguel | 35 anos | Divorciado | Engenheiro Civil | 3 | Licenciado |

Tabela 2- Comportamentos de jogo

| Participante | Tipo de Jogo | Frequência Semanal | Tempo de Envolvimento no jogo | Tempo de Abstinência |
|---------------------|--|---------------------------|--------------------------------------|-----------------------------|
| José | Casino | Quase/todos os dias | Início da idade adulta aos 66 anos | 4 anos |
| Eva | Casino/jogo online/raspadinha/Euro milhões | Quase/todos os dias | 43 aos 50 anos | 1 ano |
| António | Jogo online/Casino | Quase/todos os dia | 15 aos 19 anos | 3 anos |
| Miguel | Jogo online/casino | Quase/Todos os dias | 28 aos 31 anos | 4 anos |

Instrumento

O instrumento a utilizado foi a entrevista narrativa auto-biográfica (Thompson, 1978; Hollway & Jefferson, 2000, citado por Torres, 2008) que é um método onde o sujeito narra situações ou factos que vivenciou e onde o investigador tem acesso à visão que o mesmo tem sobre a sua situação. Para esta entrevista foi utilizado um guião (Ver tabela 3) onde constavam os temas chave a serem abordados. Esta pesquisa preocupa-se com uma realidade que não pode ser quantificada, respondendo a questões muito particulares num universo de significados e valores que correspondem a um espaço mais profundo das relações que não podem ser reduzidas a operacionalizações de variáveis quantitativas. Assim a entrevista de narrativas de histórias de vida parece a abordagem mais apropriada tendo em conta o objecto seleccionado para o estudo.

Hollway e Jefferson (2000) referem que as narrativas de história de vida são uma excelente forma de aprofundar situações ou períodos de vida sem utilizar perguntas específicas acerca de um acontecimento de vida onde o sujeito terá tendência a dar respostas abstractas e racionalizadas. Assim o sujeito terá um espaço onde pode explorar as suas experiências de uma perspectiva mais subjectiva. Ainda de acordo com os autores, as narrativas aproximam-se mais dos reais acontecimento de vida do que os métodos, desenhados para procurarem explicações.

Procedimentos

Numa primeira fase procedeu-se ao contacto telefónico com um dos secretários dos Jogadores Anónimos da região de Lisboa que se dispôs a passar a informação nas várias reuniões semanais, a fim de perceber quais seriam os potenciais interessados em participar deste estudo. Daqui surge o contacto com os primeiros dois participantes, José e Eva que indicam os contactos dos seguintes, António e Miguel.

No presente estudo utilizou-se um guião de entrevista (Adaptado de Torres, 2008), - ver tabela 3 - embora a ordem das perguntas não fosse totalmente pré-estabelecida, iam, sim, de encontro ao enunciado pelo entrevistado dando espontaneidade no decorrer da narrativa. Este guião permitiu-nos uma exploração mais profunda das descrições pessoais do entrevistado.

Setting e Fases das entrevistas

Antes do início da entrevista houve espaço para perceber o estado emocional do entrevistado e para as apresentações formais. Após as apresentações informou-se o sujeito acerca do objectivo da investigação, reafirmando a confidencialidade, pedindo permissão para gravar a entrevista e a assinatura do consentimento informado (Ver anexo A).

No início da entrevista pediram-se alguns dados pessoais e testou-se a qualidade da gravação. Apesar da utilização do guião, que nos deu os temas chave para a condução da entrevista, tentou-se sempre explorar aquilo que nos foi dado pelo entrevistado através de perguntas de acompanhamento. No final da entrevista, já com o gravador desligado, agradeceu-se ao participante pela sua colaboração na investigação tendo sempre existido algum espaço para falar acerca da entrevista.

Todas as entrevistas foram realizadas numa sala particular na instituição onde decorriam as reuniões de Jogadores Anónimos (JA), em que o espaço permitia uma entrevista face a face com o entrevistado. Estas entrevistas foram gravadas em cassette áudio tendo tido uma duração entre 60 minutos a 90 minutos, dependendo de pessoa para pessoa. Após a gravação das entrevistas procedeu-se à transcrição integral e textualmente (*verbatim*) das mesmas.

Tabela 3 – Guião para as Entrevistas Qualitativas

| |
|--|
| <p>Guião de entrevistas Qualitativas</p> <p>Introdução/ Aquecimento</p> <p>Dados pessoais: idade; estado civil; filhos; profissão; escolaridade.</p> <p>De imediato “Gostaria de perceber algumas coisas acerca da sua história de vida.”</p> <p>Foco no problema desde o seu início:</p> <p>“ Como e em que circunstâncias começou o seu <i>problema</i>?”</p> <p>“ Com que grupos se inter-relacionou antes do início do seu problema?”</p> <p>– Família; trabalho; escola; amigos; grupo associativo.</p> <p>“ E como funcionam esses grupos? /Qual é a dinâmica desses grupos?”</p> <p><u>Família: composição</u></p> <p>“ Que tipo de suporte foi dado pelos seus pais quando teve o seu problema?”</p> <p>“Quanto tempo passava com a sua família? Qual o tempo despendido para estar com a sua família?”</p> <p>“Que tipo de relação existia com os membros da família e com a família como um todo?”</p> <p><u>Escola: qual foi o percurso</u></p> <ul style="list-style-type: none">- Relação com os professores (influência)- Relação com colegas – “Fez amizades?”- Relação com a escola como um todo <p><u>Profissão: qual era a profissão? O mais importante.</u></p> <ul style="list-style-type: none">- Relação com superiores- Relação com colegas – Amizades no local de trabalho- Relação com o grupo do trabalho como um todo <p><u>Tempo-livre /amigos</u></p> <p>Melhores amigos da adolescência (fez coisas que os seus pais desaprovavam?)</p> <p>Namoros. E isso funcionava?</p> <p>Em que tipo de actividades estava envolvido?</p> <ul style="list-style-type: none">- Relação com outros <p>Com que grupos se relaciona o sujeito, que pertence actualmente (família; trabalho; escola; grupo dos tempos livres/ grupo de amigos; grupos associativos)</p> <p>Qual é a dinâmica desses grupos?</p> |
|--|

Análise qualitativa das entrevistas

Após a transcrição das entrevistas procedeu-se à análise das mesmas. O objectivo foi reunir toda a informação da narrativa de história de vida da pessoa, organizá-la e categorizá-la em categoria e subcategorias para que permitisse uma interpretação de forma sistemática tendo como base o nosso referencial teórico. O processo de análise comportou três fases (Spencer et al, 2003b citado por Torres, 2008.):

- 1- Transcrição e codificação inicial
- 2- Identificação de categorias partilhadas

3- Exploração e teorização das experiências partilhadas.

Fase 1 - transcrição e codificação inicial

Nesta fase de organização dos dados, organizou-se toda a informação contida nas transcrições da entrevista. Primeiramente, procedeu-se à codificação em temas centrais e subtemas, de acordo com o índice estabelecido (Ver tabela 4). Posteriormente, condensou-se esta primeira codificação em frases-chave.

Tabela 4 – Índice para a Análise das entrevistas

| |
|---|
| 1. Contexto do início, recaídas e exacerbação da doença |
| 1.1. Eventos de vida anteriores ao início do problema |
| 1.2. Contexto Psicossocial anteriores ao início do problema |
| 2. Infância e Adolescência |
| 2.1. Personalidade e temperamento |
| 2.2. Pai |
| 2.3. Mãe |
| 2.4. |
| 2.5. Família no todo |
| 2.6. Amizades |
| 2.7. Problemas (saúde, escola, namoros) |

O objectivo deste índice foi poder comparar as diferentes histórias de vida imediatamente antes do início do problema, comparar os relatos sobre os primeiros anos de vida dos entrevistados e ao mesmo tempo, para compreender as características comuns nestes diferentes sujeitos.

Num segundo tempo, da primeira fase, o conteúdo das entrevistas de todos os sujeitos foi lido profundamente, assinalou-se e rotulou-se os temas de acordo com o definido no índice. Seguidamente apresenta-se um exemplo da transcrição e da respectiva codificação.

Transcrição da entrevista:

“(...)eu também já tinha problemas ao nível do casamento. Então nesta fase ainda não se tinha divorciado? Não, não. Já estava a aguentar um casamento que era problemático. Nessa altura já nem estava dormir com o meu marido, estava noutra

quarto. Ele nem me perguntava o que é que eu estava a fazer ou a que hora chegava ou não chegava. (...) A primeira vez na minha vida senti uma coisa esquisita, despoletou em mim algo que eu não sabia embora eu fosse muito competitiva. Eu pratiquei desporto e nem a feijões gostava de perder que é uma coisa característica de qualquer jogador (página 1). (...) E como eu tinha grandes problemas com ele, no sentido em como ele não contribuía para a casa, pagava só a renda e o resto era tudo por minha conta. Então eu andava sempre à rasca de dinheiro. Portanto quando fui e ganhei, pensei pronto estou a distrair-me claro que depois... (página 2)”.

Código da transcrição:

Já estava a aguentar um casamento que era problemático. Nessa altura já nem estava dormir com o meu marido, estava noutra quarto. Ele nem me perguntava o que é que eu estava a fazer ou a que hora chegava ou não chegava. 1.2. (contexto psicossocial)
A primeira vez na minha vida senti uma coisa esquisita, despoletou em mim algo que eu não sabia embora eu fosse muito competitiva. 2.1. (temperamento e personalidade)

Sumarização:

De seguida passámos a um terceiro passo, a sumarização de cada categoria, permitindo que o material original seja reduzido e sintetizado. Este processo é guiado pelas escolhas interpretativas do investigador.

Estava a aguentar um casamento que era problemático (p. 1) 1.2. (contexto psicossocial)

Embora fosse muito competitiva (p. 1) 2.1. (temperamento e personalidade)

Frases-Chave:

As frases-chave servem para condensar, ainda mais, o que foi sumarizado e é apresentado a negrito.

Aguentava um casamento problemático – **Problemas no casamento**

Era muito competitiva – **Competitiva/ fascínio pelo jogo**

Cada sumarização é completamente diferente de todas as outras, uma vez que é baseado em diferentes discursos dos entrevistados, mas as frases-chave podem ser comuns aos diferentes participantes. Segue-se o exemplo (ver tabela 5).

“*Eu recordo-me que desde criança eu tinha sempre qualquer coisa que me desafiava para entrar num desafio* (José - página 1).” – 2.1. (Temperamento e personalidade).

Tabela 5 – Frase-chave para o subtema: Temperamento e Personalidade

| | | |
|--|---|---|
| 2.1. Temperamento e Personalidade | José | Eva |
| Frase-chave: Competitivo/fascínio pelo jogo | (...) <i>tinha sempre qualquer coisa que me desafiava para entrar num desafio (p.1)</i> | (...) <i>embora eu fosse muito competitiva (p. 1)</i> |

Na última fase da sumarização, organizou-se todos os sumários de cada participante e atribuíram-se frases-chave para que a informação ficasse organizada, num quadro individual de acordo com os temas e subtemas pretendidos.

Fase 2 - identificação de categorias partilhadas

A segunda fase, teve por base o trabalho desenvolvido na fase 1. Aqui procurou-se sintetizar os dados para que sejam mais claros conceptualmente e que tenham sentido de acordo com as interpretações teóricas.

Num primeiro passo são agrupadas em categorias (ou *clusters de frases-chave*) que mais uma vez são guiados pela interpretação do investigador e que possam ter uma correspondência com conceitos teóricos.

Tabela 6- Quadro ilustrativo para a criação de clusters

| Clusters | José | Eva | António | Miguel |
|--|-------------|------------|----------------|---------------|
| Perda/separação de objectos de vinculação | x | x | x | |
| Proximidade com a morte | x | x | | |
| Casamento e nascimento de filhos não desejados | x | | | |

Neste quadro podemos verificar a co-ocorrência de *perda/separação de objectos de vinculação* em três dos participantes, o que sugere um padrão no contexto do início, recaídas e exacerbação da doença.

Fase 3 - exploração e teorização das experiências partilhadas

Na última fase procurou-se padrões nos dados obtidos através das narrativas de todos os participantes e para tal criou-se uma tabela de clusters comuns a todos nos diferentes subtemas.

Tabela 7- Quadro ilustrativo dos Clusters Comuns para o Subtema: Eventos de Vida anteriores ao início do problema

| | Sumário | Frase-chave | Clusters |
|-------------|--|---|--------------------------------|
| José | Não se importava de jogar até ao limite e perder tudo porque estava certo de que iria morrer na guerra (p.2) | Proximidade diária com a morte/perda de sentido de vida | <u>Proximidade com a morte</u> |
| Eva | Teve um AVC. | Problemas de saúde graves | <u>Proximidade com a morte</u> |

Assim o trabalho analítico percorreu estas três frases antes de se proceder à análise e discussão dos resultados, apresentados no próximo capítulo. A próxima tabela ilustra o processo analítico que foi repetido para cada participante nos respectivos subtemas.

Tabela 8- Quadro resumo do processo de análise

| Fase 1 – Organização dos dados | Fase 2- Descrição | Fase 3 – Exploração ¹ |
|---|--|--|
| <ul style="list-style-type: none"> • Transcrição • Sumários • Frases-chave | <ul style="list-style-type: none"> • Clusters Conceptuais | <ul style="list-style-type: none"> • Cruzamento de Clusters com os sujeitos • Procura de padrões |

¹Análise das entrevistas e Clusters Comuns (Ver anexos)

II. Apresentação dos resultados

Tema 1. Contexto do início, recaídas e exacerbação da doença

A codificação do tema 1 é baseada nas respostas que os participantes deram acerca das circunstâncias da sua vida antes do início do problema. Foram também colocadas neste tema as respostas sobre o contexto de vida que precederam a recaídas ou a exacerbação dos sintomas. Este tema subdivide-se em dois subtemas: 1.1. Eventos de vida anteriores ao início dos sintomas e 1.2. Contexto Psicossocial.

Subtema 1.1. Eventos de vida anteriores ao início do problema

A codificação do discurso dos participantes neste subtema baseava-se em temas claramente identificáveis, tais como, casamento/ divórcio, nascimento de um filho, sair de casa dos pais. Estes podem ser vividos de forma angustiante e requererem uma adaptação (e.g. Schroeder and Costa, 1984 citado por Torres, 2008).

O cluster *perda/separação de objectos de vinculação*, inclui o relato de três dos quatro participantes. O José e a Eva passaram por situações de divórcio e separações antes do início dos sintomas, e António deixou a casa dos pais e a sua comunidade local quando foi estudar para a Universidade.

O cluster *Proximidade com a morte* diz respeito ao confronto diário com a morte vivida pelo participante José, destacado para a Guerra do Ultramar e a um problema de saúde de Eva.

O cluster *Casamento e nascimento de filhos não desejados*, inclui apenas o relato do José quando se refere ao filho e ao seu casamento, ambos não pretendidos.

Tabela 9 – Clusters de *Eventos de Vida anteriores ao início do problema*

| 1.1. Eventos de vida anteriores ao início dos sintomas | | | | |
|--|---|---|--|--------|
| Clusters | José | Eva | António | Miguel |
| 1. Perda/ Separação de objectos de vinculação | <i>“Eu só me divorciei quando o meu mais velho tinha 10 e o meu mais novo tinha 5. 12 Anos ainda é uma resistenciazita razoável. Isso devastou-me, eu era louco por ela” (p.7).</i> | <i>“Ele saiu de casa e eu fiquei com os miúdos.” (p.15)</i> | <i>“Eu vim para a faculdade, eu não sou de Lisboa e quando vim para a faculdade, isto tomou outras proporções.” (p. 2)</i> | |
| 2. Proximidade com a morte | <i>“ Depois fui para a guerra do ultramar, mais um local de morte então ai melhor ainda. (...).Estar na guerra, no outro dia podia</i> | <i>“tive um AVC em 2004.”(p.5)</i> | | |

| | | | | |
|--|--|--|--|--|
| | <i>levantar-me e levar um tiro pela cabeça e então, e o dinheiro, isso tem algum significado? Então isto é para rebentar tudo o que houver aqui.” (p.2)</i> | | | |
| 3.Casamento e nascimento de filhos não desejados | <i>“Depois vim e tal, casei. A coisa não deu certo (...). Olha o primeiro quando ela me disse, eu disse “epá bolas, por amor de deus vê lá se conheces uma parteira”(p.7) “Entretanto venho e casei-me e não queria casar mas casei-me.” (p.2)</i> | | | |

Subtema 1.2. Contexto Psicossocial anteriores ao início do problema

A codificação neste subtema, é baseada nos relatos que descrevem estados emocionais, determinados pelo contexto interpessoal antes do início do problema (daí o termo "psicossocial"). Em contraste com o subtema *eventos de vida*, neste subtema é dada a ênfase no campo emocional composto por experiências intersubjectivas do mundo interno dos sujeitos.

O cluster *Proximidade com a morte* refere-se ao impacto de uma perda por morte no desenvolvimento da personalidade de José, bem como, a situações de perigo de vida sentidas. Na narrativa de Eva, encontramos dois relatos de acontecimentos que a aproximam da morte, a ameaça do irmão e um AVC.

O cluster *Omnipotência* é nos dados por vários relatos de José, baseados em sentimentos de superioridade experienciados desde a infância.

O cluster *Substituição da vinculação romântica por sexualidade promíscua ocasional*, refere-se a relatos do participante José acerca da sua vida íntima após o divórcio e de António numa fase que já se encontrava a jogar.

O cluster *Separação de objectos de vinculação* surge no relato de Eva quando refere que tem de se separar dos pais e a António pelo afastamento de um grupo de amigos por iniciativa do participante.

O cluster *Dificuldade nos relacionamentos afectivos* é comum a três dos quatro entrevistados. A Eva suportava um casamento problemático sem convivência conjugal, o Miguel fala do casamento com distanciamento emocional e o José não assume alegria pelo nascimento dos filhos. Estes participantes experienciaram um contexto psicossocial caracterizado por dificuldades nas relações afectivas próximas, o que parece levar a um padrão de relacionamento.

O último cluster *Alienação*, inclui apenas a narrativa de Miguel ilustrando o que o levou a jogar numa fase em que aparentemente não existiam problemas na sua vida

Tabela 10 – Clusters *Contexto Psicossocial anterior ao início do problema*

| 1.2.Contexto Psicossocial anterior ao início do problema | | | | |
|--|---|--|---|--|
| Clusters | José | Eva | António | Miguel |
| 1.Proximidade com a morte | <p>“Quando tive a percepção disso e não posso precisar se foi aos 6 ou aos 7 mas quando me disseram “olha morreu o tio...Francisco” e eu disse: “E então ele não volta?” “ Não quando se morre já não se volta” “E para onde é que se vai?” “Ah isso não se sabe” E daí a minha mente teve um bloqueio (p. 1). E aquilo como era morte certa eu não tinha problema nenhum amanhã levava um tiro na cabeça, queria lá eu saber.” (p.7)</p> | <p>“E fui co-dependente da minha mãe, não gostando dela, eu não gosto da minha mãe. Isso lá está, a pessoa tem adição a coisas. Porque ela é manipuladora, fazia-me chantagens estilo “Vou morrer.” (p.10) “Sim graves. Ele chegou a ameaçar-me de morte.” (p.19)</p> | | |
| 2.Omnipotência | <p>“(…) depois sai da guerra ainda pior porque esse sentimento de superioridade aumentou exponencialmente.” (p.4)</p> | | | |
| 3.Substituição da vinculação romântica por sexualidade promiscua ocasional | <p>“Durante 10 anos eu fiz uma vida de playboy. Dormia com mulheres constantemente ao ponto de não saber em que casa acordava. Os anos loucos (...) (p.8)</p> | <p>“Eu cheguei a ter várias namoradas ao mesmo tempo.” (p. 6)</p> | | |
| 4. Separação de objectos de vinculação | | <p>“A minha mãe achava que era a rainha da sucata e começa a controlar-me, os meus telefonemas. (...)vocês têm que sair, eu não me dou com a mãe está-me a fazer mal.” (p.15)</p> | <p>“(…) afasto-me dessas pessoas que gostam de mim e procuro pessoas que tenham comportamentos muito semelhantes aos meus (...) (p.2)</p> | |
| 5. Dificuldades nos relacionamentos afectivos e/ou na | <p>“(…)tive dois rapazes sem grande alegria.” (p. 2)</p> | <p>“Já estava a aguentar um casamento que era problemático. Nessa altura já nem estava</p> | | <p>“E o hábito que havia de “eu comer e calar”, de eu estar mais submisso, deixou de estar e</p> |

| | | | | |
|--------------|--|--|--|---|
| sexualidade | | <i>dormir com o meu marido.” (p.2)</i> | | <i>depois isso começou a chocar (...).” (p.3)</i> |
| 6. Alienação | | | | <i>“Comecei a jogar quando a minha vida estava melhor (...) portanto não foi para me anestesiar, para fugir de algum problema mas depois quando estava a jogar descobri que havia um afastamento da realidade (...).” (p.3)</i> |

Tema 2. Infância e Adolescência

Para este tema a codificação teve por base o discurso sobre a infância e a adolescência dos entrevistados, assim codificou-se o que era dito espontaneamente ao longo da entrevista, ou quando se solicitou perguntas do género, “*Pode-me falar um pouco da sua infância*”.

Este subtema é dividido em 5 subtemas: 2.1. personalidade e temperamento, 2.2. Pai, 2.3. Mãe, 2.4. família no todo e 2.5. Problemas (amizades, namoros, escola).

Subtema 2.1. Personalidade e Temperamento

Para este subtema codificaram-se as frases do discurso dos sujeitos que se referiam ao temperamento, sentimentos e comportamentos em criança e adolescentes. Aborda eventos emocionais experimentados ou originários no mundo interno. Foi baseado em frases como, “*Eu costumava ser...*”; “*Eu sinto como...*”; “*Eu gostava de...*”. Este subtema tinha como objectivo esclarecer a valência da personalidade dominante do sujeito durante o seu desenvolvimento, experienciado por eles mesmos.

No cluster *Traço desafiante/competitivo/perfeccionista* três dos quatro participantes manifestam possuir este tipo de características de personalidade desde a infância, mas nem sempre associadas ao jogo.

O cluster *Omnipotência* neste subtema está manifesto em duas das quatro entrevistas, no José há um medo em aceitar a morte e uma necessidade em sentir-se superior a todos. No António está evidente uma dificuldade em aceitar as imperfeições humanas.

O cluster *extroversão/sociabilidade artificial* é comum a todos os entrevistados, José, Eva, António e Miguel, embora, em cada um deles existam outras características associadas.

Tabela 11 – Clusters *Personalidade e Temperamento*

| 2.1. Personalidade e temperamento | | | | |
|---|---|---|--|---|
| Clusters | José | Eva | António | Miguel |
| 1.Traço desafiante/ competitivo/ perfeccionista | “Desde criança eu tinha sempre qualquer coisa que me desafiava para entrar num desafio. E o desafio era sempre jogo.” (p.1) | “Embora eu fosse muito competitiva. Eu pratiquei desporto e nem a feijões gostava de perder que é uma coisa característica de qualquer jogador.” (p. 1) | “Lembro-me de estar com outros miúdos e ser muito competitivo, como se tivesse que ser o melhor, o primeiro” (p.7) | |
| 2.Omnipotência | Então a minha cabeça passou, sem eu dar por isso, a demonstrar que eu era o maior e afundando todos os outros.” (José p.3) | | “A dificuldade em aceitar que sou humano e como todos tenho falhas”(p.6) | |
| 3.Extroversão/ sociabilidade superficial | “Ah sim sou altamente sociável. Porque como tenho essa característica histriónica e sei manipular com facilidade não tenho problema.” (p.6) | “Aquele problema em criança me fez querer ser muito popular, querer ser a pessoa mais importante da turma, do ano. (p.13) | “(…) um comportamento muito típico meu, a necessidade de agradar aos outros, e muitas vezes não ser assertivo. Dizer aos outros o que achava que eles iam gostar e não aquilo que eu sentia.” (p. 7) | “Eu sempre tive amigos e muita facilidade em relacionar-me com as pessoas mas falar do meu eu, do meu íntimo eu não tinha, (...)” (p.6) |

Subtema 2.2. Pai

A codificação deste subtema foi baseada nas descrições acerca dos pais dos entrevistados e na relação de ambos durante a adolescência e infância.

O cluster *Dificuldades com as figuras parentais de vinculação/ distância emocional* do subtema Pai é comum a três dos entrevistados, José, António e Eva.

O cluster *Incongruência/ ambivalência na imagem e na relação* é comum a três dos entrevistados, Eva, António e Miguel e baseia-se na inconsistência da informação relatada pelos sujeitos ao longo das narrativas.

Tabela 12- Clusters *Pai*

| 2.2. Pai | | | | |
|--|---|--|---|--------|
| Clusters | José | Eva | António | Miguel |
| 1.Dificuldades com as figuras parentais de vinculação/ distância emocional | “Houve uma linha de conduta que me foi fundamentalmente transmitida pelo meu pai, com o qual eu não tinha uma boa relação.” (p.2) | “(…) o meu pai vinha falar comigo “e tu não podes agir assim com a mãe.”. Realmente isto foi uma infância e uma juventude muito reprimida.”(p. 13) | “(…) o meu pai sempre foi muito parco em palavras (...)” (p. 6) | |

| | | | | |
|--|--|--|---|---|
| 2.Incongruência/ ambivalência na imagem e na relação | | <p>“Eu tinha uma paixão pelo meu pai assolapada (...) (p.9)”</p> <p>“A única vez que eu falei mal para o meu pai e disse “o pai é uma banana.” Desculpe dizer-lhe isso mas é um banana” (p.17)</p> | <p>“Eu tenho uma memória forte de quando era criança, de estar efectivamente com o meu pai e a minha irmã, de estar às cavalitas do meu pai e de estar num ambiente de felicidade. Esta é uma imagem que me ficou.” (p.7)</p> | <p>“Com o meu pai era uma relação de, portanto, o meu pai era militar mas não era por isso que nós em casa tínhamos um distanciamento do meu pai. Era militar mas estava em casa. A relação com o meu pai sempre foi saudável do ponto de vista dos afectos mas não na expressão dos sentimentos.” (p. 5)</p> |
|--|--|--|---|---|

Subtema 2.3. Mãe

A codificação deste subtema foi baseada nas descrições acerca das mães dos entrevistados a na relação de ambos durante a adolescência e infância.

O cluster *Má imagem materna/ relação perturbadora* é partilhado pelos relatos de dois participantes, Eva e Miguel, sendo caracterizado por relações próximas fortes mas negativas.

O último cluster deste subtema, *Incongruência/ ambivalência na imagem e na relação* é relatado pelo participante António quando fala da sua relação com a figura materna.

Tabela 13 – Clusters Mãe

| 2.3. Mãe | | | | |
|--|------|---|--|---|
| Clusters | José | Eva | António | Miguel |
| 1.Má imagem materna/ relação perturbadora | | <p>“E ela dizia-me que quando ficou grávida de mim que não me queria, que não queria este bebé. Portanto ela sempre me rejeitou.” (p. 18)</p> <p>“Tenho uma relação muito complicada com a minha mãe, basta-me dizer bom dia para me irritar.” (p. 9)</p> | | <p>“Com a minha mãe sempre foi uma relação, não tinha a mesma admiração que eu tinha com o meu pai, porque ela sempre foi muito egoísta, centrada nela própria, bastante egocêntrica e também muito orientada para a parte financeira.” (p.5)</p> |
| 2.Incongruência/ ambivalência na imagem e na relação | | | <p>“(…) as comparações faziam muito parte da...Muitas vezes até a minha mãe. Lá está a questão da ênfase no perfeccionismo era muito grande. Pelo menos a minha cabeça entendia-o assim.” (p. 7)</p> | |

Subtema 2.4. Família no todo

A codificação deste subtema teve por base, descrição de eventos que afectaram a família num todo, tais como dificuldades relacionais na frateria, relação do casal e, a forma como a dinâmica da relação do casal parental afectou a família e os entrevistados.

O cluster *Dificuldade com as figuras parentais de vinculação* surge através dos relatos de três dos quatro participantes, o José, a Eva e o Miguel, e ilustra as dificuldades relacionais com os seus pais na infância e adolescência.

No cluster *Incongruência/ ambivalência na imagem e na relação*, os relatos da Eva e do António demonstram relações de incongruência com os pais ao longo da narrativa, marcadas por uma ausência de ressonância emocional

No cluster *Dificuldades relacionais/separações na frateria* encontramos relatos de relações complicadas entre irmãos nas narrativas da Eva e do Miguel.

Os clusters *Omnipotência, Traço desafiante/competitivo/perfeccionista, e Dificuldade em estabelecer uma base segura nos outros* são, somente encontrados nos relatos de António quando este se refere à relação de casal entre os pais, às constantes comparações feitas pelos avós e à convivência familiar.

O cluster, *Separação de figuras parentais de vinculação na primeira infância* surge através da narrativa de Miguel para explicar um afastamento precoce das figuras parentais.

No cluster *Proximidade com a morte*, a narrativa do Miguel mostra-nos uma adolescência marcada por perdas significativas a nível familiar.

Tabela 14 – Clusters *Família no todo*

| 2.4. Família no todo | | | | |
|---|--|---|--|--|
| Clusters | José | Eva | António | Miguel |
| 1.Dificuldades com as figuras parentais de vinculação | “O meu pai e a minha mãe amavam-se tanto, eram uma só pessoa e eu era o apêndice. (...) Só que eu sei que o amor deles sufocou o amor por mim, matou o amor por mim. E então recordo-me de ser um ser triste mas mais do que isso abandonado.” (p.3) | “uma coisa que marcou muito a minha vida, (...) Ouvi esta linda frase “Ficas com a rapariga e eu fico com o rapaz e divorciamo-nos”. (p.17) | | “Mas quer um quer outro nunca promoveram um espaço de partilha para haver uma expressão de sentimentos. Uma relação distante neste ponto de vista. (p.6) |
| 2.Incongruência/ ambivalência na imagem e na relação | | Ah era uma infância relativamente feliz. (p.10) | (...)Acho que até jogar tinha uma relação saudável com eles, que se alterou quando comecei a jogar.” (p.6) | |
| 3.Dificuldades | | “Quando eramos | | “As minhas irmãs |

| | | | | |
|---|--|---|--|--|
| relacionais/ Separações na frateria | | <i>pequenos eu tinha uma adoração por ele. Mais velho 3 anos e tal. Fazia-me chantagens, se estás a chatear-me não te levo ao cinema no fim-de-semana. E eu uhhh.” (p.17)</i> | | <i>mais velhas nunca tiveram uma relação saudável com a minha mãe e acabaram por sair de casa até bastante cedo e foram estudar para o estrangeiro. (p.4)</i> |
| 4.Omnipotência | | | <i>“(…)os meus pais discutiam como qualquer casal discute, mas eu tinha muita dificuldade em lidar com isso.(…) Mas eu ficava sempre muito inadequado com isso(…)ficar com uma sessão de impotência enorme” (p. 7)</i> | |
| 5.Traço desafiante/ competitivo/ perfeccionista | | | <i>“Mas sempre tive muito neste meio, até os meus avós, a questão da comparação, tens de ser o melhor.” (p. 7)</i> | |
| 6.Dificuldade em estabelecer uma base segura nos outros | | | <i>“eu estava num sítio qualquer com 50 pessoas e eu sentia que, estavam todas a rir-se e eu não me sentia nada bem. (...) com os avós, eu já me sentia um pouco inadequado.” (p. 8)</i> | |
| 7.Separação de figuras parentais de vinculação na primeira infância | | | | <i>“Nasci em Angola e fiquei com os meus avós maternos até 1 ano e meio.” (p.7)</i> |
| 8. Proximidade com a morte | | | | <i>“Aos 13 anos morreu o meu avô, a minha avó que me criou quando (...) morreu quando eu tinha 14. A minha irmã quando tinha 15 anos. Aos 17 anos a minha outra avó. Portanto eu experimentei muito estes sentimentos de perda.” (p.7)</i> |

Subtema 2.5. Problemas (escola, namoros, amigos)

A codificação do discurso neste subtema, foi baseado na descrição dos sujeitos acerca dos problemas que tiveram na adolescência e infância.

O cluster *Problemas de vinculação a figuras de suporte* (amizades) é comum a três entrevistas, a do José, a da Eva e a do António.

O cluster *Dificuldades nos relacionamentos afectivos e/ou na sexualidade* revela as dificuldades no estabelecimento de relações em três dos sujeitos, Eva, António e Miguel.

O último cluster do subtema, *Abuso sexual na infância* revela uma situação de grande delicadeza na infância de Eva com consequências na sua adolescência e vida adulta.

Tabela 15- Cluster *Problemas* (Escola, namoros, amizades)

| 2.5. Problemas (Escola, namoros, amizades) | | | | |
|--|---|--|---|---|
| Clusters | José | Eva | António | Miguel |
| 1. Problemas com as figuras de vinculação (amizades) | <i>“Todos amigos de ocasião.” (p.6)</i> | <i>“Sim, não convivia eram só bocadinhos. (...) Estava sempre sozinha, era muito complicado.” (p. 11)</i> | <i>“Às vezes...tinha muita necessidade de agradar (...) Acabava depois por ouvir comentários dos outros miúdos e isso trazia alguns sentimentos de inadequação.” (p. 8)</i> | |
| 2.Dificuldades nos relacionamentos afectivos e/ou na sexualidade | | <i>“Conheci um rapaz por quem me apaixonei, (...). Mas do estilo janela, era cartinhas, era telefone. Saída não havia era só com os meus padrinhos (...). E pronto depois ele arranjou uma outra pessoa. (p. 12)</i> | <i>Eu nunca tive uma relação séria, principalmente devido à idade e porque a certa altura eu preferia estar a jogar do que a namorar (...). (p. 6)</i> | <i>O meu primeiro namoro a sério foi com a minha ex-mulher aos 21 anos. Até aí, diria que nunca tinha tido uma relação de namoro assumido, algumas saídas com raparigas.” (p.5)</i> |
| 3. Abuso Sexual na Infância | | <i>“Houve uma situação menos boa de um mais velho que me fez, como é que eu hei-de explicar, nunca me violou no sentido verdadeiro da palavra de penetração da vagina mas que me fez fazer coisas que, é complicado.” (p.10)</i> | | |

III. Discussão dos resultados

O presente estudo procurou entender, a partir dos dados obtidos nas entrevistas, de que forma, as dinâmicas relacionais vivenciadas pelos quatro jogadores patológicos podem ser um factor de vulnerabilidade à dependência do jogo. Através das narrativas autobiográficas podemos perceber que existem grandes dificuldades a nível relacional com as figuras de vinculação. Para explorar estas questões de um modo mais profundo, apoiámo-nos nos relatos obtidos em cada um dos subtemas - *Eventos de vida anteriores ao início do problema; Contexto Psicossocial anteriores ao início do problema; Personalidade e temperamento; Pai; Mãe; Família no todo; Problema (amizades, escola, namoros)* - para posteriormente analisá-los à luz dos clusters teoricamente relevantes.

Assim, no subtema Eventos de Vida anteriores ao início do problema, determinámos como clusters teoricamente relevantes, *a perda e separação de objectos de vinculação, a proximidade com a morte, o casamento e nascimento de filhos não desejados*, que analisamos profundamente no presente capítulo.

Perda e separação de objectos de Vinculação

O presente cluster é partilhado pelas narrativas de três dos quatro participantes [José,p.7; Eva, p.15 e António, p.2], a experiência de perda e de separação, parecem conduzir a um estado de angústia que poderá estar associado a um estilo de vinculação inseguro. No entanto, o António tenta negar que a separação possa ter produzido alguma angústia, racionalizando, de forma a não pensar nos efeitos emocionais da separação. A Teoria da Vinculação foi concebida para compreender as reacções humanas perante estes dois acontecimentos fundamentais, perda e separação, assim, de acordo com Mikulincer & Florian (1998) os adultos evitantes tendem a não recorrer aos parceiros como fonte de tranquilização e mostrar sinais de angústia em situações que diminuem a distância psicológica com as figuras de vinculação. Em ambos os modelos de vinculação insegura – evitante e ansiosas-ambivalente- existe uma maior associação entre a solidão, afectos negativos, dependências, a sentimentos de vergonha, raiva, receio de avaliação negativa e narcisismo patológico. Deste modo podemos pensar que a perda e a separação podem deixar um vazio e uma solidão que necessita de ser preenchida, neste caso com uma adicção ao jogo.

Proximidade com a morte

Na narrativa de José [p.2] encontramos claras referências, às consequências deixadas pela sua passagem na guerra colonial. E na de Eva o AVC que sofreu. O confronto diário com a possibilidade eminente de morte parece estar ligado, de alguma forma, com a pulsão de morte, designada por Freud, na medida em que passa a utilizar uma série de condutas agressivas e autodestrutivas, prejudicando-se a si e aos outros. Neste relato parece existir um ataque à sua onipotência e superioridade. De acordo com Bolen & Boyd (1968, citado por Rosenthal, 1997) a consciência da inevitabilidade leva os jogadores a agir de modo onipotente como na infância. Assim o jogo funcionaria como se desse ao jogador uma ilusão de poder, de domínio e de controlo perante a indeclinável morte. No caso de Eva a experiência de morte situa-se ao nível de um problema de saúde, quando refeita, retorna a jogar de um modo mais exacerbado. O que poderá ser entendido, como uma forma de poder e domínio dado pelo jogo perante a consciência de que a vida é efémera, à semelhança de José.

Casamento e nascimento de filhos não desejados

Uma situação de stress, como um divórcio, um casamento ou o nascimento de um filho pode contribuir para começar a jogar de forma compulsiva (Bolen & Boyd, 1968, citado por Rosenthal, 1997). Na narrativa de José [p.7;p.2], assistimos a uma negação de dois eventos importantes, o que poderá estar ligado à incapacidade de criar laços afectivos mais íntimos, profundos e duradouros, relacionados com um estilo de vinculação evitante-desligado (“fearful-avoidant”) que nega qualquer tipo de relação com o outro associando uma representação de si positiva a uma representação negativa dos outros (Bartholomew & Horowitz, 1991 citado por Moreira et al, 2006).

No subtema Contexto Psicossocial anterior ao início do problema, baseado nas experiências intersubjectivas do mundo interno dos sujeitos definimos como *clusters*, a *Proximidade com a morte*, a *Omnipotência*, a *Substituição da vinculação romântica por sexualidade promíscua ocasional*, a *Separação de objectos de vinculação*, a *Dificuldade nos relacionamentos afectivos* e a *Alienação*.

Proximidade com a morte

O presente cluster reflecte experiências da infância de José [p.1; p7.] e da Eva, e já na idade adulta, o período em que José esteve na guerra colonial e as ameaças de morte que o

irmão de Eva lhe fez. A percepção da morte como algo inevitável ameaça a sua onipotência infantil provocando uma reacção de desespero perante a perda. Novamente de acordo com Bolen e Boyd (1968, citado por Rosenthal, 1997) o jogo dá ao jogador a sensação de poder, de domínio e de controlo iludindo-o da percepção de impotência perante a inevitabilidade que é a morte. Na narrativa de José a génese da adicção ao jogo pode ser entendida como um ataque à sua onipotência infantil ou ainda com uma dificuldade ao nível das relações como iremos ver mais à frente.

Omnipotência

O presente cluster quase que poderia ser englobado no anterior, uma vez que expõe uma vez mais, as experiências intersubjectivas de José [p.4], no entanto optou-se por separá-lo, uma vez que narra diferentes fases da sua vida. Este *cluster* baseia-se, assim, em descrições de sentimentos de superioridade sentidos desde a infância até à sua vida adulta. Na literatura psicodinâmica as características das personalidades narcísicas encaixam no perfil do jogador patológico, como por exemplo, as ideias grandiosas de poder que compensam o sentimento de uma auto-estima empobrecida, a incapacidade em partilhar sentimentos íntimos e afectuosos, o desafiar os outros para perceber onde é o seu lugar, a provocação onipotente e o desafio constante, está então, ligado a uma tentativa de poder e de controlo (Rosenthal, 1997). A entrevista de José, ilustra bem a presença destas características na sua personalidade e nem sempre enquanto jogador mas enquanto criança, adolescente e adulto. Está manifesta uma tendência para utilizar atitudes compensatórias, poder e superioridade, para esconder as suas verdadeiras falhas. Na perspectiva Winnicottiana (Grennberg & Mitchel, 2003) a questão da onipotência infantil está ligada a um desenvolvimento saudável e à solidez do Eu. Para tal acontecer, é necessário que a figura materna antecipe as necessidades do seu bebé pois uma falha poderá eliminar o seu sentido de onipotência, estrangido a confiança na sua própria criatividade e poderes.

Substituição da vinculação romântica por sexualidade promiscua ocasional

Neste cluster fica clara, a dificuldade de José[p.8] e de António[p.6] nos relacionamentos íntimos e afectivos. José perante uma situação de separação conjugal, adopta comportamentos de risco referindo que se sentia livre e decide viver a sua juventude entre os 40 e os 50 anos. O António refere ter várias namoradas ao mesmo tempo, no entanto, preferia estar a jogar a ter um relacionamento. Assim através de uma via sexual promiscua substituem vínculos emocionalmente estáveis. Ambos os relatos aproximam-se de um estilo de

vinculação evitante-desligado (“fearful-avoidant”) que nega qualquer tipo de relação com o outro descrito por Bartholomew (1991, citado por Moreira et al, 2006). Os modelos de vinculação são moldados pela qualidade das respostas das figuras de vinculação que mais tarde vão adequar o ambiente, assim, uma figura de vinculação rejeitante pode levar a criança pensar que os outros não estão disponíveis, levando a evitar os outros em momentos de angústia. Por outro lado, tendo em conta as características narcísicas da personalidade de um jogador, podemos destacar a indiferença perante os sentimentos dos outros e a dificuldade em obter compromissos, como uma forma de evitar que estas figuras de vinculação interfiram na sua adicção.

Separação de objectos de vinculação

No presente cluster ilustrado pelas narrativas de Eva[p.15] e António[p.2] pretendemos demonstrar a dificuldade dos participantes em separar-se de objectos de vinculação já na vida adulta. Apesar de o envolvimento no jogo provocar a perda de amizades, o António distancia-se das pessoas que podem significar objectos de vinculação, como os amigos assim que começa a jogar, numa tentativa de fuga às pessoas que poderiam influenciar a sua nova forma de vida, o jogo. Isto implica a utilização de mecanismos de defesa como a negação e a fuga à realidade. A Eva relata uma série de situações problemáticas com os seus pais na vida adulta que ilustram as suas dificuldades de vinculação com as figuras parentais. De acordo com diversos autores (e.g. Kaplan et al., 2003; Blaszczynski, 1999) há elementos infantis que podem predispor a pessoa para o jogo, tais como, negligência, rejeição, abuso, baixa-auto-estima, ausência dos pais ou severidade dos mesmos. Aqui é evidente que quer a aproximação ou o afastamento do objecto são fonte de angústia na história de Eva. Tais elementos são transversais às histórias de vida dos participantes como iremos corroborar ao longo deste capítulo.

Dificuldade nos relacionamentos afectivos

Neste cluster encontramos descrições de situações vivenciadas por José[p.2], Eva[p.2] e Miguel[p.3] no decorrer das suas relações conjugais. José não parece sentir alegria perante o nascimento dos filhos, a Eva vivia numa relação conjugal onde não existia relacionamento romântico e íntimo e o Miguel vivia uma relação baseada numa postura mais submissa da sua parte, em todos os casos a ausência de ressonância emocional é evidente. No fundo parece que estamos perante uma dificuldade em estabelecer vínculos afectivos em

virtude de uma falha no desenvolvimento na infância, que se traduziu numa dependência (Bowlby, 1997). Por outro lado uma imagem negativa do casal parental pode transformar as suas representações de uma relação de proximidade como angustiantes e de abandono. Esta impossibilidade de vínculo emocional com os parceiros/filhos, pode ter na base situações psíquicas muito arcaicas da relação mãe-bebé como o medo de abandono, rejeição e desvalorização (Cordioli, 1998).

Alienação

O último cluster deste subtema traz-nos o relato de um único participante, Miguel[p.3] que refere que o jogo serviu como um afastamento da realidade, sem identificar nenhuma situação ou contexto que o tenha levado a jogar. Esta fuga da realidade parece ser, uma forma de evitar o confronto com os sentimentos negativos, uma negação da fragilidade e da carência emocional sentida antes do início do problema. Este relato, por outro lado, parece evidenciar que estamos, novamente, perante um sentimento de superioridade dado pelo acto de jogar mas que serve apenas para camuflar a fragilidade do *self* (Nadvorny, 2006).

No subtema Personalidade e Temperamento foram criados os seguintes clusters: *traço desafiante/competitivo/perfeccionista*, *omnipotência* e *extroversão/sociabilidade superficial* que ilustram eventos emocionais experimentados ou originários no mundo interno dos entrevistados.

Traço desafiante/competitivo/perfeccionista

Neste cluster três dos quatro participantes expressam através dos seus relatos, uma destas características, José[p.1], Eva[p.1], e António[p.7] embora nem sempre estejam associadas à prática do jogo enquanto crianças ou adolescentes. O José relata que desde criança gostava de desafios, a Eva e o António sempre foram competitivos e perfeccionistas na sua infância e adolescência e até mesmo com os outros. O jogo na infância, como uma actividade espontânea, traz dois níveis de prazer, o prazer pelos ganhos e o prazer psíquico proporcionado pelo desafio e pela competição. Numa perspectiva psicodinâmica o desafio pode estar ligado ao princípio do prazer (Bergler s/d, citado por Rosenthal, 1997), perante uns pais frustrantes que impõem o princípio da realidade e que por sua vez causa culpa na criança. O voltar a jogar repetidamente estaria assim relacionado a uma necessidade de punição que se transforma numa actividade de prazer (Freud, 1928). Num modelo relacional, podemos

entender o impulso pelo desafio e pela competição, como uma tentativa de encontrar o objecto de amor ainda não alcançado.

Omnipotência

No presente cluster, são os relatos de José[p.3] e António[p.6] que trazem a descrição de uma característica de infância que ficou vincada na personalidade na vida adulta. No José a onnipotência surge também ligada ao contexto psicossocial, aqui entende-se que mesmo na infância, este traço já existia. Para António, era clara a sua dificuldade em aceitar que tinha falhas, como se aceitar ferisse o seu narcisismo. Aqui, como no subtema *Contexto Psicossocial*, a Omnipotência pretende mascarar os sentimentos de uma auto-estima empobrecida e de falhas no self (Nadvorny, 2006). Por outro lado estas falhas podem estar relacionadas com a dificuldade da mãe em antecipar empaticamente as necessidades do bebé eliminando o sentido de onnipotência alucinatória essencial à evolução da sua psique (Grennberg & Mitchel, 2003).

Extroversão/sociabilidade superficial

Neste cluster reunimos as narrativas de todos os participantes embora cada um deles possua as suas especificidades. Para José[p.6] a manipulação faz parte da sua capacidade em ser sociável. A Eva [p.13] sentia a necessidade de ser popular e ter amigos para compensar falhas que sentia a outros níveis. O António [p.7] sempre sentiu a necessidade de agradar aos outros mesmo não dizendo o que realmente sentia. O Miguel [p.6] refere que tinha facilidade em fazer amizades mas sem partilhar os seus sentimentos, tal como António. No fundo parecemos estar perante sujeitos, que aparentemente encobrem a capacidade de partilharem sentimentos íntimos e afectuosos, tendo vínculos superficiais, funcionando num modelo de falso *self* (Winnicott, 1965/1993). Assim, idealiza-se um *self* que não seja rejeitado pelos outros ficando protegidos da ideia de desprezo dos outros. Para Bowlby (1988/1989) a construção de um self autónomo só pode surgir através de relações seguras entre os pais e as crianças, parece, assim importante referir que um estilo de vinculação evitante poderá esta na base da construção de um falso self, onde o indivíduo busca desenvolver uma atitude auto-suficiente na qual o conflito permanece escondido.

No subtema Pai, definiram-se dois *clusters*, baseados nas relações dos entrevistados com a figura paterna, as *Dificuldades com as figuras parentais de vinculação/ distância emocional* e a *Incongruência/ ambivalência na imagem e na relação*.

Dificuldades com as figuras parentais de vinculação/ distância emocional

No presente cluster encontramos os relatos de três dos participantes para ilustrar as dificuldades emocionais sentidas com a figura paterna durante a infância e a adolescência. Para José [p.2] a relação com o seu pai nunca foi boa; a Eva[p.3] descreve a relação com o pai como detentora de proximidade emocional mas no entanto, sentia que este protegia sempre a sua mãe e não a ela; o António[p.6] refere o pai como uma pessoa de poucas palavras, demonstrando um distanciamento emocional. Esta dificuldade em estabelecer um vínculo afectivo com a figura paterna pode resultar de uma falta de cuidados parentais adequados, tais como indiferença, falta de comunicação e de atenção no ambiente familiar (Bowlby, 1997). De acordo com Shaver & Clark (1994) podemos estar perante um tipo de vinculação adulta evitante, onde os pais são muitas vezes descritos como frios e rejeitantes.

Incongruência/ ambivalência na imagem e na relação

No último cluster deste subtema, baseámo-nos nos relatos de Eva[p.9;p.17], António [p.7], e Miguel[p.5] para ilustrar um padrão de inconsistências nas relações com a figura parental. A Eva tinha um forte sentimento para com o seu pai, no entanto muitas vezes este não respondia de igual modo. O António relata episódios felizes da sua infância com o pai no entanto demonstra algum distanciamento emocional com o mesmo. Para o Miguel existia um certo distanciamento com o pai mas havia uma relação saudável do ponto de vista dos afectos. Assim, em todos os casos existe alguma ambivalência no tipo de relação que tentam demonstrar, tentam forçar uma relação positiva sem coerência com o restante discurso. Ao negar esta incapacidade em criar vínculos com a figura parental evita o confronto com uma realidade mais dolorosa.

No subtema Mãe criaram-se dois clusters para ilustrar as relações dos entrevistados com as suas mães ao longo da infância e adolescência, a *Má imagem materna/ relação perturbadora* e *Incongruência/ ambivalência na imagem e na relação*.

Má imagem materna/ relação perturbadora

No presente cluster baseámo-nos nos relatos de dois dos quatro participantes, Eva [p.18; p.9] e Miguel [p.5]. Para a Eva, ainda hoje a sua relação com a mãe é perturbante referindo que na infância a mãe a rejeitou quando soube que estava grávida e ameaçou-a com a sua própria morte. Para além desta má relação com o objecto materno, verificamos a existência de problemas edipianos, quando se refere ao amor que o pai tinha pela mãe. Bowlby (1997) refere que uma das maiores fontes de angústia nas crianças seria a frustração do seu desejo de amor e cuidados provocados pela indisponibilidade dos pais. No entanto, estes comportamentos por parte das figuras paternas, como a rejeição, a depreciação, e as ameaças de morte podem induzir uma grande culpa e ansiedade na criança que ainda não possui as ferramentas para lidar com as mesmas. Parece que estamos perante uma imagem de uma “*mãe suficientemente má*” que não criou as condições necessárias para um bom desenvolvimento, bem como, para a criação de um self verdadeiro Winnicott (1965/1993). Na narrativa de Miguel é evidente o distanciamento afectivo da mãe, descrevendo-a como egoísta. De uma outra perspectiva, esta falta de amparo e de afecto pode induzir na criança uma “*ansiedade básica*” que por sua vez pode gerar uma “*hostilidade básica*”, assim, a criança pode optar por, aproximar-se mais das figuras paternas, afastar-se ou voltar-se contra elas. Neste último caso, já na idade adulta, as vitórias, a competição, o prestígio e a admiração dos outros podiam funcionar como uma protecção e desamparo sofridos na infância (Cloninger, 1999).

Incongruência/ ambivalência na imagem e na relação

No último cluster deste subtema mostramos o relato de António [p.7] para ilustrar uma situação de inconsistência na relação e na imagem da figura materna. Apesar de descrever a mãe como uma pessoa que tem facilidade em expressar sentimentos, ao longo do discurso demonstra uma relação pouco satisfatória e com pouca proximidade emocional. Esta ambivalência pode estar na base de um estilo de vinculação ansioso-ambivalente em que a incoerência nos comportamentos maternos produz na criança alguma inconsistência. Os sujeitos com um estilo ansioso-ambivalente tendem a descrever as mães como carinhosas e disponíveis, embora por vezes intrusivas e inconscientes, por outro lado, os sujeitos evitantes costumam descrever a figura materna como protectora, carinhosa, mas ao mesmo tempo, rejeitante e fria (Canavarro et al, 1999).

No subtema *Família no todo* foram criados oito *clusters* para caracterizar eventos que afectaram o entrevistado e a sua relação com a família no todo: *Dificuldade com as figuras parentais de vinculação, Incongruência/ ambivalência na imagem e na relação, Dificuldades relacionais/separações na frateria, Onnipotência, Traço desafiante/competitivo e perfeccionista, Dificuldade em estabelecer uma base segura nos outros, Separação das figuras parentais de vinculação na primeira infância e Proximidade com a morte.*

Dificuldade com as figuras parentais de vinculação

Neste cluster encontramos os relatos de José, Eva e Miguel como esclarecedores das dificuldades relacionais que tinham com as figuras parentais na infância. Para José [p.3] o amor entre o pai e a mãe não deixava espaço para amá-lo enquanto filho, causando-lhe um sentimento de abandono. Presenciamos também, um conflito edipiano intenso numa competição entre o José e o pai, pela atenção da mãe, resultando numa falta de afecto positivo pelos dois. Parece existir aqui, uma necessidade de negar defensivamente o vínculo, de modo a evitar a angústia provocada pela relação, assim, esta imagem negativa do casal parental poderá transformar o Modelo Interno de Funcionamento, contribuindo para uma representação negativa das relações de proximidade (Bowlby, 1989). Ao longo de toda a narrativa da Eva, [p.17] fica claro, as dificuldades relacionais com a figura materna, como vimos anteriormente, estes comportamentos de rejeição e depreciação são responsáveis por induzir na criança culpa e ansiedade. Para Miguel [p.6], os seus pais, representam uma relação pautada pela distância do ponto de vista emocional. A ausência de comunicação e de um espaço para a expressão dos afectos podem resultar em dificuldades no funcionamento familiar (Cordioli, 1998). Esta carência afectiva no meio familiar parece conduzir a um estilo de vinculação evitante, onde os pais são descritos como frios e rejeitantes (Shaver & Clark, 1994).

Incongruência/ ambivalência na imagem e na relação

Neste cluster baseámo-nos nos discursos de Eva[p.10] e de António[p.6] para ilustrar a inconsistência nas relações com as suas figuras parentais. Em ambos os casos existe uma tendência para dar uma imagem positiva da sua infância apesar dos relatos de situações com cargas emocionais muito negativas. Para António, as sucessivas pausas no discurso, quando se refere às figuras parentais indicam uma necessidade de se reorganizar perante a mágoa que

sente, assim num movimento de recalçamento, nem sempre bem conseguido, “normaliza” a relação.

Dificuldades relacionais/separações na frateria

Neste cluster reunimos as narrativas de Eva[p.17] e Miguel[p.4] para demonstrar as suas relações com os irmãos. Na infância a Eva refere que tinha uma adoração pelo seu irmão, embora este nem sempre agisse na conformidade com estes sentimentos. O Miguel fala das suas meias-irmãs que cedo saíram do ambiente familiar por incompatibilidades com a sua mãe. Estas relações pautadas por separações e dificuldades relacionais parecem não ter contribuído, para a função que os irmãos têm no desenvolvimento e maturidade emocional dos sujeitos, ou seja, na estimulação da socialização, na cooperação e na competitividade.

Omnipotência

O presente cluster surge neste subtema, através dos relatos de António[p.4] para ilustrar os sentimentos de impotência que sentia quando os seus pais discutiam. Refere que se sentia bastante inadequado com estas discussões, e frustrado por não ter uma solução para elas, no fundo a sua onnipotência infantil sai lesada. Este sentido de grandiosidade infantil fornece uma peça central no desenvolvimento infantil, à medida que a criança cresce, aprende a capacidade em preocupar-se, que funcionará como uma configuração da transição da onnipotência infantil para a percepção e relacionamento objectivo (Winnicott, 1958^a citado por Greenberg & Mitchell, 2003). Neste caso, os pais reais não podem falhar, reforçando o seu sentido de onnipotência infantil. António tenta normalizar as discussões conjugais, seguindo uma tendência referida dos clusters anteriores, isto é, recalca quaisquer aspectos negativos pertencentes às figuras parentais para não se confrontar com a dor emocional.

Traço desafiante/competitivo e perfeccionista

Neste subtema são os relatos de António[p.7] que definem o presente cluster. Refere que na sua família sempre houve uma tendência para o perfeccionismo sendo esta uma característica que o define. No entanto, julga que estes sentimentos eram traduzidos muitas vezes numa auto-estima baixa, sempre que não conseguia agradar os outros. Esta ideia de não agradar os outros, pode resultar de uma falha nos cuidados da infância que levará o sujeito a procurar compensações que demonstrem o seu poder e superioridade perante os outros, de modo a poder mascarar esta falha (Rosenthal, 1997).

Dificuldade em estabelecer uma base segura nos outros

O presente cluster foi identificado a partir dos relatos de António [p.8] para explicar os seus sentimentos perante situações de convivência familiar. O entrevistado refere sentir-se desadequado perante outras pessoas da família julgando que as mesmas estavam a rir-se dele. Esta fragilidade segundo Bowlby (1997) resulta da dificuldade em estabelecer uma base segura nos outros interferindo no desenvolvimento saudável da personalidade e na capacidade de encontrar uma relação que seja mutuamente gratificante. A situação descrita por António revela uma angústia perante o desconhecido que é visto como ameaçador e persecutório. Numa perspectiva da teoria da vinculação, as pessoas evitantes e ansiosas-ambivalentes, isto é, com um estilo de vinculação inseguro, tendem a ter visões mais negativas e desconfiadas do mundo social (Mikulincer & Florian, 1998).

Separação das figuras parentais de vinculação na primeira infância

Na narrativa de Miguel [p.7] encontramos a descrição de uma situação de separação com as figuras de vinculação (pai e mãe) quando este tinha apenas seis meses. Até ter um ano e meio o Miguel foi criado exclusivamente pelos avós maternos. Considerando que o processo de desenvolvimento da vinculação cresce através das relações estabelecidas entre o bebé e os seus pais, uma situação de separação poderá dificultar este processo. Para que estes vínculos se formem, é necessária uma interação do bebé com a figura materna através de um certo grau de intensidade, sensibilidade e receptividade durante os dois primeiros anos de vida (Zavaschi et al., 2001). No caso de Miguel, a figura materna foi substituída por outras figuras cuidadoras, os avós, no entanto, de acordo com Bowlby (1973), a separação da figura materna pode ser uma variável-chave na determinação do estado emocional e do comportamento infantil.

Proximidade com a morte

Neste ultimo cluster do subtema família no todo, baseámo-nos no relato de Miguel [p.7] para ilustrar uma adolescência marcada por várias perdas de familiares próximos. Apesar de referir, que apenas não soube expressar os sentimentos consequentes destas inúmeras perdas, o Miguel na adolescência poderia, não ter ainda, os recursos para reagir às perdas ou às separações das figuras de vinculação. Por outro lado, a habilidade de que um sujeito possui para lidar com as adversidades do ciclo vital, dependerá fundamentalmente, da segurança estabelecida na relação de vinculação da infância (Marrone, 2001).

No último subtema *Problemas* (escola, amizades, namoro) distinguimos como clusters, *Problemas com as figuras de vinculação*, *Dificuldades nos relacionamentos afectivos e/ou na sexualidade*, e *Abuso Sexual na Infância*. Todos eles foram fundamentados nas descrições dos entrevistados acerca de problemas vivenciados na infância e adolescência.

Problemas com as figuras de vinculação

O presente cluster pretende retratar as dificuldades sentidas pelos entrevistados (José [p.6], Eva [p.11] e António[p.8]), no que respeita o estabelecimento de amizades. Na infância, os comportamentos de vinculação, são essencialmente dirigidos para os progenitores, com o objectivo de manter a proximidade e procurar uma base segura. No final da infância, as crianças iniciam a procura e a manutenção de proximidade com os seus pares, apesar de continuarem a procura de uma base segura nos pais (Bowlby, 1969). Assim, a partir da adolescência expandem a natureza dos laços formados mas são as representações das relações estabelecidas com as figuras de vinculação, que vão ditar o sucesso ou não, das relações interpessoais futuras. No caso dos entrevistados, podemos perceber, ao longo da narrativa, as dificuldades sentidas por estes com as figuras parentais de vinculação, o que pode estar ligado, de alguma forma, com as dificuldades sentidas na criação e manutenção de laços afectivos com os pares.

Dificuldades nos relacionamentos afectivos e/ou na sexualidade

Neste cluster pretendemos ilustrar as dificuldades sentidas por Eva[p.12], António[p.6] e Miguel[p.5] no estabelecimento de relações românticas e na sexualidade. À semelhança do cluster anterior podemos deduzir que as dificuldades de vinculação na infância podem ser preditores de dificuldades nos relacionamentos românticos e na sexualidade. No caso do António e da Eva é clara a baixa auto-estima vivenciada na infância e adolescência, esta pode ter origem em experiências infantis desagradáveis como, o medo do castigo, as preocupações com as notas escolares, as discussões familiares e o divórcio.

Abuso Sexual na Infância

Neste último cluster pretendemos retratar uma situação de abuso sexual vivenciada por Eva[p.10] na sua infância que nunca partilhou com as figuras parentais de vinculação. Esta dificuldade em partilhar um acontecimento violento pode advir de um estilo de vinculação ansioso-ambivalente, onde o individuo não está certo da disponibilidade dos seus cuidadores e

que ocorre principalmente em razão de separações sucessivas e ameaças de abandono como medida de controlo (Bowlby, 1989/1989).

Através dos relatos de José percebemos as dificuldades sentidas em encontrar um lugar seguro junto dos seus pais, que segundo ele despoletou um sentimento de superioridade para colmatar a baixa auto-estima que sentia. A percepção da morte como o fim de tudo, fê-lo viver num permanente desafio sem nunca conseguir ligar-se emocionalmente a objectos de vinculação.

Para Eva, o amor ao seu pai era enorme mas o amor deste para com a sua mãe não deixava espaço para si. Cresce a ouvir a mãe dizer que não queria que ela nascesse e que prefere o seu irmão a ela, para além do mais a mãe ameaça morrer. Sofre um abuso sexual na infância mas não encontra espaço para o partilhar com as figuras parentais. Na vida adulta nega a necessidade de vinculação amorosa, vivendo maritalmente mas sem ligação emocional.

O António é jovem mas desde cedo sentiu a exigência e o perfeccionismo, o que o fez sentir-se muitas vezes desadequado com outras pessoas. Não teve tempo para relacionamentos amorosos na adolescência, quando os teve, ocorreram sob a forma de relações sexuais ocasionais sem vínculo afectivo. Já a relação com as figuras parentais de vinculação foi marcada pela ambivalência e inconsistência evitando o confronto com a distância emocional.

Miguel trouxe relatos de uma infância marcada por uma separação muito precoce com as figuras parentais de vinculação, que pode, de alguma forma, estar na base de uma má imagem materna e de uma ambivalência na relação com figura paterna. Os vínculos emocionais com parceiros são raros e marcados por uma certa submissão.

Em síntese, os resultados do presente estudo parecem apontar para um modelo de vinculação insegura, no entanto, o propósito deste trabalho não era situar cada um dos intervenientes num estilo de vinculação, mas estes, parecem caracterizar-se por uma imagem negativa das figuras parentais de vinculação. Esta representação negativa das relações de proximidade revela-se ao nível de confiança e na possibilidade de encontrarem boas relações de objecto. Os relatos dos participantes evidenciam, um modelo não seguro de vinculação que parece ter conduzido à formação de modelos internos de vinculação inseguros – evitantes e ansiosos/ambivalentes - que influenciaram as suas relações íntimas e eventualmente, a tendência para apreender normas e valores sociais. Em todos os entrevistados, o denominador comum são as dificuldades nas relações com as figuras parentais de vinculação na infância, já

na vida adulta estas mantêm-se e, por outro lado surgem as dificuldades nas relações com parceiros de intimidade.

Nas histórias dos nossos entrevistados verifica-se a ocorrência de situações de perdas, de separações, de abandonos, de falta de confiança, de inconsistência na imagem e na relação e até mesmo de abuso sexual. A representação das figuras parentais como negativas parece ter conduzido a uma busca de autonomia e à negação das necessidades de vinculação, esta indiferença a nível dos afectos pode então, estar na base da procura de actividades que substituam a satisfação nas relações afectivas.

Limitações do estudo

Algumas limitações foram encontradas ao longo deste trabalho, porém o seu carácter exploratório e como tal inconclusivo, permite deixar brechas para novas investigações no caminho do saber, levando-nos a acreditar que seria importante que alguns estudos complementares fossem realizados. Como por exemplo, considerar quais os modelos internos funcionais que dificultam o desenvolvimento das relações interpessoais ou qual a qualidade das relações de objecto deste grupo, complementado com a aplicação de outros instrumentos suplementares. Uma amostra relativamente maior poderia permitir, também, uma compreensão mais profunda deste universo. Outra das limitações do estudo prende-se com as descrições do self dos participantes, bastante parecidas entre si, que parece estar influenciada pelo modelo de doença dos Jogadores Anónimos, uma vez que todos eles frequentam as reuniões do grupo de auto-ajuda. Por outro lado, todos eles fizeram ou mantêm um processo psicoterapêutico, que poderá ter tido influência nesta mesma descrição que fazem acerca do self. Assim pensamos que seria interessante em futuras investigações, replicar o estudo numa amostra de jogadores patológicos não abstinentes de forma a complementar ou trazer novas conclusões, com o intuito de serem trabalhadas como recursos na prática clínica.

V. Conclusão

Estudos que relacionem o jogo patológico com a teoria da vinculação são praticamente inexistentes, no entanto, as evidências apontam para dificuldades de relacionamento com as figuras de vinculação nesta população (Arcay et al, 2012; Korolenko & Donskih, 1990; Lear, 2002; Magoon & Ingersoll 2003,2006). Assim com o presente trabalho pretendia-se entender, através das narrativas autobiográficas, as dinâmicas relacionais vivenciadas pelos entrevistados. Podemos concluir que os resultados encontrados não permitem afirmações definitivas quanto ao padrão de vinculação nos participantes estudados, e que estes necessitam de uma maior aprofundamento científico. Não obstante, esta investigação permitiu por em evidência as dificuldades relacionais deste grupo de jogadores patológicos, ao nível da interiorização das funções parentais, uma vez que nenhum dos participantes possui uma representação parental unida e apoiante. Ao nível dos modelos de vinculação, assistimos à ausência de uma vinculação segura em todos os participantes e no que concerne às relações de objecto estas parecem estar dominadas por um “ambiente insuficientemente bom” e em dificuldades de aceder ao nível triangular das relações.

Existem diferentes teorias que tentam determinar as causas do jogo patológico e provavelmente, existe uma interacção de diferentes factores, não podendo identificar uma causa única. Mas confirmando os dados da literatura, parece existir um consenso na visão de que a vinculação possui um papel fundamental na etiologia das adicções (Flores, 2012). Para Bowlby (1958, 1973, 1980, 1988/1989, 1969/1990) o vínculo mãe-bebé é determinante no desenvolvimento da personalidade de um indivíduo e a perda ou separação da figura materna, acompanhada ou não, de outros factores, pode determinar o desenvolvimento de comportamentos patológicos. Bowlby, identificou comportamentos não adequados dos pais que podem desencadear uma vinculação patológica e que pode ter como consequência, o medo de vivenciar a perda e a separação novamente. O autor sustenta que as experiências infantis, desde o nascimento, através da relação com a mãe, passando pelos posteriores anos nas relações com outras figuras de vinculação, constituem a variável com efeitos mais profundos sobre a construção da personalidade. Reflectindo ao nível da Teoria das Relações de Objecto, a adicção pode ser entendida como uma falha no desenvolvimento psicoemocional primitivo, que terá ocorrido pela dificuldade do bebé em fazer o luto da separação fusional com a mãe, incorrendo numa busca compulsiva do objecto perdido, sob a forma de uma adicção (Winnicott, 1971, citado por Gurfinkel, 2007).

Assim, o que este estudo vem demonstrar é que a adicção ao jogo pode resultar de uma vinculação frágil e de uma carência de uma boa relação de objecto, uma vez que é a partir da qualidade da representação de vínculos objectais que dá lugar a uma estrutura psíquica, afectiva e relacional que irá permitir a construção de sentimentos de confiança e de segurança psicológica.

O trabalho com este tipo de adicção pode ser um enorme desafio, uma vez que não se trata apenas de oferecer meios que reparem os danos externos causados pela adicção ao jogo, trata-se sim de oferecer meios para a reparação de representações de abandono, desvalia através de um suporte estável e fiável que possibilite ao sujeito readquirir confiança nas suas capacidades e na segurança das relações. Parece-nos importante referir, a pertinência da investigação no âmbito da teoria de vinculação, para uma reflexão das questões ligadas à prevenção e tratamento dos comportamentos aditivos, permitindo ainda, uma interlocução entre várias abordagens teóricas.

Tendo em conta a dimensão deste estudo, podemos afirmar que os dados obtidos nesta pesquisa mostram apenas uma parte, de uma questão tão complexa como o jogo patológico, e espera-se poder contribuir com um alerta para este problema.

Referências Bibliográficas

Ainsworth, M. (1969). Object relations, dependency, and attachment: a theoretical review of the infant-mother relationship. *Child Development*, 40, 969-1025.

Ainsworth M., Blehar M., Waters E., Wall S. (1978). *Patterns of Attachment: A Psychological Study of the Strange Situation*. Hillside: Erlbaum.

American Psychiatric Association, (2002). DSM-IV-TR. Lisboa: Climepsi Editores.

Aymami, M., Ibáñez, A. & Jiménez, S. (1999). Epidemiología del juego patológico en un programa de tratamiento profesional. *Anuário de Psicologia*. 3, (4): 21-31. Consultado a 30 de Outubro de 2011 através de www.raco.cat/index.../anuariopsicologia/.../8838.

Arcaya M, et al (2012). *Práctica de juegos de azar y su relación con la integración familiar en la población peruana*. Revista Peruana de Epidemiología, 16, 1, pp. 1-7. Consultado a 06 de Outubro de 2012 através de http://sisbib.unmsm.edu.pe/bvrevistas/epidemiologia/v16_n1/contenido.htm.

Becoña, E. (1998). Evaluación y tratamiento del juego patológico. Encuentros Nacionales sobre drogodependencias y su enfoque comunitario. CPD de Cádiz. Consultado a 31 de Janeiro de 2012 através de www.juegoresponsable.org/pdf%20documentacion/Evaluacion%20y%20tratamiento%20del%20juego%20patologico.pdf.

Bartholomew, K. (1990). Avoidance of intimacy: An attachment perspective. *Journal of Social and Personal Relationships*, 7, pp.147-178.

Blaszczynski, A. (1999). Pathological gambling: An impulse control, addictive or obsessive-compulsive disorder? *Anuário de Psicologia*. Vol. 3, Nº 4, 93-109.

Blatt, S. (1990). Interpersonal relatedness and self-definition: Two primary configurations and their implications for psychopathology and psychotherapy. In J. L. Singer

(Ed.), *Repression and dissociation: Implications for personality theory, psychopathology, and health* (pp. 299-335). Chicago: University of Chicago Press.

Bowlby, J. (1958). The nature of the child's tie to his mother. *International Journal of Psycho-Analysis*, 39, 350-373.

Bowlby, J. (1969/1990). *Apego: A natureza do vínculo* (A. Cabral, Trad.) (2ed., Vol.1). São Paulo: Martins Fontes. (Obra original publicada em1969).

Bowlby, J. (1973). *Apego e perda, Vol II: Separação, Angústia e Raiva*. S. Paulo: Martins Fontes (1984).

Bowlby, J. (1980). *Apego e perda, Vol III: Tristeza e Depressão*. S. Paulo: Martins Fontes.

Bowlby, J. (1988/1989). *Uma base segura: Aplicações clínicas da teoria do apego* (A. Cabral, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas. (Obra original publicada em1988).

Bowlby, J. (1997). *Formação e rompimento dos laços afetivos*. 3º edição. São Paulo: Martins Fontes.

Bretherton, I. (1998). Attachment and psychoanalysis: A reunion in progress. *Social Development*, 7, 1, 132-136.

Brown, I. (1999). Arousal, disociacion y cognicion en el juego normal e problemático. *Anuário de Psicologia*. 30, n.4. 79-92.

Câmara, J. (2008). *Consumíveis e descartáveis*. Revista Toxicodependências, 14, 3, pp. 83-87. Consultado a 12 de Outubro através de www.idt.pt/PT/RevistaToxicodependencias/.../art08_vol14_N3.pdf.

Canavarro, M., Dias, P., Lima, V. (2006). A Avaliação da Vinculação do Adulto: Uma Revisão Crítica a Propósito da Aplicação da Adult Attachment Scale-R (AAS-R) na População Portuguesa, *Psicologia*, 20 (1), 155-186.

Cloninger, S. (1999). *Teorias da personalidade*. São Paulo: Martins Fontes

Cordioli, A. (1998). *Psicoterapias: abordagens actuais*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Cansado, J., Romero, J., Barros, M., Arroyo, M., Nieto, J., Romero, C., Lopes J., Araujo, J. (2009). *Manual de Intervención en Juego Patológico*. Servicio Extremeño de Salud. Secretaría Técnica de Drogodependencias. Consultado a 2 de Novembro de 2011 através de <http://www.unad.org/biblioteca/publicaciones/fichas/35166.html>.

Collins, N., & Read, S. (1990) Adult Attachment Style, working models and quality in dating couples. *Journal of Personality and Social Psychology*, 58, 644-663.

Clímaco M. & Ramos L. (2004). *Álcool, Tabaco e jogo do lazer aos consumos de risco*. Coimbra: Quarteto.

Deus, J. & Lé, A. (2001). *O jogo em Portugal*. Coimbra: Minerva.

Estevez A. & Calvete, E. Esquemas cognitivos en personas con conducta de juego patológico y su relación con experiencias de crianza. *Clínica y Salud* v.18, 23-43. Consultado a 02 de Novembro de 2011 através de http://scielo.isciii.es/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S113052742007000100003&lng=pt&nrm=iso.

Flores, P. (2012). *Addiction as an Attachment Disorder*. Plymouth, UK: Jason Aronson.

Freud, S. (1921). Psicologia das massas e análise do eu. *Obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora, (1969).

Freud, S. (1928). *Dostoievski e o Parricídio*. In Sigmund Freud. vol 21, 1927-1931 - o futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos. Rio De Janeiro: Imago, 1969. - p. 181-200

Goffard, L. (2008). Juego patológico: una revisión bibliográfica de la ludopatía. *Psicologia.com*, 12 (2). Consultado a 28 de Outubro de 2011 através de <http://www.psiquiatria.com/revistas/index.php/psicologiacom/article/view/723/>

Green, A. (2003). *Psicanálise contemporânea*. Rio de Janeiro: Imago.

Greenson, R. (1947). On Gambling. *American Imago*, 4 (2), p61, 17p. Consultado em 28 de Janeiro de 2012 através de EBSCOHost Academic Search Elite data-base.

Greenberg, J. & Mitchell, S. (2003). *Relações de Objecto na Teoria Psicanalítica*. Lisboa: Climepsi.

Guntrip, H. (1992). *Schizoid Phenomena, Object Relations and the Self*. London: Karnac Books.

Gurfinkel, D. (2007). *Adicções: da perversão da pulsão à patologia dos objectos transicionais*. *Psychê*, XI, 20, pp. 13-28. Consultado a 8 de Outubro de 2012 através de <http://redalyc.uaemex.mx/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=30716918002>.

Hollway, W. & Jefferson, T. (2000). *Doing qualitative research differently - free association, narrative and the interview method*. London: Sage Publications.

Howe, D. (1997). *La Teoria del vínculo afectivo para la práctica del trabajo social*. Paidós: Trabajo Social.

Ibáñez, Á. (S/D). Juego patológico. http://www.dipucadiz.es/opencms/export/sites/default/dipucadiz/galeriaFicheros/drogodependencia/ponencias4/JUEGO_PATOLxGICO.pdf. Consultado em 02 de Novembro de 2011 através de <http://scholar.google.pt/>.

Ibarzábal F. (2001). Características sociodemográficas, consumo de drogas, depresión y juego patológico en un grupo de mujeres de Punta Umbría (Huelva): un estudio descriptivo. *Revista Española de Drogodependencias*, 25, 301-320. Consultado a 2 de Novembro de 2011 através de www.redalyc.uaemex.mx/pdf/167/16716202.pdf.

Klein, M. (1952). Some theoretical conclusions regarding the emotional life of the infant. In M. Klein, P. Heimann, S. Isaacs, & J. Riviere, *Developments in psychoanalysis*. London: Hogarth, pp. 198-236.

Kohut, H. (1981). *Análise do self*. Rio de Janeiro: Imago.

Korolenko, C. & Donskih, T. (1990). *Addictive behavior in women: A Theoretical perspective*. *Drugs & Society*, 4(3-4), pp. 39-65. Consultado em 12 de Outubro de 2012 através de EBSCOHost Academic Search Elite data-base.

Lear, S. (2002). *Pathological stock market gamblers: An object relations measure*. Dissertation Abstracts International: Section B: The Sciences and Engineering, 63(2-B), pp. 1011. Consultado em 12 de Outubro de 2012 através de EBSCOHost Academic Search Elite data-base.

Lesieur H., Cross J, Frank M. et al. (1991). Gambling and pathological gambling among university students. *Addict Behaviors*; 16: 517-527 consultado em 25 de Novembro de 2011 através de <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/030646039190059Q>.

Lima, V., Vieira, F., & Soares, I. (2006). Vinculação em casais: avaliação da representação da intimidade e da interacção conjugal. *Psicologia*, 20 (1), 51-63.

Lopes, H. (2009). *Epidemiologia de Dependência de Jogo a Dinheiro em Portugal*. Universidade Católica Portuguesa. Consultado a 23 de Outubro de 2011 através de <http://www.jogoremoto.pt/watchdog.php?id=16&sec=5>.

Magoon M., & Ingersoll M. (2003). *Psychosocial correlates of adolescent gambling*. Dissertation Abstracts International Section A: Humanities and Social Sciences, Vol 63(12-

A), pp. 4233. Consultado em 12 de Outubro de 2012 através de EBSCOHost Academic Search Elite data-base.

Magoon M., & Ingersoll M. (2006). *Parental modeling, attachment, and supervision as moderators of adolescent gambling*. Journal on Gambling Studies. 22 (1), pp. 1-22. Consultado em 12 de Outubro de 2012 através de EBSCOHost Academic Search Elite data-base.

Martinez, J., Navarro, C., Romero, J. (1993). Trastornos asociados al juego patológico. *Anales de Psicología*, 9 (1): 83-92. Consultado a 03 de Novembro de 2011 através de www.um.es/analesps/v09/v09_1/08-09_1.pdf.

Marrone, M. (2001). *La teoria del apego - Um enfoque actual*. Madrid: Psimática.

McDougall, J. (1995-1997). *As Múltiplas Faces de Eros*. São Paulo: Martins Fontes.

Montalvo, J. & Echeburúa, E. (2006). Juego patológico y transtornos de personalidad: un estudio piloto com el MCMI-II. *Psicothema*, 28 (3): 453-458. Consultado em 1 de Fevereiro através de <http://www.psicothema.com/psicothema.asp?id=3237>.

Mikulincer, M. & Florian, V. (1998). The relationship between adult attachment styles and emotional and cognitive reactions to stressful events. In J.A. Simpson & W.S. Rholes (Eds). *Attachment theory and close relationships* (pp 143-165). New York: Guilford Press.

Moreira, J. et al (2006). “Experiências em Relações Próximas”, um questionário de avaliação das dimensões básicas dos estilos de vinculação nos adultos: Tradução e validação para a população Portuguesa. *Laboratório de Psicologia*, 4(1): 3-27.

Mitchell, S. (1981). The origin and nature of the “object” in the theories of Klein and Fairbairn. *Contemporary Psychoanalysis*, 17, 374-398.

Nadvorny, B. (2006). *Freud e as dependências; droga, jogo e obesidade*. Porto Alegre: AGE

National Research Council. *Pathological gambling: a critical review*. Washington, DC: National Academy Press; 1999.

Organização Mundial de Saúde (1998). Classificação de transtornos mentais e de comportamento da CID-10 – critérios de diagnóstico para pesquisa. Porto Alegre: Artes Médicas.

Petry, M. (2007). Gambling and substance use disorders: Current Status and Future Directions. *American Journal on Addictions*, 16, 1-9. Consultado em 22 de Outubro de 2010 de EBSCOHost Academic Search Elite data-base.

Petry, M. (2002). A comparison of young, middle-aged, and older adult treatment-seeking pathological gamblers. *Gerontologist*. 42(1): 92-9. Consultado a 22 de Novembro de 2011 através de http://www.researchgate.net/publication/11543683_A_comparison_of_young_middle-aged_and_older_adult_treatment-seeking_pathological_gamblers.

Saldain G. (2008). El juego compulsivo, un modo de enfermar. *Grupo interamericano de reflexión científica*, 16. Buenos Aires. Consultado a 22 de Novembro através de www.reflexioncientifica.com.ar/08_GIRC_027.pdf.

Shaver, P. & Clark, C. (1994). *The psychodynamics of adult romantic attachment*. In Empirical Perspectives on Object Relations Theory, Ed. By Joseph Masling and Robert Bornstein. American Psychological Association.

Sharpe, L. & Tarrier, N. (1993) Towards a cognitive-behavioral theory of problem gambling. *British Journal of psychiatry*, 162:407-412. Consultado a 1 de Fevereiro de 2012 através de EBSCOHost Academic Search Elite data-base.

Sáiz, J.& Ibánes, A (1999). Las bases neurobiológicas del juego patológico. *Anuário de Psicología*. 3, (4): 47-65.

Tavares, M., Silveira, D. & Silva, M. (2008). Jogo patológico e suas consequências para a saúde pública. *Revista Saúde Pública* 42 (3): 542-9. Consultado a 16 de Novembro de 2011 através de <http://www.scielo.br/pdf/rsp/v42n3/6691.pdf>

Torres, N. (2008). *Disorders of emotional containment and their somatic correlates: the protomental nature of addictions, self-harm and non-communicable diseases*. Tese de doutoramento apresentada à Universidade de Essex -Centre for Psychoanalytic Studies, Essex.

Valleur, M. (2005). *Engrenagens da dependência*. *Viver Mente e Cérebro*, 13, 145, pp. 32-39.

Winnicott, D. (1965/1993). *A família e o desenvolvimento individual* (M. B. Cipolla, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Obra original publicada em 1965).

Winnicott, D. (1948a). *A reparação em função da defesa materna organizada contra a depressão*. In D.W. Winnicott (1993), *Textos Seleccionados – Da Pediatria à Psicanálise*. Rio de Janeiro: F. Alves, pp. 197-204.

Winnicott, D. (1966/1987b). Ausência de sentimento de culpa (A. Cabral, Trad.). In: D. W. Winnicott (Ed.), *Privação e Delinquência*. São Paulo: Martins Fontes. (Obra original publicada em 1966).

Zavaschi, M., Costa, F., & Brunstein, C. (2001). O bebé e os pais. In C. L. Eizirik, F. Kapczinski, & A. M. S. Bassols (Orgs.), *O ciclo da vida humana: Uma perspectiva psicodinâmica* (pp. 41-57). Porto Alegre: ARTMED.

Carta de consentimento informado

O presente estudo pretende estudar as relações entre o jogo patológico e a história de vida dos participantes. Para isso estamos a pedir a sua colaboração para dar um grande contributo no presente estudo científico. A sua participação é fundamental e insubstituível.

Está totalmente garantida a sua vontade de desistir do estudo a qualquer momento.

As informações obtidas serão analisadas, no entanto não será divulgada a identificação de nenhum participante. Fica assegurado, também, o direito de ser atualizado sobre os resultados parciais da pesquisa, assim que esses resultados chegarem ao conhecimento do pesquisador.

Não há despesas pessoais para o participante em qualquer fase do estudo. Também não há compensação financeira relacionada à sua participação.

Comprometo-me, como pesquisador principal, a utilizar os dados somente para esta pesquisa.

Se concordar em participar neste estudo por favor assine no espaço abaixo e obrigada por aceitar dar a sua importante contribuição para este estudo.

Eu, _____, tomei conhecimento do objectivo do estudo e do que tenho que fazer para participar no mesmo. Fui esclarecido sobre todos os aspectos que considero importantes e as perguntas que coloquei foram respondidas. Fui informado que tenho direito a recusar participar e que a minha recusa em fazê-lo não terá consequências para mim. Assim, declaro que aceito participar na investigação.

Assinatura _____

Data _____

Assinatura do investigador _____

Anexo B

Entrevista José

70 anos; 2 filhos; divorciado; reformado

João o que eu gostaria de saber primeiramente é quando começou o seu problema, o seu problema de adição? Como é que tudo começou.

É assim eu posso descrever isto em duas fases distintas que é antes da recuperação, antes de seguir o programa dos 12 passos e depois de seguir o programa dos 12 passos. Antes do programa dos 12 passos eu não tinha noção nenhuma do que estava a acontecer, nem sabia o que era. Depois eu conheci o programa e passado algum, bastante tempo, comecei a perceber que eu já era jogador compulsivo muito antes de me aperceber que eu o era. Eu recordo-me que desde criança eu tinha sempre qualquer coisa que me desafiava para entrar num desafio. E o desafio era sempre jogo.

Em jogos infantis? Em jogos com outras crianças?

Sim era sempre um desafio. Eu gostava de conduzir a minha vida sempre nos limites do razoável. Achava que a vida vivida como eu observava à minha volta era uma vida sem interesse. Mas isto resultava de uma outra coisa muito mais profunda, que era o medo da morte. A partir da altura que eu tive conhecimento de que era um ser finito eu deixei de dar importância à vida porque na minha cabeça de criança, de adulto e de jovem, nunca fez sentido nascer para morrer. Ah quem tem o bastão da fé consegue iludir-se dessas circunstâncias – um dia vais para ao pé de trinta virgens, dizem no maometismo, vais diretamente para o céu e vais estar com nossa senhora, em português, nossa senhora de Fátima e com Jesus que é uma pessoa espetacular que está sentada à direita de Deus pai. A partir da altura...

E quando acha que tomou conhecimento que a morte era inevitável, foi mais em criança ou foi mais em adulto?

Não, foi em criança. Quando tive a percepção disso e não posso precisar se foi aos 6 ou aos 7 mas quando me disseram “olha morreu o tio (...)Francisco” e eu disse: “E então ele não volta?” “ Não quando se morre já não se volta” “E para onde é que se vai?” “Ah isso não se sabe” E daí a minha mente teve um bloqueio e digo-lhe esta vida não vale a pena ser vivida, nem vale a pena iniciar nada. Por isso eu toda a vida estudei e nunca estudei, a minha vida foi sempre superficial e é interessante que todas as coisas que eu fiz as de maior importância iam contra as convenções por isso hoje penso, não tenho a certeza, penso que não era mais que uma chamada de atenção para que houvesse alguém que me explicasse essa incongruência de nascer para morrer. Debati-me com isso a vida toda e debato-me ainda hoje.

Mas recorda-se de quando é que começou a jogar, como é que tudo começou?

O apelo para o jogo advém nas mais pequenas coisas desde criança quando estava com outras crianças. E até coisas dolorosas, fisicamente dolorosas, gostava de jogar, não me importava de ser punido, só porque gostava de jogar. Não porque depois me pudesse sair uma punição ao jogo, não. Eu estava-me nas tintas para a minha punição, eu queria era jogar.

Mas essa punição era de que género, eram os seus pais? Pode explicar-me?

Era arranjar um osso de um animal, esse osso funcionava como um dado. Então atirava-se esse osso ele ficava numa determinada posição, quem atirou levava uma vergastada, levava uma vergastada na mão.

Faziam isso sempre entre amigos?

Sim. Sabendo de antemão que a hipótese poderia ser uma vergastada eu nunca me importava de continuar a jogar até ao limite. Se eu pudesse lá estar estava lá 10h. Depois quando saía do liceu, e como tinha o pulso muito fininho então tínhamos dinheiro eu conseguia meter o pulso por dentro das máquinas dos matraquilhos e abri-los. Eu era o rei dos matraquilhos porque só eu é que fazia aquilo. Ainda hoje tenho os pulsos tão fininhos que depois eu puxava a lata e caíam as bolas. Depois quando já tinha mais dinheiro jogava flippers. Depois fui para a guerra do ultramar, mais um local de morte então ai melhor ainda. Se eu já estou próximo da morte então agora é que é para partir tudo que isto não interessa para nada.

Era quase o confronto diário com a morte?

É quase. Se a pessoa dissesse “fumar faz mal e tal” e um dia sei que tenho um cancro olha hoje vou fumar 10 maços de tabaco. Então pronto a sensação era a mesma. Estar na guerra no outro dia podia levantar-me e levar um tiro pela cabeça e então, e o dinheiro, isso tem algum significado? Então isto é para rebentar tudo o que houver aqui. Pum pum pum. Entretanto venho e casei-me e não queria casar mas casei-me.

Não queria casar mas casou como é isso?

Casei porque naquele tempo ela era uma miúda muito gira, fora de série, não estou a dizer isso porque era a minha mulher, era uma miúda fora de série se naquele tempo fosse para Hollywood era uma Elizabeth Taylor.

Mas já era sua namorada anterior à guerra?

Sim, já era minha namorada antes. E naquele tempo havia coisas muito complicadas que vocês jovens hoje não entendem. Mas ter relações antes do casamento era quase assim do género cortar a cabeça principalmente às mulheres. Porque os homens eram tidos como um grande machão. Aquela a outra e tal. Este gajo era um espetáculo. Elas é que eram o problema. Então ponderando todas essas coisas foi engraçado. Houve uma linha de conduta que me foi fundamentalmente transmitida pelo meu pai, com o qual eu não tinha uma boa relação.

Não tinha?

E tenho muita pena no fim da vida mesmo às portas da morte ele tenha dito “filho tenho muito orgulho em ti” e eu não ter sentido absolutamente nada. Espero que ele esteja onde estiver, as partículas dele, qualquer partícula que ande por aí, ainda consiga ouvir que eu tive pena de não ter (sentido nada).

Foi uma relação conflituosa, vinha desde pequeno?

Ah, não porque é muito complicado. O meu pai e a minha mãe amavam-se tanto, eram uma só pessoa e eu era o apêndice. Mas o que acontece é que eu hoje não posso dizer isso. Eu não posso dizer isso assim porque não há quantificadores de amor, eles amavam-se à maneira deles. Só que eu sei que o amor deles sufocou o amor por mim, matou o amor por mim. E então recordo-me de ser um ser triste mas mais do que isso abandonado. Os meus pais davam-me toda a liberdade possível e imaginaria, eu tenho 70 anos, se os meus pais fossem vivos o meu pai teria nesta altura, talvez, 92 e a minha mãe 90. E os meus pais andavam nus à minha frente. Eu andava nu à frente dos meus pais mas já homem. O meu pai nunca se

escondeu nunca se agachou, por isso todas as coisas relacionada com sexo para mim são transparentes. E não tem qualquer tipo, sexo não é corpo nu. A imagem do corpo nu é lindíssimo tenha 1, 2 anos, 10 anos 100 anos é lindíssimo, por isso essas paranoias...mas isto era só para demonstrar como os meus pais eram para a frentex.

E então por um lado eu até percebo, se ele era um homem e eu era um homem estávamos em competição porque ela é que era a mulher. Era natural que eu gostasse menos dele porque gostava dela. Mas por outro lado como tinha ciúmes dela também não gostava dela, então não gostava de nenhum dos dois. E isso mais tarde veio-se a revelar porque eu não chorava depois dele desaparecer. Ele morreu com 86 anos e ela esperou mais dois anos para morrer com os mesmo 86 que ele. Durante esses dois anos ela já estava tão velhinha e eu fui mau para ela. Fazia-a chorar “vá não sejas estúpida, lá estas tudo com a choradeira, que não está cá ele para te comer a choradeirazinha e na sei que e tal”. Eu sempre fui um outsider, nunca votei, odeio quem pertence a partidos políticos, odeio a classe dos médicos, a dos engenheiros, odeio a classe dos professores de faculdade, odeio toda a gente.

Toda a gente como?

Porque sou eu contra o mundo. E sempre foi assim, nem queria misturas com eles. Eu tinha uma capacidade extraordinária de crítica instantânea. Olhava para um individuo qualquer, ah este é o Manuel não sei quantos, pensava eu “ah este gajo é um saloio da treta estes sapatinhos são mesmo a quem vem lá das brujenjas” porque eu era um capitalista que nasci na capital. Por isso todos eles são uma porcaria, a maioria deles viram o mar quando vieram cá para Lisboa. E este sentimento de superioridade.

Notava que já o tinha em mais novo?

Não, isto é uma reação ou uma contra-reação ao facto de me sentir uma porcaria. Então a minha cabeça passou sem eu dar por isso a demonstra que eu era o maior e afundando todos os outros. Havia um individuo que era engenheiro da Nasa e já tinha lançado foguetões para a lua, eu pensava cá para mim “se eu fizer uma pergunta sobre como se cultivam batatas tu não és capaz de me dizer por conseguinte és uma grande besta”. Não há hipótese eu arranjava sempre, eu era inimigo de todas as pessoas.

E o João atribui isso à relação que tinha com os seus pais?

Exatamente porque a minha autoestima chegou ao nível zero e eu tinha de arranjar uma forma de suplantar, ultrapassar esse problema de autoestima. Então fi-lo de uma maneira ardilosa. E então como sempre fui generalista, andei em duas faculdades, tenho muita facilidade em falar, tenho muita facilidade em manipular, tenho alguns talentos como todos nós. Só que alguns desenvolvem esses talentos e outros deixam-nos ficar para trás, eu desenvolvi o talento da representação e o jogo ajudou-me a desenvolver esse talento. Eu funcionava bem nos meandros da sociedade sempre com um ódio de morte a tudo o que fosse organizações, tudo o que implicasse estrutura, tudo o que implicasse baias, limites..

Perguntei-lhe se tinha irmãos ou era filho único?

Filho único.

E sempre estudou em Lisboa?

Sim naquela altura quer a minha mãe quer o meu pai tinham nascido já em Lisboa e isso a mim dava-me uma importância porque eu era capitalista, era o maior dos maiores. E quando aparecia um miúdo qualquer a falar axim ah então isso tinha que se mandar para o chão. E

depois convivi com todos esses familiares que já só pertenciam ao meus avós. o avo da parte da minha mãe era do Alentejo e outro era de Santarém e recordo-me perfeitamente de ir a Santarém e ser uns burjeços da idade da pedra. E ainda por cima ainda eram meus primos porque era o primo do primo da prima do primo...eu ficava mas estes gajos não viram o comboio e esse sentimento de superioridade põe-se... depois teve uma fase ainda maior quando eu estava em direito e depois no 2º ano foram lá buscar-me e levaram-me para a guerra, quando depois sai da guerra ainda pior porque esse sentimento de superioridade aumentou exponencialmente porquê? Porque eles nunca tinham visto ninguém morrer, ninguém estropiado.

Mas eles quem, os seu colegas?

As pessoas em geral. É sempre em eles porque é a melhor forma de culpar toda a gente sem ninguém ter culpa. Tal e qual como hoje se diz, os ministros, os políticos são todos os ladrões, é a melhor forma de descarregar a raiva sem...

Bem e então ai eu estava acima de todos porque tive numa zona de guerra que eu várias vezes julguei ser morto e em várias ocasiões. Então aqui eu pensava que era o Zé que o máximo que podia acontecer era levar um murro nos dentes e partirem-me os dentes. Porque eu la tinha visto indivíduos morrerem e morrer é uma coisa diferente do que ficar sem os dentes. Então é era um rei, era capaz de dar cacetada num policia no ministro e no outro que nem tivessem a cara de me dizer bom dia porque se eu não desse com a cara daquele bom dia podia ser um mau dia para o outro, assim me tronei um rambo. Veio ainda potenciar essa característica do tu não vales nada pá, olha para mim que sou o melhor. E então isso passou até a estar presente a nível verbal.

Então verbalizava esse tipo de sentimentos?

Sim mas de caras. Por isso nunca tive depressões. Eu não devo ser caso único, pois não devo ser porque há biliões de pessoas mas eu meti em tribunal uma multinacional na qual trabalhei 30 anos. E quando o juiz me disse ah o senhor agora é capaz de se sentir um bocado coiso...o senhor ainda lá trabalha? então e agora como é que ai ser as relações de trabalho daqui para a frente?" "Vai ser perfeito desde que me paguem aquilo a que são obrigados, as relações vão ser perfeitas.

Podíamos voltar um bocadinho atrás para falar do seu percurso escolar?

Entrei numa escola particular onde fiz a 4º classe. Um aluno distinto, diziam eles, muito inteligente mas muito mandrião. Por isso penso que nessa altura que o mundo ia acabar e não podia fazer nada, só pela insistência e tal. Entrei para a escola aos seis anos e quando tinha 10 naos estava a entrar no liceu, andei Liceu Gil Vicente. E a partir e dai foi o descalabro. O meu pai nem a minha mãe me pressionavam para estudar embora o meu pai como estudo 9 anos para Padre tinha a equivalência directa ao curso comercia e toda a vida o meu pai foi técnicos de conta, agora chamam contabilistas ou isso. Por isso o meu pai ganhava acima da média, o meu pai não era um profissional liberal mas também não era um operário. Isto está estruturado da seguinte maneira, os operários mal ganhavam para comer depois os intermédios já tinham uma folgazinha razoável e depois havia os outros que sempre viveram bem e naquela altura eram algumas profissões liberais e todos os indivíduos que estavam junto do poder político. Já não falando das grandes fortunas económicas que passam de pais para filhos e não sei quê.

E a sua mãe trabalhava?

Não, não trabalhava. E a partir daí comecei a chumbar o que era normal. Chegava a casa “ Olha chumbei” ninguém dizia nada, o meu pai dizia “o pior é para ti”. E aquilo dava-me um certo gozo porque os outros putos andavam todos lá “ ai agora como é que ou dizer ao meu pai que chumbei” e eu para mim era normal olha chumbei para o ano ando cá outra vez. E depois como era muito bom mas mesmo muito bom a letras e muito mau mas mesmo muito mau a ciências. Eu só para fazer o 5º ao de liceu fui lá 3 vezes à conta da matemática. E lembro-me da ultima vez um professor que eu tinha, cujo o nome nunca mais me esqueci, que se chamava Bigote que era especialista em Esperanto. Sabe o que é Esperanto? È uma língua inventada salvo erro pelos checoslovacos que passaria a ser a língua universal porque tem componentes de quase todas as línguas e o Esprantno seria a língua universal, não o inglês, não o francês, não o português mas o Esperanto. Normalmente porque tivesse sido o inventor do bloco de leste, cá em Portugal fazia-se logo a ligação Esperanto-Comunismo, não sei se essa seria a razão sei que ele no final de exame de matemática pela 3º vez “bem tu geometria sabes umas coisinhas agora a álgebra estás a Leste e sabes que neste país é muito mau estares a leste” e eu pensei estou arrumado, deu-me um 10 e passei. Pronto depois fui para a área de letras que eu gostava e fiz aquilo num ano, fiz latim, alemão e organização política e administrativa da nação era aquela coisa dos conselhos, literatura, historia e filosofia. E depois entrei para a faculdade de direito com aquele espirito de não fazer nenhum. Agora vou ser estudante por mais 300 anos. Não ia a umas aulas e a outras e comecei a chumbar a uma série de disciplinas e então ai eles vão-me buscar porque quem chumbava não tinha adiamento. Se eu passasse a todas, eles iam até eu acabar o curso.

E nessa altura como era a relação com colegas e amigos?

Ah sim sou altamente sociável. Porque como tenho essa característica histriónica e sei manipular com facilidade não tenho problema.

Eram amigos com quem podia contar ou eram amigos de ocasião?

Todos amigos de ocasião.

E os amigos que deixou para trás na altura da escola primária?

Não porquê? É assim eu quando entrei para o exército eu tinha um nível de estudos naquela altura, 95% superior a qualquer dos indivíduos com quem eu me relacionava. E bastava isso para os considerar inferiores e considerando-os inferiores nem valia a pena nem começar nada.

Mas isso durante a guerra. E para trás como era?

Para trás não. Quando andei no liceu a coisa estava mais diluída, dava-me com toda a gente, saíamos do liceu, íamos para aqui e para ali tanto fazia ser...claro eu tinha 17 anos e não ia andar com os de 15 mas desde que fosse daquela faixa etária dos 16, 17 anos e não era lá preocupação de que estava no 5º ano ou assim porque ai eu estaria em desvantagem. Quer dizer se atendesse a esse pormenores eu estava em desvantagem e sairia com indivíduos que estavam a acabar o 7º ano eu ainda andava no 5º.

Era nessa fase que jogava matraquilhos?

Não ai era mais bilhar os matraquilhos era quando andava no liceu mas logo com 10,12,13 anos. Depois já metia café e era diferente.

Então depois voltou da guerra e tinha que casar, vamos voltar atrás.

Não queria nada. Eu estava a pensar...tinha uma correspondente na Suécia que me manda regularmente revistas suecas onde ela traduzia inglês, escrevia por cima em inglês e eu via aquelas revistas e pensava aquela tipa não esta boa da cabeça ela está a dar-me uma grande música, isto é tudo aldrabice. Por exemplo um individuo, vamos supor que recebia 100€ e porque tinha um filho mas se tivesse 2 o estado dava-lhe 500€ e se tivesse 3 dava-lhe 2000€. Pá isto não pode ser.

Mas essa correspondência era para Angola?

Não era para cá, correspondemo-nos durante 10 anos. Quando fui para o liceu deveria ter para ai uns 9 para 10 anos. E então houve uma altura quando a gente no 3º ano já começámos a interessar-se por umas coisas de inglês, houve um intercâmbio com a Suécia na escola toda. Eles escreviam para nós e nós para eles.

Relata que ia sabendo coisas sobre o que se passava para lá da fronteira de Portugal que para ele não eram possíveis, demasiados diferentes para serem verdadeiras, chegou a achar que ela era mentirosa.

Fala do percurso profissional que trabalhou em empresas de construção civil na parte administrativa e depois na TAP. Mais tarde foi recrutado para a Xerox onde ficou até à reforma como analista de sistemas.

Mas nessa altura já era casado?

Fui para o ultramar, cheguei em Setembro e casei em Fevereiro. Casei-me dia 17.

Mas foi contrariado como foi isso?

Não era o que eu queria, eu queria ter metido umas cuecas e umas peúgas numa mala e ir-me embora para a Suécia. A tal coisa, tinha bastante dinheiro, como o dinheiro não era recebido todo lá, dois terços eram postos cá e nessa altura é que comecei o jogo. Era sempre a aviar era de manhã à noite. Eu era daqueles que já estavam os outros todos e eu só mais uma jogada. E aquilo como era morte certa eu não tinha problema nenhum amanhã levava um tiro na cabeça queria lá eu saber.

Mas a jogar a dinheiro começou ai ou já jogava antes?

Não ai é que começou a dinheiro. Depois vim e tal casei. A coisa não deu certo, tive dois rapazes sem grande alegria. Olha o primeiro quando ela me disse eu disse “epá bolas por amor de deus vê lá se conheces uma parteira”

Mas porque é que disse isso?

Porque tinha medo de viver. Os medos, são um sentimento paralisante. Quem tem medo não vai para direita nem para a esquerda. Porque se tiver medo de casar pode aparecer não sei quem não sei que mais. Se tem medo de arriscar porque está aqui um lugarzinho bom, morre a fazer aquilo.

Mas sentia medo de ser pai?

Era, digamos o sentimento da responsabilidade mas aliado a um outro que era... a da responsabilidade era um fardo muito pesado. Mas na minha mente aquela não era altura certa, ainda não tínhamos o suficiente. A minha ex que era uma querida, eu dei-me bem com ela ate ao dia da morte dela, sempre. Era daquelas coisas giríssimas acha que nasci para ser o

melhor amigo dela e não para ser o marido. Porque como amigo dela até tentava solucionar os problemas que ela tinha com o novo marido e foi assim até ao fim.

Mas tiveram dois filhos e depois o casamento ainda durou algum tempo?

Fomos casados 12 anos. Eu só me divorciei quando o meu mais velho tinha 10 e o meu mais novo tinha 5. 12 Anos ainda é uma resistenciazita razoável. Isso devastou-me, eu era louco por ela agora há uma coisa (silêncio longo) eu acho que... eu sou de signo Escorpião, estas coisas estão todas interligadas, eu sou resistente até dizer chega. Eu estou numa fossa e meto-me dentro da pedra mais escura que eu consiga encontrar e no outro dia estou perfeito. Para todas as coisas mesmo aquelas que a gente considera que não têm retorno mas eu tenho uma capacidade de me reerguer que toda a gente fica surpreendida.

Então foi o que aconteceu no seu divórcio?

Foi muito traumático, muito traumático. Mas passado pouco tempo já não sabia o que era melhor. Porque durante 10 anos eu fiz uma vida de playboy. Dormia com mulheres constantemente ao ponto de não saber em que casa acordava. Os anos loucos...é assim eu acho que a vida dá-nos sempre, passa sempre por nós momentos de oportunidade e às vezes estamos a dormir e não damos por eles. Se estamos com alguém deixamo-los passar por respeito a esse alguém e há circunstâncias em que estamos completamente livre como uns passarinhos e por conseguinte aproveitamos todas as coisas que nos aparecem. E como a seguir ao 25 de Abril de deu uma coisa conhecida em Lisboa, no parque Eduardo Sétimo, por queimarem as cuecas e os soutiens e a partir daí foi a loucura total. E eu não ter vivido a minha juventude aos vinte anos, vivi a minha juventude dos 40 aos 50 anos que foi assim uma coisa.

No entanto referia que depois do divórcio a relação com a sua ex-mulher foi uma relação de grande amizade.

Sim sempre, de cumplicidade. Ela antes de casa disse ainda para o sofá comigo “Olha vou casar com o Armando” “o que, opa desculpa lá eu não quero que tu penses que eu sou advogado em causa própria, mas vocês andam sempre à estalada” “mas ele agora mudou muito” “oh filha mas tu não sabes que é o que toda a gente diz. Se antes de casaresavas uma trepazita depois de casares ainda é pior.” “Ai não porque assim porque assado”. O mais velho também meteu na cabeça que é rambo. Agora nessa altura era completamente passado da cabeça e dizia que sabia onde era o cartório e dizia “Vai o Armandinho, vais tu e vai tudo”.

Mas o seu filho mais velho era contra o casamento?

Sim, completamente. “Casas com ele e nunca mais entras aqui em casa. Não entra ele, entras tu que és minha mãe mas vão morar para onde vocês quiserem desapareçam mas é daqui”. E ela casou mesmo. Casou e eu acho que foi o amor da vida dela, daqueles amores fatais que vêm nos livros, naqueles romances realistas. Porque ele acabou por ser a causa da morte dela, não sei se se pode dizer isso mas ela tinha um aneurisma inoperável. E eu sabia disso desde os 27 anos, fomos para Londres e tudo e...em vez de ter um certo respeito por isso ainda dizia que ela não tinha nada. Em vez de viverem uma vida, como o médico disse em Londres, calma, serena e tranquila, foi exactamente o contrário. Houve muito stress muita guerra e muita luta e depois ela morreu com 49 anos e passado pouco tempo ele suicidou-se por isso...ele queria muito falar comigo...queria justificar-se.

E ela também acompanhou o seu problema com o jogo?

Sim, sim. Cheguei a ir pedir dinheiro a ela e ela emprestava-me.

E os seus filhos?

Os meus filhos também. Era, é a coisa que eu mais me arrependo. Eu tenho um filho que é uma pessoa...eu não tenho vergonha nenhuma de dizer isto, aquilo que eu disse primeiro, que "bolas, esta encomenda já com um putó...", não sei como é que hei-de classificar a relação. Não é boa, não é má nem é assim assim. Mas é muito estranho. Falo isto porque talvez ele seja o meu espelho, ele sabe tudo ele conhece tudo mas se calhar sofre muito por dentro mais do que deveria sofrer. Já sofreu muito na vida, sempre se sentiu responsável pela mãe e no entanto... o segundo que fui eu que quis, uma coisa... como posso descrever, mesmo que ele faça porcaria para mim é sempre razoável.

E com esse filho já se pode dizer que mantem uma boa relação?

Eu mantenho ele não. Porque um tem 42 o outro tem 37. Porque o pai do de 37 é o de 32. Para já viveram 10 anos sozinhos. Depois da morte da mãe. Já estavam a viver sozinhos antes da morte da mãe porque não queriam...e depois ainda viveram mais 5 anos sozinhos. E era na altura em que um tinha 20 e o outro 25, isto até aos 35 e 30. Então o que é que surgiu aqui, uma relação pai filho, encapotada. E que ainda há tempos eu disse "Epá Berlim, aquilo é giríssimo" "Pois é" " E tu conheces Berlim?" "sim, tive lá 2 meses" "Sabia lá que tinhas estado lá dois meses". "Eu telefonei ao meu irmão". Ele até sem querer parece que disse eu telefonei ao meu pai.

E mantem contacto com eles?

Sim, sim. Com o mais novo. O mais velho está-se a divorciar, agora há coisa de 3 semanas. E eu tenho um neto lindo de morrer que não ficou muito agradado com a história. Eu disse-lhe filho agora é que é bom, duas casa ao pé uma da outra. Tens a do pai e a da mãe. É muita bom!" "Não acho nada." E o pai estava a falar com ele e disse-lhe "Pai, não falem mais dessas coisas, já estou farto de ouvir essas coisas." Eles estavam a explicar-lhe como é que ia ser agora e tal. Epá mas é muito...não sei se eu também os traumatizei. Mas o que é facto é que são meninos espetaculares, espetaculares.

Tem só um neto?

O mais novo andou a tentar mas aquilo não pega nada. O meu neto tem 6 anos e é muito alto, o pediatra diz que ele vai ser muito alto.

E entretanto o J. Casou novamente ou teve outro relacionamentos?

Nunca mais. Achei que isso era...acho que as pessoas devem ser livres, não devem estar presas por contratos. Mas tenho muitas pessoas com quem hoje ainda me dou perfeitamente. Mas não sei porque... mas é interessante porque a única falta de respeito para com as várias mulheres com que estive foi sempre a questão do jogo. Sobre o ponto de vista, com elas sempre as tratei de uma forma igual, eu sou igual à pessoa com que estou. Se a pessoa tem de lavar eu ajudo a lavar, se a pessoa tem que fazer comida eu ajudo a fazer comida. Eu ajudo em tudo aquilo que for necessário porque eu sou uma pessoa igual a ela. E tem exatamente os mesmos afazeres que eu. Se ela trabalha eu também trabalho, se ela chega as 20h e chega preocupada eu também chego e por conseguinte nunca houve desses problemas.

Mas estava a falar-me do jogo?

Sim acabava sempre no jogo. Eu vivi com uma que é a Teresa e eu estava em casa dela. E quando estava quase o acordo da empresa para sair e eu ia ganhar uma pipa de massa. Eu disse que ia comprar uma casa mas ela não percebeu, pensou que era um investimento. Mas

depois eu disse que tinha que ir para lá, que tinha de mobilar a casa e tal. E aí ela já começou a ficar mais desorientada. Mas eu tinha sempre a capacidade de manipular e dizia...ela tem menos 17 anos do que eu...dá vontade de rir "Podes morrer e depois a tua filha diz que a casa é minha e faz as malas e vai-te embora...". Eu não ia estar sujeito a isso. Mas o que eu queria era pirar-me o mais depressa possível de ao pé dela e jogar à grande e à francesa. O dinheiro era para estragar. Claro que uma parte da cabeça era para comprar mas depois...o apartamento era 12 mil e eu mostrei ao homem 10 mil. Se quiser é já. Sobrou-me mil e mil contos no jogo era uma grande importância, dava para muito então era de manhã à noite.

Então foi nessa fase que começou a jogar com mais frequência?

Sim com mais força, era de manhã à noite. Porque enquanto fui empregado e nunca perdi o emprego, eu mantinha um certo controlo. Controle que não era nenhum porque eu ia jogar no dia a seguir a ter recebido e nesse dia rebentava com o dinheiro todo. Como ganhava muito dinheiro tinha a possibilidade de pedir, ganhava 600 contos e naquela altura vivia-se bem com 100. Então eu chegava lá com um que tinha confiança e dizia "dá-me aí 100 contos" e como toda a gente ganhava bem ninguém tinha problemas em emprestar dinheiro a este ou ao outro. Ele emprestava-me os 100 contos e eu vivia assim...vinham-me os 600 contos e pagava-lhe e vamos embora e foi uma vida de miséria. Ao ponto de eu passar numa loja qualquer insignificante, por exemplo um bolo via o bolo 1 euro e pensava "grandes ladrões um euro mas estes gajos não tem vergonha e tal" mas estava-me a apetecer comer o bolo. Mas eu não podia gastar um euro aquele dinheiro tinha que ir para o jogo.

Mas mais uma vez denegria a imagem do bolo como fazia com outras coisas?

Sim tudo. Por exemplo " Uns sapatos 3 contos, grandes ladrões estes gajos estão mas é malucos vão mas é trabalhar pá". Eu adoro relógios, sou doido por relógios. Eu comprei mais de 300 relógios. Porque chegava "ah isto é 300 contos, não vou comprar, vou lá um bocadinho saco os 300 e venho comprar, deixava lá 600. E pronto e gastei montes de dinheiro. Gastei ao longo da vida o que me deu uma menos qualidade de vida e gastei no final da vida porque ainda hoje estou a pagar dívidas que fiz do jogo. É duro ahn, mas é muito gratificante. Agora a segunda parte da história, este programa, em meu entender, podia ser dado a qualquer pessoa adita ao jogo, porque a partir de certa altura deixa de ter importância. O programa a partir de certa altura passa a ser um programa de espiritualidade, ou seja, é um programa que me permite conhecer-me, o que tenho dentro de mim, muitos defeitos de carácter. Ainda fico preso, por vezes, a uma daquelas observações em que eu "ah tens as pernas que pareces um palito", ainda fico preso. Passei a ser uma pessoa com uma tranquilidade e uma paz interior que hoje poucas coisas me abalam. Tornei, como é que eu resolvi aquele problema da morte. Então o problema da morte eu consegui resolvê-lo. Tomei como limite da minha vida um dia, eu só vivo um dia. Portanto eu tenho que tirar o máximo proveito desse dia. Então coisas insignificantes como um cigarro preso nos dedos de uma pessoa, uma pequena ave que bebica na areia, um homem esticado num banco sem camisa a apanhar sol, esses pequenos pormenores que eu nunca tinha visto passaram a ser coisas espetaculares. Eu hoje quando vou passear fico com a minha cabeça cheia de fotografias lindíssimas. Ontem vi uma coisa lindíssima, duas pequeninas com cabelos loiros aos caracóis e mão dada, em que a pequenina dizia constantemente, dá a mão dá a mão. A mais velha avançava e a outra ia a correr, que cana mais bela. É por isso que eu penso...não vale a pena nascer para morrer. Vale a pena nascer se tivermos a capacidade de todos os dias e sermos um bocadinho felizes. Engraçado que não há momentos, não há felicidade, há simplesmente momentos de felicidade. Porque para haver momentos de felicidade tem que se lá estar e como é que se consegue lá estar? Não andar a remoer no passado nem andar a projetar no futuro. Eu tenho que estar aqui hoje e agora. Então foi isso que o curso me deu. Deu também uma tristeza porque aqueles que estão no programa são uma espécie de eleitos, são poucos. Já passaram por lá centenas e

centenas de pessoas, mas que não se adaptaram não se integram, o que não quer dizer que sejam melhores ou piores pessoas do que eu. Quer dizer que eu encontrei a minha religião. Encontrei a minha forma de vida e eles não conseguiram. É só isso que quero dizer. Eu hoje sou uma pessoa muito feliz, nunca foi tão feliz na minha vida, interessante, no fim da minha vida ter esta lição, já valeu a pena ter nascido. Pode se ser feliz em qualquer altura, pode-se mudar o rumo da vida a qualquer altura, é preciso querer e naturalmente é preciso a ajuda do outro.

Teve o apoio de muita gente?

Não, mais do grupo.

A sua família, a sua mãe ainda era viva quando começou o tratamento?

A minha mãe morreu sabendo que eu estava a fazer um tratamento para o jogo. O meu pai não, já tinha falecido dois anos antes. Mas o problema mais...eu penso que a única hipótese que há, sei lá, eu não posso falar com alguém, partilhar o meu sofrimento a quem tinha morrido um filho. Porque nunca me morreu filho nenhum. Ali é exatamente a mesma coisa, como jogadores, é compreender jogadores, os jogadores podem contar as histórias que contarem que eu entendo o que se passou. Eu posso não ter chegado aqueles limites mas não cheguei por circunstâncias várias, porque não calhou, porque se depararam essas circunstâncias. Eu percebo o caminho que ele trilhou e eu só não trilhei porque não tive oportunidade de fazer. Eu percebo perfeitamente porque venderam os montes no Alentejo, porque roubaram, porque obrigaram um avo que estava às portas da morte a assinar um documento para ficar tudo para ele e não ficar nada para os irmãos. Eu percebo isso tudo. Uma pessoa que não seja jogadora começa a fazer juízos de valor porque não viveu isso.

Anexo C

Análise entrevista José

1. Contexto do início, recaídas e exacerbação da doença

1.1. Eventos de vida anteriores ao início dos sintomas

Depois fui para a guerra do ultramar, mais um local de morte então ai melhor ainda. Se eu já estou próximo da morte então agora é que é para partir tudo que isto não interessa para nada (...). Estar na guerra no outro dia podia levantar-me e levar um tiro pela cabeça e então, e o dinheiro, isso tem algum significado? Então isto é para rebentar tudo o que houver aqui. Pum pum pum (p.2)

Sumarização: Chamado para a guerra no Ultramar.

Frase-chave: militar em cenário de guerra

Entretanto venho e casei-me e não queria casar mas casei-me. (...) Casei porque naquele tempo ela era uma miúda muito gira, fora de série (...) (p.2)

Sumarização: Casou-se contrariado quando regressou do Ultramar.

Frase-chave: casamento pouco investido emocionalmente

Depois vim e tal casei. A coisa não deu certo (...). Olha o primeiro quando ela me disse, eu disse “epá bolas, por amor de deus vê lá se conheces uma parteira”(p.7)

Sumarização: Nascimento do primeiro filho não desejado, pensou em abortá-lo

Frase-chave: Nascimento de um filho

Eu só me divorciei quando o meu mais velho tinha 10 e o meu mais novo tinha 5. 12 Anos ainda é uma resistenciazita razoável. Isso devastou-me, eu era louco por ela agora há uma coisa (silencio longo). (p.7)

Sumarização: Divórcio perturbador após 12 anos de casamento

Frase-chave: separação de um objecto de suporte

1.2. Contexto Psicossocial anteriores ao início dos problemas

Quando tive a percepção disso e não posso precisar se foi aos 6 ou aos 7 mas quando me disseram “olha morreu o tio...Francisco” e eu disse: “E então ele não volta?” “ Não quando se morre já não se volta” “E para onde é que se vai?” “Ah isso não se sabe” E daí a minha mente teve um bloqueio e digo-lhe esta vida não vale a pena ser vivida, nem vale a pena iniciar nada. Por isso eu toda a vida estudei e nunca estudei, a minha vida foi sempre superficial e é interessante que todas as coisas que eu fiz as de maior importância iam contra as convenções. (p. 1)

Sumarização: Morte de um tio na infância provoca sentimentos de não aceitação da morte

Frase-chave: reacção muito negativa a uma perda

Se eu já estou próximo da morte então agora é que é para partir tudo que isto não interessa para nada. (p.2)

Sumarização: Não se importava de jogar até ao limite e perder tudo porque estava certo de que iria morrer na guerra

Frase-chave: proximidade diária com a morte/perda de sentido de vida

(...) a minha mãe quer o meu pai tinham nascido já em Lisboa e isso a mim dava-me uma importância porque eu era capitalista, era o maior dos maiores. (p.4)

Sumarização: considerava-se superior perante quem não tinha nascido em Lisboa

Frase-chave: sentimento de superioridade

(...) depois sai da guerra ainda pior porque esse sentimento de superioridade aumentou exponencialmente porquê? Porque eles nunca tinham visto ninguém morrer, ninguém estropiado. (p.4)

Sumarização: considerava-se superior por ter estado no Ultramar

Frase-chave: Sentimentos de superioridade

Eu era daqueles que já estavam os outros todos e eu só mais uma jogada. E aquilo como era morte certa eu não tinha problema nenhum amanhã levava um tiro na cabeça, queria lá eu saber. (p.7)

Sumarização: não se importava de jogar até ao limite e perder tudo porque estava certo de que iria morrer na guerra

Frase-chave: proximidade diária com a morte / perda de sentido da vida

(...)tive dois rapazes sem grande alegria. (p. 2)

Sumarização: teve dois filhos

Frase-chave: ausência de afecto positivo com os filhos

Porque durante 10 anos eu fiz uma vida de playboy. Dormia com mulheres constantemente ao ponto de não saber em que casa acordava. Os anos loucos(...)E eu não ter vivido a minha juventude aos vinte anos, vivi a minha juventude dos 40 aos 50 anos que foi assim uma coisa. (p.8)

Sumarização: após o divórcio fez vida louca de playboy, teve relações sexuais com inúmeras mulheres que mal conhecia

Frase-chave: relações sexuais ocasionais e promiscuas sem vinculação emocional

2. Infância e Adolescência

2.1. Personalidade e Temperamento

Eu recordo-me que desde criança eu tinha sempre qualquer coisa que me desafiava para entrar num desafio. E o desafio era sempre jogo. (p.1)

Sumarização: desde a infância que sentia o desafio do jogo

Frase-chave: fascínio pelo jogo e pelo desafio

Eu gostava de conduzir a minha vida sempre nos limites do razoável. Achava que a vida vivida como eu observava à minha volta era uma vida sem interesse. Mas isto resultava de uma outra coisa muito mais profunda, que era o medo da morte. (p.1)

Sumarização: jogava para desafiar o medo da morte

Frase-chave: medo da morte

Não porque depois me pudesse sair uma punição ao jogo, não. Eu estava-me nas tintas para a minha punição, eu queria era jogar. (p. 2)

Sumarização: em criança jogava mesmo quando sabia que ia ser punido

Frase-chave: indiferença perante as punições/desobediência

Por isso todos eles são uma porcaria, a maioria deles viram o mar quando vieram cá para Lisboa. E este sentimento de superioridade...(p.3)

Sumarização: criticava quem não tinha as mesmas qualidades

Frase-chave: sentimento de superioridade

Não, isto é uma reacção ou uma contra-reacção ao facto de me sentir uma porcaria. Então a minha cabeça passou, sem eu dar por isso, a demonstrar que eu era o maior e afundando todos os outros. (p.3)

Sumarização: sentia-se superior humilhando os outros

Frase-chave: sentimento de superioridade

(...) porque a minha auto-estima chegou ao nível zero e eu tinha de arranjar uma forma de suplantar, ultrapassar esse problema de auto-estima. (p. 4)

Sumarização: atribuição de problemas de auto-estima à relação com os pais

Frase-chave: problemas de auto-estima

“Então é era um rei, era capaz de dar cacetada num policia no ministro e no outro que nem tivessem a cara de me dizer bom dia porque se eu não desse com a cara daquele bom dia podia ser um mau dia para o outro, assim me tronei um rambo.” (p.4)

Sumarização: depois de regressar da guerra torna-se mais agressivo

Frase-chave: sentimentos de superioridade

“Ah sim sou altamente sociável. Porque como tenho essa característica histriónica e sei manipular com facilidade não tenho problema.”(p.6)

Sumarização: usa a manipulação como forma de construir amizades

Frase-chave: altamente sociável e manipulador

2.2.Pai

Houve uma linha de conduta que me foi fundamentalmente transmitida pelo meu pai, com o qual eu não tinha uma boa relação. “(p.2)

Sumarização: educação paterna

Frase-chave: não tinha boa relação com o pai e discorda da educação paterna

2.4.Família no todo

O meu pai e a minha mãe amavam-se tanto, eram uma só pessoa e eu era o apêndice. Mas o que acontece é que eu hoje não posso dizer isso. Eu não posso dizer isso assim porque não há quantificadores de amor, eles amavam-se à maneira deles. Só que eu sei que o amor deles

sufocou o amor por mim, matou o amor por mim. E então recordo-me de ser um ser triste mas mais do que isso abandonado (p.3)

Sumarização: o amor entre o pai e a mãe não lhes deixava espaço para amá-lo enquanto filho

Frase-chave: sentimento de abandono pelos pais

(...) isto é uma reacção ou uma contra-reacção ao facto de me sentir uma porcaria. (...) [“E o J. atribui isso à relação que tinha com os seus pais?” (p.3) Exactamente porque a minha auto-estima chegou ao nível zero e eu tinha de arranjar uma forma de suplantar, ultrapassar esse problema de auto-estima. (p.4)

Sumarização: culpabiliza os pais pela baixa auto-estima que tinha desde a infância

Frase-chave: baixa auto-estima consequente da relação com os pais

Os meus pais davam-me toda a liberdade possível e imaginaria, (p.3)

Sumarização: pais liberais

Frase-chave: independência/autonomia

Se ele era um homem e eu era um homem, estávamos em competição porque ela é que era a mulher. Era natural que eu gostasse menos dele porque gostava dela. Mas por outro lado como tinha ciúmes dela também não gostava dela, então não gostava de nenhum dos dois. (p.3)

Sumarização: competição entre o filho e o pai pela atenção da mãe, ciúmes da mãe e falta de afecto positivo pelos dois pais

Frase-chave: conflitos edipianos intensos e falta de afecto positivo

2.5.Problemas (Amizades, escola, namoros)

Todos amigos de ocasião. (p.6)

Sumarização: Na infância e adolescência só tinha amigos de ocasião

Frase-chave: dificuldades em ter amizades

Tabela entrevista José

| Subtema | Frases-chave | Clusters |
|---|--|---|
| 1.1 Eventos de vida anteriores ao início dos sintomas | ▪ Divórcio-Separação de um objecto de suporte (J p7) | Perda/separação de figuras de suporte (Cônjuge) |

| | | |
|---|--|--|
| | <ul style="list-style-type: none"> ▪ Militar em cenário de guerra (J p2) | Proximidade com a morte |
| | <ul style="list-style-type: none"> ▪ Casamento pouco investido emocionalmente (J p2) ▪ Nascimento de um filho não desejado (J p7) | Casamento e nascimento de filhos não desejados |
| 1.2 Contexto Psicossocial | <ul style="list-style-type: none"> ▪ Proximidade diária com a morte / perda de sentido da vida (J p2; p.4) | Proximidade com a morte |
| | <ul style="list-style-type: none"> ▪ Sentimento de superioridade (J p4) | Omnipotência |
| | <ul style="list-style-type: none"> ▪ Relações sexuais ocasionais e promiscuas sem vinculação emocional (J p7) | Substituição da vinculação romântica por sexualidade promiscua ocasional |
| | <ul style="list-style-type: none"> ▪ Ausência de afecto positivo com os filhos | Dificuldade nos relacionamentos afectivos |
| 2.1. Personalidade e Temperamento | <ul style="list-style-type: none"> ▪ Fascínio pelo jogo e pelo desafio (J p1) ▪ Indiferença perante as punições/desobediência (J p2) | Traço desafiante/competitivo/perfeccionista |
| | <ul style="list-style-type: none"> ▪ Sentimentos de superioridade (J p3;p4) ▪ Medo da morte (J p1) | Omnipotência |
| | <ul style="list-style-type: none"> ▪ Sociável/Manipulador (J p6) | Extroversão/sociável/manipulador |
| 2.2. Pai | <ul style="list-style-type: none"> ▪ Mau relacionamento com o pai (J p2) | Dificuldades de vinculação com a figura paterna/ distância emocional |
| 2.3. Família no todo | <ul style="list-style-type: none"> ▪ Sentimento de abandono pelos pais (J p3) ▪ Baixa auto-estima consequente da relação dos pais (J p4) | Dificuldades de vinculação com as figuras parentais |
| 2.6. Problemas (amizades, namoros, saúde, escola) | <ul style="list-style-type: none"> ▪ Dificuldades em ter amizades (J p6) | Problemas de vinculação a figuras de suporte (amizades) |

Anexo D

Entrevista Eva

60 anos; divorciada; 3 filhos; Professora do secundário

Eva gostaria de saber algumas coisas sobre a sua história de vida. Gostaria de perceber quando é que começou o seu problema de adição?

É assim eu tenho 60 e sou da década de 50, e só em 1993, já eu tinha 43 anos é que eu entrei pela primeira vez num casino. Na África do Sul, fui para lá fazer umas coisas com uns familiares e fomos para um lugar que realmente...um sonho, aqui posso dizer os nomes que aqui não há problema, que é o S. Se for pesquisar na internet vai ver. (...)E aquilo deixou-me completamente seduzida, aquele glamour todo, as luzes, os barulhos foi uma coisa que me seduziu e depois como se costuma dizer a tal sorte de principiante, eu não consigo perceber muito bem esta situação, o que é facto é que é um ponto importante fui e de repente a máquina dispara e fico com aquilo cheio de moedas e a minha cunhada também ia comigo e o meu cunhado, ele só pedia o dinheiro, porque ele é um tipo de jogador recreativo. Naquele momento eu estava a ser recreativa mas senti logo uma coisa que queria ganhar mais. Pronto a minha cunhada foi trocar e comeu as moedas todas e com a agravante de querer jogar mais mas eu tinha vergonha. Eu pus pouco dinheiro e viemos embora, mas eu fiquei numa coisa que não sei explicar. A primeira vez na minha vida senti uma coisa esquisita, despoletou em mim algo que eu não sabia embora eu fosse muito competitiva. Eu pratiquei desporto e nem a feijões gostava de perder que é uma coisa característica de qualquer jogador. Os meus filhos que são três, dois rapazes e uma rapariga, e eu quando lhes ensinava xadrez ou damas eu nunca lhes facilitava, eles tinham que puxar mesmo e agora com os meus netos também faço um bocado disso. Também me dava um certo gozo, não era que me desse gozo ganhar a miúdos mas era para os fazer crescer nesse aspecto. E eu fiquei com a sensação que tinha perdido, que a máquina tinha gozado comigo, esses sentimentos. Eu quando cheguei aqui, que eu moro aqui na linha e nunca tinha entrado no casino, que é uma coisa que os meus filhos não acreditam mas que eu também não posso fazer nada, isto foi em 1993...Eu não fui logo a correr, tinha alguma curiosidade, eu nem sabia a engrenagem de um casino, a que hora abria, nada. Fui lá um dia à tarde e mais uma vez, mesmo aquela sorte de principiante, de 1993 para 1994, já em 1994. Vou para uma máquina e vi que levava um máximo de três moedas, ainda em escudos e ganhei 100 contos. Acho que não ganhava isso na altura devia ganhar pouco mais. E eu disse “epá espectáculo”. Mudo para a máquina ao lado ganho 8 contos epá como é possível. Fiquei tao baralhada porque eles vinham pagar com uma bandeja e vim-me embora. E ai pronto fiquei com aquele bichinho e pensei pronto realmente...e comecei a ir à tarde. Como dava aulas da parte da manhã saia às 13h, a maior parte das vezes, que eu gostava de entrar cedo, saia às 13h, ia à casa, já nessa altura eu tinha microndas e deixava as coisas orientadas de véspera e porque já estava a pensar querer ir lá mais vezes, pronto. E realmente tenho que dizer que de início eu não perdi muito, não. Talvez porque eu não fiz grandes apostas há pessoas que metem uma nota e apostam a 400 e nessa mesma máquina que tinha quatro linhas vinte vezes vinte, 400. E eu o máximo era quarenta, eu sempre fui muito receosa. E portanto eu nunca fui jogadora de chegar lá e pá pá pá...eu não. Eu, é assim, é engraçado, isto foi-me explicado pelo meu terapeuta, a postura de homens e mulheres é diferente perante o jogo e, vai perceber isso. O homem vai por competição, vai viver daquilo, vai comprar uma grande carro e tal, a mulher vai mais por...eu também já tinha problemas ao nível do casamento.

Então nesta fase ainda não se tinha divorciado?

Não, não. Já estava a aguentar um casamento que era problemático. Nessa altura já nem estava dormir com o meu marido, estava noutra quarto. Ele nem me perguntava o que é que eu estava a fazer ou a que hora chegava ou não chegava.

Mas ele apercebeu-se de alguma coisa nessa altura?

Quer dizer, eu disse aos meus filhos que ia ao casino. Quando o meu filho mais velho fez 18 anos... quando eu comecei a jogar a minha filha tinha 14 anos, o mais velho tinha 18 e o mais novo teria 9 anos. Vivíamos todos juntos. Portanto 9, 14 e 18 anos. Eu deixava as coisas preparadas, portanto e para mim... há aqui duas coisas importantes, foi lá em S. que fez despoletar em mim. Como há pessoas que têm um cancro têm lá coisas que por circunstâncias ambientais como fumar que vai despoletar pronto quer dizer...e eu tinha dentro de mim este vírus, que é uma doença e eu entendi isso agora há pouco tempo. Porque ainda por cima achava que não era viciada nem era compulsiva. Ah que quando quiser deixo isto, mas não deixa nada, está a ver 1994 e estamos em 2012. E é assim essa data que eu senti alguma coisa uma alguma coisa, uma adrenalina diferente de tudo o resto, achei que aquilo era giro fui lá ganhei, voltei a ganhar e pensei pronto posso vir aqui distrair-me um bocado que era mais nesse sentido porque eu nunca fui uma pessoa muito ambiciosa nível de dinheiro. O meu ex-marido dizia que eu tinha pensar pequenino. Para mim ter para comer, beber, os miúdos estarem estáveis, ter uma boa casa, um bom carro, ter saúde, pronto para mim isso era o importante na vida e ele achava que não, grandes esquemas. E como eu tinha grandes problemas com ele, no sentido em como ele não contribuía para a casa, pagava só a renda e o resto era tudo por minha conta. Então eu andava sempre à rasca de dinheiro. Portanto quando fui e ganhei, pensei pronto estou a distrair-me claro que depois... ao mesmo e vou-lhe dizer uma coisa, quase toda a gente diz, no tempo do escudo, não sei, talvez pela própria gerência, não sei não faço ideia, perdi muito dinheiro mas não como depois de entrar um euro. Porque depois paga-se 20 cêntimos e não se tinha a noção que era 40 escudos. Depois a desgraça maior foi quando puseram máquinas de 1 cêntimo, como é que eu hei-de explicar as de 20 cêntimos têm 4 linhas, as de 10 cêntimos têm 3 ou 4 linhas e as de 1 cêntimo chegam a ter 100 linhas. Portanto se a pessoa não jogar nas 100 linhas pode perder um prémio brutal. E a pessoa está a jogar um euro de cada vez, está a ver? Então eu comecei realmente a não ter capacidade, aliás, toda a minha atenção estava lá e quando eu estava lá eu sentia-me bem, podia perder mas sentia-me bem. Porque estava alheada de tudo, pá pronto paciência. Então como o jogador se engana a si próprio, dizia assim eu não fumo não bebo, não gasto dinheiro em cafés isto no final do mês se eu gastar vinte contos aqui pronto é esses vícios que as pessoas têm. Isto começou num crescente. Depois como tinha conta ordenado comecei a usar plafond da conta ordenado, isto depois começou a tornar-se uma bola de neve e eu a ir mais vezes. A não começar a ir para casa às 17h ou às 18h a inventar desculpas que estava com uma amiga, que tinha coisas a fazer na escola.

Nessa altura dizia a quem, aos seus filhos?

Sim, nessa altura eu e o meu marido já não nos falávamos. Dizia a mãe está aqui com fulano. Eu acho que a minha filha se apercebia que e estava no casino. Uma das pessoas mais influentes da escola, a vice-presidente, era super viciada em poker. E um dia estávamos a conversar, ah e tal tu vais ao casino, eu adoro mas nunca tenho companhia e aí foi a desgraça. Porque eu, ela era uma pessoa que não pagava nada em casa, contrariamente a mim, o marido é que pagava tudo. Quando ela tinha falta de dinheiro pedia ao pai, o pai dava-lhe aos mil contos, assim este estilo, 500 contos e eu estava feita parvinha porque não percebia o suporte financeiro que a outra tinha. Nós jogávamos a meias nas máquinas, comprávamos 5 contos de fichas, no final, se tivéssemos comprado 5 ela dava-me 2,5 a mim. Os lucros era 50-50,

dividíamos a meias. Ela nem fazia comida, era o marido que fazia, ela dizia que comprava as cerejas (risos). Então eu deixava as coisas todas adiantadas, isso eu nunca faltei em casa nem nas compras nem roupa a lavar nem nada. E sábado e domingo eu não ia, era um sufoco, ela também não ia. De maneira que era a semana toda vinha para casa as 20h, às 22h e depois às 3h da manhã. Agora imagine que isto era uma autêntica loucura, comecei a ficar com mais problemas de dinheiro, nunca tinha tido cartão visa, comecei a usar o visa, já não sabia como pagar. Então exigi ao meu ex-marido que me desse dinheiro para a casa. E é verdade que ele também tinha que contribuir só que fazia-se de parvo. Começou por dar pouco mas depois eu exigi mais. Mas isso também era um direito que me assistia, no fundo eu fazia com o meu dinheiro aquilo que eu queria porque vivíamos separados. E todo esse dinheiro era canalizado para o casino. Isto foi aumentado, aumentando e eu sempre com essa amiga, não era poker de mesa era de máquina.

Mas essa amiga era colega de trabalho e também amiga uma pessoa que podia contar?

Era amiga e colega. Mas vamos lá ver uma coisa, eu nunca lhe pedi dinheiro. Eu nunca pedi dinheiro a ninguém para jogar. Eu depois comecei a recorrer das empresas de crédito, falam que há maleiros, agiotas nos casinos. A mim é, como digo, para mim eu estava na minha máquina e isto é uma coisa...para nós eu hoje acho isto tão caricato e o meu terapeuta farta-se de rir comigo em certas coisas porque é assim. Há ali um grande código de honra para a maior parte das pessoas que estão no casino que é o seguinte: agente pode ir à casa de banho que dizemos não se importa toma aqui conta da minha máquina, que aquilo é uma preciosidade, não se pode largar aquela máquina, é nossa. Eu cheguei a estar lá das 15h da tarde às 3h da manhã e no dia seguinte estava pronta as 7h da manhã, levantava-me na boa ia para a escola na boa. Eu também nunca precisei dormir muito. Para mim três horas, quatro horas bem dormidas são o suficiente.

Assim nunca viu a sua situação profissional ser afectada?

Não, não. Sempre adorei o que fazia, adorava dar aulas. Ainda hoje tenho alunos no Hotmail, no Facebook que me tratam por tia, não tia da linha, mesmo de sobrinho. Realmente eu sempre consegui transmitir aos miúdos uma pronto... Basicamente eu gostava do que fazia. E sempre gostei de relações com pessoas. E portanto essa situação nunca foi. Depois ao fim de semana descansava mais como não ia e também com a minha amiga/colega eu dizia, ah eu não posso continuar a ir já viste não tenho dinheiro e ela dizia então pronto vais comigo e eu jogo. E algumas vezes fui e ela estava a jogar. E ela nunca...mas pronto eu nunca quis que ninguém me desse dinheiro para o jogo e tal. Entretanto isto foi continuando cada vez uma situação pior, acabei por a minha filha já estava com 18 anos e já tinha cartão de empresária, porque o pai ponha-os logo com cartão de empresário desde quase que eles tinham chucha e fui ao banco, na altura pedir 600 contos, e ela é que assinou e portanto o banco conhecia-nos eu fiquei como fiadora, não tinha nenhum problema com o banco de Portugal e até 2011 nunca tive. Tinha muitas dívidas mas não tinha nenhum problema com o banco de Portugal. E então aí começou uma rota de colisão autêntica, porque esses 600 contos eu paguei o cartão de crédito, repus a conta ordenado mas depois o resto....Tentei equilibrar. Depois voltava novamente ao mesmo. Fiquei sem aqueles 600 contos sem o plafond do cartão de crédito e a conta ordenado também usava. Claro que ia sempre pedindo mais dinheiro ao meu ex-marido, dizendo eu gasto x por mês e mostrava-lhe os talões que não era mentira. Que é uma coisa que eu sempre fiz, recebia, punha logo combustível no carro, comprava tudo no talho, peixe, mercearias, portanto comida não ia faltar, gasolina não ia faltar, o resto agua, gás, luz, dizia a ele para pagar nem telefone nem não sei quantos. Nesse aspecto, sei que não prejudiquei em casa as pessoas, prejudiquei noutra sentido, com a minha ausência, embora em situações pontuais em que eu percebia, o meu mais velho já estava na faculdade, a minha filha também sempre foi muito boa aluna, levei-a para a minha escola no 10º ano porque estava mais perto

de mim e ela própria também queria. E depois o mais novo quando acabou o 9º ano também foi para a minha escola, logicamente que não fui propriamente uma mãe ausente, porque isto começou 9, 14, 18 e não começou logo de forma compulsiva. Acho também que depois eles começaram também a fazer os seus próprios voos. Eu estava presente, era capaz de ir buscar a minha filha à discoteca e buscá-la às 5h ou 6h da manhã, o meu ex-marido achava que a discoteca era um lugar de prostituição e de droga. E então eu fazia esse papel, o mais novo levava-o aqui ao E. ao não sei que house que era só para miúdos das 9h da noite à meia-noite, tinham direito a 10 bebidas mas não alcoólicas. Ia buscá-lo levava o carro cheio de miúdos, achava que devia fazer este papel. Entretanto ia ao casino aquelas 3h e depois ia buscá-lo. Portanto fiz sempre assim essa situação, depois tive um AVC em 2004. Porque as coisas em casa estavam muito complicadas, porque o meu marido começou a exercer violência psicológica que me ia deixando doida, porque achava que eu estava a tentar envenená-lo, dizia que eu punha coisas no quarto, makumba, bem eu acho que, a médica de família diz que ele não bate bem da cabeça. Não bate mesmo, pronto. Começou a...eu estava na casa de banho a fazer as minhas necessidades e abria a porta e dizia “o que é que puseste no meu quarto e não sei quê”, pronto. Fazíamos férias à mesma juntos, pronto, ele já sabia que só podíamos ir para sítios que tivessem camas separadas, se fosse só com cama de casal eu não ia. Tivemos a dormir assim nessa situação 10 anos. Claro que isto também me fez mal, era muito complicado gerir isto. Depois com a situação dele estar a fazer-me aquela pressão psicológica, acho que ele endoideceu. Ele uma vez ele foi ao café em frente beber um café, voltou ao café a perguntar o que lhe tinham posto no café que lhe fez mal. Estava com uma paranóias esquisitas. Eu então comecei um dia a sentir-me mal, mal, deitei-me, no dia seguinte fui trabalhar, senti-me mal sentia a boca e esta zona toda apanhada, disse aos alunos do 10º ano façam os exercícios da página tal, continuei a sentir-me mal, liguei à minha filha e disse “vou para casa, levas-me ao hospital”. Ela já estava a trabalhar, é economista. Vou para o hospital estava no princípio dum AVC, felizmente foi isquémico, não foi hemorrágico, mas trouxe-me bastantes sequelas e nessa altura a psicóloga, a assistente social, os médicos perceberam o caso e ele não podia entrar nas visitas, foi logo o primeiro a ir mas ficou proibido. E depois eu só chorava mas disseram-me que eu tinha de tomar uma decisão...mas eu não sabia o que fazer. Depois há uma grande amiga minha que vivia sozinha, já era minha amiga há muitos anos e que disse à minha filha “Olha não há problema, vocês vêm cá para casa”, o cão também teve que ir, teve que ser raptado. E eu deixei uma casa, não voltei aquela casa, sai de casa pronto. E deixei as minhas coisas todas lá. Isto foi muito violento para mim, deixar uma casa com tudo, eu já sabia, eu às vezes pedia-lhe “Paulo sai de casa, eu tenho os miúdos” “Eu também os tenho”. Ele não deixava. O mais velho já estava casado, o mais novo tinha 18 anos na altura. Tinha entrada para a faculdade em arquitectura. E eu estava com a minha amiga e com o cão. A minha filha foi buscar as roupas e as dela também. E fiquei ali um mês, depois outra amiga minha, felizmente é uma coisa que é assim, sou muito... Vamos lá ver eu tenho muitos conhecidos e muitas conhecidas e sei que só mesmo minhas amigas, há os amigalhões...eu só privilegio uma mão cheia e não mais de amigos, que eu sei que posso contar.

E com essa sua amiga sabia que podia contar?

Sim, ela não sabe nem nunca soube deste meu problema. Eu nunca lhe pedi dinheiro. Estava muito enfraquecida muito magra e tinha problemas de tonturas e de conhecimento de coisas, perdi muita coisa. Eu não podia ler duas linhas ou três, esquecia-me tinha que voltar atrás. Tive terapia, psicoterapia, no Hospital com uma psicóloga e com acompanhamento também dela e de uma psiquiatra. E depois também fiquei se ver bem. O braço e a perna estão bem, só a nível mental é que fiquei com alguns problemas. Se eu for escrever a data sou capaz de por aqui 2019 ou 2029, troco os números, faço cópias de cheques, treinava mas ainda hoje se for preciso engano-me. Fiquei com alguns problemas, por exemplo tenho este molho de chaves,

sei que esta chave é do carro mas de caminho para o carro pego nesta, da casa da minha filha. Andei na neurologia tem a ver com um erro de refração portanto o meu cérebro emite uma ordem provavelmente como eu sempre fui pepe rápido, as células com AVC morreram...os circuitos não estão o mesmo. Eu estou a procurar ser mais calma. Mas neste momento já não é o importante para mim, mas já consigo ler um livro e certas coisas. Depois fui para a casa de uma amiga que me cedeu a casa dela que ela foi para casa da filha. E entretanto aluguei uma. O meu filho mais novo que tinha 18, 19, o pai comprou-lhe um estirador, que estava em arquitectura, convém ter uma série de coisas. E eu disse-lhe que a casa que aluguei são só dois quartos, a mana pode dormir comigo e tu ficas no outro quarto. "Não, mãe não leves a mal porque tenho um quarto só para dormir e outro para por o estirador". Depois comprei uma casa no nome da minha filha porque pedi o divórcio e também aí gastei muito dinheiro sem grandes benefícios. E assim que eu comecei a ficar melhor, já guiava e ia ao casino. Entretanto tenho uma amiga no A., que também é adita ao jogo e quando eu ia para lá de férias íamos sempre jogar e a minha filha sabia disso. Eu acho que ela percebia mas nunca...chegou-me a pedir para eu não jogar e...estas coisas mas não com muita frontalidade. A minha filha foi sempre aquela situação co-dependente de mim e a minha cuidadora, ninguém lhe pediu nada mas ela é que se assumiu como isso e hoje cobra-me e de que maneira.

Achava que ela era muito dependente de si?

Ela não era. No fundo agora, está a sofrer para cachorro. Esta a tomar aquela atitude que eu tive a ler, como vencer a co dependência, que o meu terapeuta. Portanto quando o cuidador fica sem ninguém, é o vazio, foi o que lhe aconteceu a ela. Então agora é uma revolta comigo, é uma brutalidade a ponto que me proibiu de ir a casa dela. E agora sou eu que ando um bocado chateada, ponho um bocado o travão, mesmo o psicólogo o diz.

Deixe-me só voltar um pouco atrás. Tinha dito que no casino se sentia um pouco alheada de tudo, pode descrever-me um pouco melhor o que é isso?

Eu quando me sentava na máquina, aquela na máquina, para quem gosta. Eu era uma coisa. Depois sempre a porem máquinas novas. Portanto eu entrava, eu queria era descobrir como era o bónus, como é que era o jogo, como é que era o não sei o quê.

Era um permanente desafio?

Era um desafio completamente, então eu ficava...eu esquecia-me mesmo. E como depois comecei a viver sozinha, a minha filha casou, embora eu, pronto eu vou dizer que isto é anonimo, não tem problema nenhum que eu tive um relacionamento com uma pessoa que com que ainda agora estou mas que houve ali um ano em que a pessoa pediu um tempo e já se sabe o que são os tempos é porque já se está com outra pessoa. Então aquilo em 2007 foi terrível, vivia sozinha a pessoa a pedir-me um tempo então ia ao casino todos os dias. Embora usasse uma tática que sai sempre as 21h da noite. Então foi gastar gastar. Eu tinha um ordenado, sei lá 1700€ limpos o que dava para fazer um a vida super porreira. Recebi algum dinheiro do divórcio por causa da casa. Paguei algumas dívidas que tinha porque já tinha Cofidis e essas porcarias todas, essas entidades que agora têm juros a 28%. A pessoa quando quer dinheiro não olha, que é o dinheiro na conta. E depois ainda por cima, é uma acusação que eu faço mesmo, eles estão sempre a oferecer...o ano passado puseram 10.000 na minha conta, 10.000 euros! E aquilo ia servindo para pagar as minhas dívidas mensais. Eu já estava a ter 1000 e tal euros de dívidas aos credores. Eu ia para o casino para alhear-me dos meus problemas. Primeiro do meu marido, depois já era das minhas dívidas e daquela situação emocional. Depois essa situação resolveu-se mas eu continuei...era assim chegava a meter-me na cama, vestir-me tomava banho...eu ficava com os meus netos, 2 deles até terem 1 ano.

Nessa altura já não trabalhava?

É assim a partir de 2004 eu tentei ir à escola e não consegui. Meti reforma por antecipação em 2010 e depois quando fazia 18 meses tinha que ir trabalhar 1 mês mas a junta médica não me deu, deu-me como inapta e eu só tinha duas hipóteses era licença sem vencimento e a outra era parar a reforma por antecipação e meter por invalidez. Então estive na junta médica para pedir reforma por invalidez. Ainda me falta o relatório da psiquiatra, o meu psicólogo deu-me agora. Mas eles não têm dúvidas nenhuma. Eu tomo muita medicação por dia para dormir, ansiedade. Porque eu tento desencilhar-me um bocado. Mas estou a engordar um bocado, é complicado. Eu sempre fui muito magrinha também não me sinto bem por estar gorda. E fiz dietas mas continuo...se eu fizer uma dieta que é de proteínas há 3 anos atrás perdi 10kg resultou, agora não resulta. Temos que aprender a viver com isso. Estou a prender agora com o meu terapeuta, uma fase complicada porque o jogador deixa de pensar em si...como eu disse deixei de...a minha filha teve dois meninos e o meu genro ficava muitas vezes fora. Eu ficava até lá s 21h da noite saia dali ia até casa pegava no cão, metia-o no carro para não ficar ali a ladrar para os vizinhos e ia para o casinho a partir das 22.30h/23h. o que é que eu pensava, ninguém sabia que eu ia jogar e também não tinha o controlo de ninguém sobre a minha conta, então aí também comecei a gastar.

Sente que foi aí que deu um salto em termos de jogo?

Foi isso, foi 2010. É aí eu já não tinha controlo.

Houve outra coisa que me chamou à atenção, o seu filho ficou com o seu marido. Como é que isso foi para si?

Ele já tinha quase 19 anos e não me fez muita, a gente ia-se vendo. E ele na altura apesar de ter ficado um bocado revoltado. É assim, eu e a irmã éramos um bocado um suporte para ele. É o mais novo, o mais pequenino. Ele é muito sensível com umas características especiais. Não digo sensível de sensível de...(homossexual). Tem uma sensibilidade especial. A psicóloga da escola na altura até disse que ele deveria de ir para artes ou então para a área da saúde. Ele tem uma grande sensibilidade com as pessoas de idade, com as crianças e essas coisas pronto. Acabou por ir para artes e eu fiquei satisfeita. Eu pintei muitos anos, deixei de pintar, tenho lá os quadros em casa. Não pinto mal, dito por pessoas bastante habilitadas e este meio filho saiu a mim. Os outros não, a minha filha, não. Acabou por se revelar uma pasteleira. Ela é economista e tem uma página no Facebook, que é muito engraçada, faz coisas espectaculares com massa americana e não sei quê. Eu sempre gostei muito de fazer sobremesas, bolos, deixei de o fazer. Toco vários instrumentos musicais e também deixei de tocar.

Acha que esse desinteresse tem tudo a ver com o jogo?

A pessoa perde-se, alheia-se. É assim eu nunca fui pessoa de faltar a almoços de família, festas de anos, natal. Isso eu conseguia absolutamente controlar-me. Natais nunca, fui a passagens de ano sim. Mas isso os filhos começam a passar com amigos. Mas passar a passagem de ano é muito fixe! E assim a minha vida estava canalizada para lá. Já não tinha grandes responsabilidades de filhos e de nada. E aqui coisas pontuais. Eu achava que estava a gastar o meu dinheiro, não era dinheiro de heranças, não era dinheiro casas. Como há pessoas que gastavam heranças e os filhos não lhes perdoam. Pessoas que roubaram os pais. Eu tinha e tenho uma caixa cheio de ouro meu e da minha mãe antigo. O meu sempre deu e como eu sempre adorei o meu pai, ele já morreu. Aquilo para mim era sagrada, nem nos momentos mais difíceis me passou pela cabeça ir vender o ouro que o meu pai deu à minha mãe. O meu pai tinha uma loucura pela minha mãe, uma coisa, uma paixão. Acho que não há outro homem

como aquele para aturar a minha mãe. Tenho uma relação muito complicada com a minha mãe, basta-me dizer bom dia para me irritar.

Vamos então passar à 2ª parte da entrevista. Já que falou do pai e da mãe, gostava de lhe perguntar se tem alguma recordação da sua primeira memória?

Silêncio. Há uma que é engraçada. É o meu pai, nós vivíamos em Moçambique, era interior, era tudo com geradores, não havia electricidade. Uma vida engraçada, os meus amigos eram todos indianos e negros. Tenho sempre a ideia de imensidão quando se fala em Africa. As praias com quilómetros. A casa onde a gente vivia era a nunca ali na zona, o resto eram todas palhotas, lá havia uma casa ou outra. E tenho a ideia de estar sentada, com a cabeça encostada aos joelhos do meu pai, a ouvir futebol, por isso eu gosto imenso de futebol e por acaso foi uma coisa que eu nunca lhe fiz a vontade. Ele era do Porto e eu sou do Sporting. Não sei porquê mas também tenho a ideia de me vestirem de verde e eu dizer isto é do Sporting, é do Sporting. Então há uma imagem do meu pai, ele tinha umas mãos e uns pés muito bonitos. A fazer-me festinhas na cabeça, a ouvir o jogo e ainda hoje, parece, às vezes parece que sinto as mãos do meu pai. Eu tinha uma paixão pelo meu pai assolapada e a minha mãe tinha muitos ciúmes.

Era filha única?

Não, tenho um irmão que desapareceu em combate pronto. Alheou-se dos pais, alheou-se de tudo. Tenho sido sempre filha única. E fui co-dependente da minha mãe, não gostando dela, eu não gosto da minha mãe.

E porque acha que isso acontecia e esse sentimento que tem?

Isso lá está, a pessoa tem adição a coisas. Porque ela é manipuladora, fazia-me chantagens estilo “Vou morrer, a minha mãe morreu cedo eu fiquei sem mãe e pai aos 13 e aos 15 anos. Se eu morrer e não sei quê o que vai ser de ti”. Quer dizer eu tenho aqui da parte da minha mãe...desde criança a ouvir aquilo. Eu não tenho problemas em dizer que não gosto da minha mãe. Porque é assim, vamos lá ver, não lhe desejo mal, trato-a bem. É uma pessoa hostil e só quer comer futa papaia e manga. Quer dizer eu não conheço ninguém neste país, a não ser pessoas muito ricas que só comam fruta papaia e manga. Quer dizer, há outras frutas que eu posso comprar kiwi, não come, bananas é obrigada a comer. É muito complicada a minha mãe e nunca nos demos bem.

A Eva já nasceu em M.?

Sim nasci, eu só vim de lá já com um filho. Fiz a faculdade lá, no ano que acabei abriu a faculdade lá o que foi óptimo. Comecei a trabalhar lá, casei lá, tive um filho e vim quando ele tinha 6 meses. Mas pronto depois tivemos de começar a vida de novo. Eu durante muitos anos, hipoteticamente já tinha esta doença mas só quando fui à Africa do Sul, em 1993 é que eu fui a 1ª vez a um casino. Nasci em 1951 portanto tinha 42, 43 anos, quando isso aconteceu, já tinha os filhos muito pronto, foi na África do Sul a primeira vez pronto.

E a sua infância como foi?

Ahhh era uma infância relativamente feliz. Nós lá fazíamos muito, combinávamos as casas eram grandes, coisas ao pé do mar eram ao preço da chuva, os pescadores não tinham a quem vender vinham oferecer ameijoas, tenho essa ideia de grandes banquetes com muita gente. Os amigos dos meus pais tinham filhos, das nossas idades aaah pronto houve uma situação menos boa de um mais velho que me fez, como é que eu hei-de explicar, nunca me violou no sentido

verdadeiro da palavra de penetração da vagina mas que me fez fazer coisas que, é complicado. (silêncio/choro). Isto é muito difícil falar nisto.

Se não se sentir confortável não precisa de falar.

Pronto foi muito complicado, a minha mãe nunca percebeu. Felizmente saímos do interior, viemos para o litoral. O meu pai queria que nós estudássemos e que não andássemos em colégios, queria nos acompanhar e foi a minha sorte.

Mas lá fez a escola primária?

Não, não só quando fui para o litoral. Foi assim, houve dois anos que a minha mãe ensinou-me, a 1º e 2º e 3º classe apoiada por uma professora, que era amiga de família. Mas eu queria ir para o colégio mas ela não queria que eu fosse. Eu queria ir por causa destas situações todas.

Queria conviver mais com outras crianças?

Sim não conviviam eram só bocadinhos. O meu irmão estava no colégio, era mais velho que eu 3 anos. Estava sempre sozinha, era muito complicado. Tinha horrores quando a minha mãe dizia que íamos àquela casa, onde aconteceu ou ao contrário, pronto. Quando fui para o litoral, já tinha 8 anos e tal, respirei muito de aliviada. Isto é muito complicado, sei lá se isso também, é uma mágoa que eu nunca vou resolver, é complicado. Há coisas que é assim, com o casino sinto-me culpada e felizmente já estou sem jogar há 4 meses. Já estou sem ir a um lugar de jogo desde agosto que foi quando eu decidi não jogar mais. É que depois comecei a ir à internet e joguei durante 3 semanas com o cartão de crédito. Mas não fez grandes estragos mas como eu tenho de ser honesta eu tenho que dizer...uma coisa que o meu psicólogo me encomendou foi não fazer qualquer aposta, nem euro milhões, nem raspadinha, lotarias, nada. Para não me provocar qualquer tipo de adrenalina relacionada com o jogo. E deixei. Eu nunca mais joguei no euro milhões, a minha última aposta foi no dia 5 de Novembro na internet. Quando eu fui ao doutor Pedro já não estava a fazer apostas. E nunca mais fiz. Até no outro dia o senhor da papelaria, então dona Eva não joga no Euro milhões? Não, isso nunca sai. "Não sai a quem não joga", pois mas eu não quero. E pronto isto não me custou. Mas agora esta situação que eu estava a contar que não era, não tinha nada a ver comigo, nós temos sempre a sensação que se nos ameaça vai contar aos adultos coisas. Vivemos esta situação portanto foi horrível.

Manteve contacto com essa pessoa?

Não, completamente. Os meus pais vieram para o litoral e só encontrei esse indivíduo quando depois foi a minha viagem de finalistas e fui a casa dos meus tios. Ele vivia lá e disse aos meus tios que me vinha buscar para ir ao cinema, não achei aquilo nada natural e disse logo que não. Que estava muito cansada e que não queria. Nos íamos com a força área portuguesa eles subsidiaram a nossa viagem de finalistas. Então nos íamos paras as messes do oficiais.

Mas a viagem de finalistas de liceu?

Não, de faculdade. Eu hoje em dia penso, esse individuo tem 8, 9 anos a mais do que eu. Se eu tenho 60 se ele ainda é vivo uns 70. Ele sofria do coração e tinha sido operado. E os meus pais estavam sempre a dizer a mim e ao meu irmão que não podíamos contrariá-lo que ele não se podia enervar. Isso levou a quê, isso é uma memória da minha cabeça de uma repulsa. Ele estava com certas e determinadas coisas e eu estava sempre com medo e ameaças, porquê? Porque as pessoas lá em africa têm outro tipo de fida os filhos vão se deitar e os filhos vão-se deitar e ele como era mais velho sabia de toda essa dinâmica. E foi assim. Depois quando fui

para o litoral e continuei sempre a gostar de desporto e ia com o meu pai ao futebol acabei por...como naquela altura havia censura só podíamos ir ao cinema depois dos 12 anos. Então eu fui ver um para 6 anos. Embora já tivesse mais. Eu gostava de futebol, hóquei em patins, e vi o Eusébio a começar jogar. Gostava de basquetebol e pratiquei. Eu adorava ir com o meu pai ao futebol. Era um companheiro. Eu hoje digo...confrontava um pouco Deus e digo "Porque é que levaste o meu pai e não levaste a minha mãe?". Porque se o meu pai tivesse viver comigo hoje, toda a gente dizia assim as amigas mais íntimas, "se o teu pai morrer primeiro estás lixada". E é verdade, foi o que aconteceu. Embora ele tivesse a sofrer muito ele tinha Alzheimer, era um homem muito inteligente. No litoral, de início, havia a rua do pecado, onde estavam as prostitutas e o casino e o meu pai uma vez de conversa diz que foi num batalhão de M. para a II Guerra Mundial. Mas Portugal não entrou na II Guerra. A minha mãe veio para cá para a casa de uma tia e eles conheceram-se lá. Então ele dizia "Eu e a maior parte dos colegas íamos lá às meninas e ao Casino e eu gostava mesmo daquilo e não sei quê". Agora a minha filha diz "Se calhar o avô jogava e tal" mas eu já disse que não. Porque a minha mãe sempre controlou o dinheiro e a minha filha diz que por isso mesmo. Tenho a noção perfeita que a minha mãe controlava meu pai mas era por ciúmes. O meu pai saía do trabalho às 17h do trabalho e às 17 e tal ele já tinha que estar em casa. A minha mãe sabia quando chegava o autocarro e já estava à espera.

E a sua mãe também era assim consigo?

Pfuu, terrível. A minha mãe...não podia ir a lado nenhum. Só podia ir ao cinema, quando já podia ir e ia com ela ou com o meu irmão. Bailes, matinés dançantes nada, não podia ir. A viagem do 5º ano do Liceu Feminino ela não me deixou ir, eu ainda falei com o meu pai e ele disse "Eu não me meto".

A sua mãe domina tudo então?

O meu pai tudo. E depois manipuladora. Se o meu pai se atrevesse a fazer qualquer coisa para a contrariar ela metia-se no quarto 3 dias. Janelas fechadas e o meu pai ia levar-lhe torradinhas com chá, eu dava-lhe era com aquilo na cabeça, mas pronto.

Revoltava-se?

Completamente, achava que ela fazia uma chantagem sobre o meu pai uma coisa horrível. Claro que depois como jogadora também fui uma manipuladora, não é?

E amizades, tinha amigos no litoral?

Eu sou aquilo que toda a gente chama de relações públicas. Tenho muita facilidade, gosto muito de contar anedotas, gosto muito...eu também acho que o facto de ter tido aquele problema em criança me fez querer ser muito popular, querer ser a pessoa mais importante da turma, do ano. Não era, tinha necessidades que gostassem de mim, pronto. E ser muito popular, ter muitos conhecimentos. Mas depois, também, havia certas restrições, não fui ao baile de finalistas que era com vestido comprido, os rapazes iam com lacinho. Chorei, chorei e ela não deixou. A viagem pronto foi feita de barco, de sula até ao norte. Fui porque disse que ia.

Mas acha que foi porque se impôs?

Eu queria ir e disse à minha mãe que ia. E como me meti na organização. E ela ficou doente, fazia queixas ao meu pai e o meu pai vinha falar comigo "e tu não podes agir assim com a mãe." Realmente isto foi uma infância e uma juventude muito reprimida. Depois casei.

E conheceu o seu marido no litoral?

Também há uma outra situação que eu já falei ao Dr. P. Eu tinha uma certa reserva em relação aos homens. Conheci um rapaz por quem me apaixonei, andávamos no liceu, um ano mais novo. Mas muito alto, muito adulto. Uma pessoa que os nossos pais eram amigos. Estivemos durante 3 anos. Mas do estilo janela, era cartinhas, era telefone. Saída não haviam era só com os meus padrinhos. Eles diziam “Odeio fazer de pau-de-cabeleira, a tua mãe é doida”. Mas pronto. Era assim mas não é que eu tivesse a querer isto ou quilo. A pessoa tem medo, não havia preservativo, tinha medo. Quando ele me solicitava, pronto passava um pouco mais da relação eu disse que não. E ele ai disse: “ou é ou não é” e eu disse que não que não passava por ai. E pronto depois ele arranjou uma outra pessoa. Nunca mais o vi, quero dizer vejo os pais dele de quem nunca deixei de ser amiga, estão no Algarve.

Foi o seu primeiro desgosto de amor?

Foi. Depois passados dois anos conheci o meu marido, mais velho do que eu quatro e meio. Que parecia aquele tipo de pessoa. Naquela altura dizia-se que é melhor que eles gostem mais de nós do que nós deles. E eu achava que fazia sentido. Gostava dele. Eu no 4º passo a pessoa vai falar de alguma culpa e eu acho que fiz mal em ter casado com ele. Porque eu não o amava, gostava dele achava que ele me podia dar alguma segurança, era um tipo porreiro, eu tinha 23 anos na altura.

Nessa altura já trabalhava?

Sim, comecei a trabalhar tinha 21, 22 anos. Os meus pais não o aceitaram muito bem, o meu pai não ia muito com a pinta dele mas pronto tiveram que aceitar. Passado 9 meses estava a casar. E fiquei muito chocada a nível de ordenados porque ele vira-se para mim, depois de casados, “Dá-me cá o ordenado”, naquela altura recebia-se um envelope com notas e moedas. “ Como é que é?” “Dá-me cá o ordenado que eu fico a guardar o dinheiro”. E eu disse à minha mãe que me queria divorciar. A minha mãe disse que eu era doida e foi chamar com o responsável da igreja e foi lá falar comigo e com o meu ex-marido. Portanto nessa situação a despoletar lá a começarem a matar as pessoas nas estradas, nós começamos a tratar das coisas para vir embora. O meu filho nasceu, tinha 6 meses quando eu me vim embora e portanto acabei por me deixar levar por aquele casamento. Depois vim para Portugal, arranjámos aqui uma casa. Passámos por muitas dificuldades. E pronto foi essa a situação eu pago a casa e tu pagas a comida. Depois os meus pais ficaram a viver comigo que também foi outra coisa má.

Os seus pais também vieram com vocês?

Vieram. Vim primeiro a minha mãe e o meu filho. Depois veio o meu pai e o meu ex-marido. Ficaram a tratar do contentor para trazer as coisas. E pronto foi assim complicado, passamos muitas dificuldades. E depois à medida que a renda da casa foi tendo menos importância, os juros baixaram. Ele foi fazendo a vida dele, era economista nas finanças. Foi criando empresas, fazia escritas. Foi ganhando lucros por fora mas era para canalizar para os irmãos para os sobrinhos, para os pais. E não via dinheiro nenhum dele era para a renda da casa e acabou. Isso também me começou a fazer mal mas pronto. Claro que é assim, nos tínhamos uma relação normal, pronto. Ele conseguiu de alguma maneira, tirar-me aqueles traumas que eu tinha. É verdade que sexualmente eu nunca vivi nenhuma experiência. Mas falavam com amigas que não sabiam o que era um orgasmo, os maridos era mesmo à coelho. Pronto aquela época complicada. Ele não, uma pessoa nisso que não posso. E portanto isso também mantinha um bocado o casamento. Não é uma pessoa ser tarada mas mantém um bocado

estabilidade. Pronto e depois ele também era meigo, fazia boas massagens nas costas e isso também era bom para mim. Agora em relação ao dinheiro era irredutível.

Era realmente uma situação que causava muitas discussões?

Sim, muitas discussões. O meu filho mais velho, foi mesmo uma situação...eu já não queria mais nada com ele, mas os meus pais estavam lá em casa, mas eu não queria mais nada com ele. Mas pronto engravidei, chorei baba e ranho, foi no dia dos meus anos, mas pronto não interessa o bebé vem cá. E toda a gente dizia, faz um aborto mas o meu filho veio e acabou. E quando ele tinha 8 meses eu disse ou saís ou saio eu. E tenho uma grande depressão, um grande esgotamento. Pesava 40 e tal quilos, não dormia, ia trabalhar e mais nada e ele saiu de casa. Ele deixou-me na casa dos meus pais.

Então desde que vieram de M. que estavam todos juntos?

Sempre, sempre. O que foi muito mau. Por exemplo a minha mãe fazia pastéis de massa tenra e o meu marido era da província e estava habituado a comer batatas com bacalhau. Agora aquelas coisas mais requintadas ele abria o pastel e via e a minha mãe via, ia por quarto e estava lá dias. E eu tinha que fazer de mediadora. Eu quando olho para trás...o meu terapeuta diz que eu ter ido para o casino e não estou a arranjar desculpas, aquela implosão que eu tive não foi uma explosão foi implosão. Portanto eu, toda a vida fui reprimida, fui violada, violentada, não só física mas a emocional. O meu ex-marido a mesma coisa e portanto isto foi muito complicado. Ele saiu de casa e eu fiquei com os miúdos durante 4 anos com os meus pais lá. E aí a minha mãe achou que, agora fico cá.

Mas aí ainda não jogava?

Não, nada. As minhas amigas às vezes diziam, vamos lá jogar ao casino e eu não ia, não queria. Eu não jogava loteria, totoloto. Gostava de jogos de tabuleiro, depois apareceu o Spectrum e eu ficava ali, aí gostava sou sincera. Ele saiu e fiquei com os meus pais. Aí a minha mãe achava que era a rainha da sucata e começa a controlar-me, os meus telefonemas. Nos tínhamos dois telefones, vim do meu quarto pé ate pé e lá estava ela no outro. Passei-me completamente da cabeça e disse-lhe, disse ao meu pai "pai, perdi a paciência" isto era para aí Outubro e disse até ao final do ano vocês têm que sair, eu não me dou com a mãe está-me a fazer mal. A minha mãe tinha a lata, nós éramos 4 eu e os meus 3 filhos, eles eram dois, portanto adultos, as crianças a nível de electricidade e essas coisas quase não contam. E comprava a comida à parte os boiões e Cerelac. Eu punha 50 contos e a minha mãe punha 25 contos. Dividia as despesas por 6 pessoas, pagava 75 contos. Isto revoltou-me sempre. Eu achava que não fazia sentido. Portanto eu dava-lhe o dinheiro ela fazia lá as compras como ela queria, não lhe pedia satisfações, se ela dava mais ou dava menos. A minha mãe é compulsiva por livros e medicamentos. Ainda hoje é uma luta que eu tenho com ela. Inventava com tudo e mais alguma coisa, às vezes liga para um sítio qualquer e encomenda um livro. Tem para aí, sei lá, eu nem sei. O meu pai ganhou uma herança ela gastou tudo. Não preparou a sua velhice. Eu por exemplo sou sócia da associação dos professores desde os 28 anos. Se um dia eu quiser ir para lá, não quero ir para casa dos meus filhos, pronto. E então nesses quatro anos o meu ex-marido não arranjou ninguém, gostava de mim, estava arrependido. O meu filho mais velho na altura teria 13 anos e pedia-me para deixar o pai voltar para casa. A miúda dizia que não. O pequenino nem percebia muito bem o que é que se passava. Depois quando os meus pais saíram, foi uma situação...o meu pai...a minha mãe cortou relações comigo. Tinha umas saudades do meu pai. Fiz tudo para conseguir uma reconciliação.

Mas mantinha contacto com o seu pai?

Não, a minha mãe não deixava. Não havia telemóveis, não havia nada. Foi complicado porque...eu não jogava portanto está aqui uma acumulação de várias coisas. Atenção, eu tenho uma doença, não sou responsável da doença que tenho, agora sou mas é responsável da minha recuperação. Agora que eu conheci esta minha situação. O meu terapeuta diz que eu sou responsável. Tenho estado em situações complicadas principalmente por causa da minha filha. Nunca me assolou, porque eu já sei que aquilo não me interessa. Na altura eu entreguei tudo, a minha filha ficou-me com tudo, cartões, com o controlo do meu dinheiro, tudo. Agora há algum tempo ela entregou-me um cartão e faço as compras de comida, gasolina mas aquilo também está lá é em tempo real não posso levantar dinheiro.

Podíamos só voltar atrás à situação dos seus pais terem saído de casa?

Sim eu um dia liguei à minha mãe, ela normalmente desligava, disse-lhe que “se desligas vou aí” e consegui saber onde eles tinham alugado uma casa. E disse “olha mãe quero falar contigo e com o pai” ela disse “Queres falar com o tu pai falas”. “Então paizão?” Ele começou a chorar, chorou, chorou, chorou. Chorava ele, chorava eu. Eu disse olhe pai eu vou-vos aí buscar vem cá jantar hoje, eu nessa altura estava sozinha com os miúdos. E fiz uma sopa transmontana lá como ele gosta, foi a nossa reconciliação mas sobretudo com o meu pai.

Mas sente que foi só a Eva que deu o passo?

Sim, o meu pai não tinha capacidade para fazer isso. O meu pai sempre foi...houve um dia quando ele estava para sair disse “ah mas não precisamos de sair eu responsabilizo-me pela tua mãe não fazer essas cenas.” E foi a única vez que eu falei mal para o meu pai e disse “o pai é uma banana.” Desculpe dizer-lhe isso mas é um banana”.

Nunca tinha tido esse tipo de reacção para com o seu pai?

Não, nunca. Disse-lhe mesmo, o pai é um banana. Aquilo foi uma revolta da minha parte. Porque eu acho que a minha mãe...Eu sou contra a violência, mas acho que houve alturas em que a minha mãe merecia dois pares de estalos. Por exemplo como eu às vezes tenho vontade de lhe dar. Porque ela provoca-me constantemente, em situações que me põem...ela está comigo desde 2009 e houve alturas que ela sarrazinava-me o dia todo e chegava às 21h da noite eu saia devagarinho e metia-me no carro e ia. E depois quando vinha para cá fazia igual. É assim quando um jogador está contente, tem vontade de festejar se está triste, está zangado, que é a maior parte das vezes, vai jogar. Pronto senti-me infeliz, porque é que tinha que ficar com ela porque é que o meu irmão não quis saber. Meti a assistente social do centro de saúde ao barulho. Ela não tinha rendimentos.

Mas o seu irmão mora perto de si?

Não, mora em P. Ela afastou-se dos pais, um deles também com problemas de cancro. A minha cunhada. E o meu irmão procedeu igual. Não quer saber.

Então há um afastamento brutal?

Sim, completamente. Mas também não faz cá falta nenhuma porque ele é vigarista.

E em pequenos como era a relação?

Vamos lá ver quando eramos pequenos eu tinha uma adoração por ele. Mais velho 3 anos e tal. Fazia-me chantagens, se estas a chatear-me não te levo ao cinema no fim-de-semana. E eu uhuh. Depois ele sempre teve muito mau feitio, mentiroso, mau aluno e o meu pai passava-se com aquilo. E então há uma coisa que marcou muito a minha vida, que foi, uma noite eu acordei com o barulho dos meus pais a discutirem e levantei-me pé ante pé. Ouvi esta linda

frase “ Tem paciência, tu imbiras com o rapaz”, quer dizer, um aldrabão, mentiroso, uma coisa horrível. Pôs-me em sarilhos com coisas que eu ainda hoje me lembro disso, possessa. Portanto “Ficas com a rapariga e eu fico com o rapaz e divorciamo-nos”.

Para a sua mãe também era clara essa diferença, então?

A loucura dela é o filho.

E a sua mãe poderia ter ciúmes de si em relação ao seu pai?

Não porque é assim, ela nunca foi carinhosa. O meu pai era muito carinhoso, uma pessoa que a nível dos meus gostos, era os que ele gostava, não tinha nada a ver. E ela tinha a paixão pelo meu irmão. E ela dizia-me que quando ficou grávida de mim que não me queria, que não queria este bebé. Portanto ela sempre me rejeitou. Depois há aqui uma outra situação, agora estou a fazer uma análise para trás. Ela gostaria que o meu irmão fosse aquilo que eu era. Porque eu era boa aluna, certinha, não mentia blah blah. Tinha muito sucesso. O meu irmão não porque era muito tímido. E ela defendia-o com unhas e dentes. Às vezes o meu pai batia ao meu irmão porque havia situações que tinha mesmo que ser. O meu pai pagava-lhe, aos anos que foram, punha no frigorífico, o dia dos nossos teste e a entrega e depois dava-nos 2 escudos por cada bom ou muito bom. Depois chegava ao fim do período fazia as contas e o meu irmão não recebia, ficava sempre em dívida. Ele é mais velho do que eu 3 anos e naquela altura ficávamos com os livros dos irmãos, naquela época era livro único. Acredita que havia livros por abrir. Os livros de duas em duas páginas estavam colados e nós tínhamos que abrir. É só histórias, tenho que escrever um livro. Diz-se que devemos plantar uma árvore, ter um filho e escrever um livro. Está tudo na minha cabeça, tudo. Tenho muitas dificuldades as vezes de memória e assim. Mas é uma coisa que se der tempo para eu pode, como é que eu hei-de explicar. Fazer este sonho. Há várias coisas que eu gostaria de explicar. A nível da co dependência que eu tinha com a minha mãe... no fundo é estúpido, eu sabia que a minha mãe não gostava muito de mim e ainda hoje os meus filhos dizem que a minha mãe não gosta de mim. Ela precisa de mim e então é complicado. O meu irmão...eu não quero que o meu irmão saiba onde estou porque ele é vigarista. Tenho medo dele e então. Eu pus telefone fixo e no outro dia fui lá ver e uma chamada 2xx, é do A. e eu disse “Oh mãe para onde é que tu ligaste?” “Oh não sei”, Ligou para minha cunhada e eu pergunto-lhe como é que ela tem este número. “Não sabes que através deste número podem saber a morada, eu não quero o meu irmão aqui por perto”. Tenho medo...eu sei lá...

Pelos visto o seu irmão já lhe fez coisas graves?

Sim graves. Ele chegou a ameaçar-me de morte. E eu tenho testemunhas, pus em alta voz. “Tens a mania que és doutora e isto”. E ele não estudou porque não quis. Fez o 7º ano no serviço militar. “Vou aí parto-te o focinho todo não tens nada que ligar para a minha casa quero lá saber se o pai está doente ou não está.”. O meu pai tinha sido operado a um cancro dos intestinos mas depois viveu mais 17 anos, felizmente. Eu tenho medo do meu irmão e ele está metido com pessoas coiso...uma vez apareceu-me lá um negão tamanho de uma porta à procura dele dizendo que lhe devia dinheiro. Mas eu nem sabia dele porque ele houve uma altura que fugiu, meteu-se em negócios e fugiu. Ficou a dever dinheiro a familiares nosso que a minha mãe fez o favor de pagar e a mim nunca me deu nenhum. Mas é assim eu não sou materialista mas é o gesto em si. Pronto eu não quero que ele esteja, já lhe disse se ela quiser ir viver com ele, eu vou lá pô-la à porta. Eu fiz um chinfrim, eu às vezes passo-me da cabeça é verdade. Mas passo-me muito na cabeça com a minha mãe. E depois passo-me e pego na minha cadela e passeamos durante duas horas. Encontrei-a em Maio e ela é que me adotou. E por acaso quando fui ao meu terapeuta ele disse para arranjar um cão, para me responsabilizar. E a minha filha disse que eu já tinha desde maio. Lá está outra coisa que me

marcou, eu tinha uma cadelinha preta que adorava a cadela. Andava sempre comigo, eu era pequena. E nos mudávamos muitas vezes de terra, o meu pai era o equivalente a residente de câmara. O meu pai tinha dois leões da Rodésia porque lá as pessoas não vendiam, davam, não faziam negócio. O penúltimo que tive morreu atropelado, por causa da minha mãe, em Dezembro de 2009, é uma coisa que eu, não lhe perdoou. Quer dizer, tenho que lhe perdoar porque estou num processo de mudar a minha maneira de ser. Posso perdoar mas não me esqueço, por culpa dela, o cãozinho fugiu, atropelado e eu tive de mandar eutanisar. E depois disse que não queria mais nenhum cão mas apareceu esta pequenita apareceu na minha vida e...comecei a chamar-lhe boneca que era o nome da cadela que tinha em pequena e que a minha mãe deu a um preto. Eu lembro-me de estar a uma janela a gritar e chorar dizendo para a minha mãe não dar a Boneca e a minha mãe deu. Nós somos crianças e isto é muito importante. Esta cadela tem sido importante para mim. Tem uma grande paixão por mim uma grande gratidão, é muito obediente. É um elemento importante da minha recuperação, ter um cão. Eu ando, ando até me esgotar e ela também.

Falou-me que tinha um relacionamento, pode falar-me como se passou?

Sim. Eu vivo aqui...isto era de 2002 eu ainda estava em casa mas não fazia vida com o meu marido. Foi uma pessoa que eu conheci, que encontrei ahhhh. Pronto mas depois houve aquele tempo e depois houve outra pessoa e andei a bater mal. Mas pronto é um relacionamento que vai para 10 anos. É uma pessoa que me dá estabilidade de quem eu gosto muito. Um pequeno senão é que é mulher. Isso é já um choque.

Não, não é choque nenhum.

Pronto já falei isto com o meu psicólogo, desde criança que sentia um atracão por mulheres. Mas sempre fui muito comedida, não achava que era normal. Eu agora na pate da culpa e da vergonha, no inventário, eu ponho lá que tinha vergonha disso. É assim, não era tarada pelo amor de Deus, mas sentia essa atracão e recalquei isso. Se tem a ver com aquela violação em criança e isso mudou aqui os meus coisos todos não sei. Porque isto da homossexualidade pode ter muitas razões, pode ser genético...e depois não tenho aquele ar de homem assim masculino, acho eu. No ambiente à minha volta, nunca foi de pessoas desse género, se calhar já havia alguma predisposição. Não faço ideia, mas não quero pensar nisso agora. Porque agora sinto-me muito bem. Os meus filhos, sobretudo a minha filha, na altura aceitou muito bem. Nunca me disse nada mas percebeu. Tanto que agora me atirou em cara...

Então os seus filhos sabem?

Sim sabem. Mas nunca perguntaram. E eu achei que também não tinha que falar. E a minha filha agora nesta situação...ah ela também é adicta ao jogo, (parceira) mais nova que eu 10 anos, já veio aqui a reuniões que lá não há. Já fez a interdição dela no Casino que é para o país todo. Nunca mais jogou e portanto que sempre vem cá a festas ou comemorações...fica em minha casa, logicamente. A minha mãe gosta imenso dela, adora-a, já deve ter percebido, ninguém anda ali a fazer fitas. Ela também vive com a mãe dela mas aquelas casas no A., a mãe está no primeiro andar e ela está no rés-do-chão. Pronto e é assim nessa área acho que de alguma maneira, eu sinto-me bem. O meu psicólogo achou que eu não deveria estar a sentir-me envergonhada nem sentir culpa por isso. Porque a envolvimento num relacionamento feminino é completamente diferente. Não é como com um homem que tem a necessidade de mostrar... As coisas acontecem com naturalidade como têm que acontecer. Com um homem é diferente, pronto. E isso traz-me muita paz e muita tranquilidade. E agora que já estamos as duas fora dessa situação portanto não vamos estar a gastar dinheiro nem a fazer outras coisas. Temos planos para vivermos as duas juntas mas ela tem a mãe dela e eu a minha. Ela já foi ao meu terapeuta ele diz que ela também é co dependente, como eu e não pode ser. E ela acha

perfeitamente. A mãe é que é ...uma pessoa completamente hipocondríaca e dependente dela. Se estou lá eu e agente quiser ir a qualquer sítio, é fitas também. Do arco-da-velha. Se ela vivesse sozinha eu já estava lá a viver. Porque agora a minha filha mudou, começou aos berros, aos berros a dizer “ Tu andas lá com aquela lésbica”. Até porque ela não tem nada ar disso. Eu conheci outras pessoas através da internet, que tinha essa opção toda a vida, novas até de 30 mas desculpe a expressão, gajas mesmo camionistas, cabelo muito curtinho. Mas eu nunca gostei desse tipo de pessoas, para um homem, tenho um homem. A minha filha começou aos berros “tu não tens vergonha e não sei o quê”. E ela sempre disse que a minha filha ia ser herdeira dela. Ela tem bens, são da mãe. Mas não os meus filhos, a minha filha. E mandou-me para o A., eu só não fui nem vou porque a ela não lhe convém.

Mas os seus filhos estão presentes na sua recuperação?

O mais velho, não. Porque os sogros são adictos. Perderam tudo, ela tentou matar-se, mais do que uma vez, ela esteve internada no Hospital. Ele pede dinheiro a agiotas que vão bater à porta de casa do meu filho, a pedir dinheiro. O meu filho pediu e, nome dele 20.000, ele pagava umas e o meu filho pagou outras. Eles já não podem pedir créditos, estão hipotecados. É uma desgraça. Ele deixou-me de falar também. Tive muito tempo sem ver os meus netos. Um tem 8 e ela tem 2, que é a minha única neta. É igual à minha filha.

Mas agora já falam?

Em Fevereiro, a minha filha fez uma festa de anos para ela e para o irmão. E o meu filho foi. O miúdo fez 8 anos em Janeiro e ele nem me ligou. Eu ia para a reunião em Lisboa e deixei-lhe mensagem. E quando voltei a ligar ele atendeu e passou o telefone ao menino.

Mas sente que é possível reatarem os laços?

Sabe uma coisa. O meu filho já me tinha feito isto uma vez, quando nós nos separámos. Porque ele é materialista, é cigano. Ele vende o pai e a mãe. Eles são diferentes. Quando nos separámos, fizemos a divisão do património e não sei quantos, eu vou ficar afectado. Então proibiu-me de ver o meu neto. Desde Dezembro até ao dia dos avós em Julho. Porque a minha nora, tenho que lhe fazer vénias, foi a pessoa que melhor me falou na festa. A minha nora, eu estava no casino, tinha acabado de ganhar 1200€. Toca o telefone e apanhei um susto, e ela convidou-me para a festa dos avós no infantário. Pergunto pelo meu filho e ela diz que a psicóloga da escola já disse que isso causa muito sofrimento ao menino a avó estar sempre doente e que achou por bem que eu fosse à festa. Não o via há 7 meses e ele olhou e disse Avó Eva e tanto a mãe como a outra avó nunca deixaram de lhe mostrar fotos minhas. Para ele era a minha mãe gastou todo o dinheiro, está na miséria, quero lá saber. A minha filha, cuidadora de mim, toma a atitude de 8 para 80, de insultos de me chamar todos os nomes. Eu deixei de lhe falar, ligo para o meu terapeuta a chorar, não estava a aguentar e agora houve a reunião aberta para familiares. E foi o filho mais novo e a minha filha, a minha companheira. E disseram que eu estava a mudar. Eu estou a aprender a lidar com sentimentos, isto é o 4º passo, tenho andado a mastigar as vezes eu tento escrever e paro, começo a chorar. Pronto tudo é complicado. E o meu filho quando foi lá ao terapeuta em Novembro disse que queria algum distanciamento. Ele está a fazer a parte final do mestrado em arquitectura. Já apresentou a maquete e agora é a parte escrita. E então...já está a trabalhar e é pago o que não é normal nesta área. Em Dezembro juntamo-nos para o natal na casa da sogra da minha filha. O meu filho mais velho não foi. O mais novo foi. E depois só nos encontramos em Fevereiro nos anos. Portanto ele nunca mais se meteu comigo. E agora foi a reunião. Entretanto ele também me pediu ajuda para trabalhos da faculdade que também tem a ver com algumas coisas. E aquilo foi bom preenche-me. Eu corriji, fiz os agradecimentos e gostei. Depois na reunião aberta aos familiares, o terapeuta até reparou nele, a minha filha estava

assim mais na retranca. Ela diz que nunca houve uma pessoa no mundo que tenha gostado tanto de mim como ela. Era uma situação horrível, horrível, asfixiante para mim. Eu não podia estar num sítio pum que tocava ao telefone.

Mas ela sempre foi assim?

Sim, sim desde bebé. Ainda hoje ela diz que gosta muito do meu cheiro e que cheiro tão bem. Mas ela dos meus filhos é a que está a sofrer mais. Ele tem um marido, desculpe a expressão, que é um “cabrão”. Que a mãe é uma grande besta, o pai não mas infelizmente morreu. Mas o pai também tinha uma vida de charutos, jogo mas não teve tempo para gastar tudo. E o meu genro não teve tempo de resolver os problemas com o pai. Ele então retaliou para cima de mim esta situação. A minha filha reteve-se nesse enredo. A mãe cai, daquele pedestal que tinha. Apercebe-se das minhas dívidas, apercebe-se da vida que eu andei a levar que ela não sabia que era exactamente assim. Então tudo o que de bom estava para trás desapareceu e só fica o mal.

Deve ser muito difícil lidar com isso para si?

Sim. Muito difícil. E para ela também. Porque há dias telefona-me “ah queres saber uma fofoque?” “Deves estar a querer voltar ao antigamente”. Eu não quero mais expectativas. Quando vou lá a casa brinco com os meus netos, eles têm um duplex enorme e faço uns jardins zoológicos enormes com os legos e tal, fazemos cidades. Eles depois não querem desmontar e choram. O mais velho, ele gosta de pintar como eu. Um com quatro e o outro com dois. Os filhos de jogadores pagam as dividas. Eu tenho companheiros que foram às contas dos avós, dos pais, ao ouro e a tudo. E houve um perdão da parte do pai e já disse que marido não é família, não é. Mas filhos são para sempre, é uma relação que não se pode cortar. Então eu acho que nesse aspecto de pais para filhos há um amor incondicional. Como é que eu reagiria se um filho meu fosse jogador e eu não fosse? Se calhar reagia mal. Mas se calhar com alguma facilidade lhe pagaria as dividas. Mas eu não quero que eles me paguem as dividas. Mas é assim neste momento com o plano de pagamento a 5 anos, eu vou pagar as minhas dívidas todas. A minha mãe já teve cauções em vários lares. Depois apanhava-me de férias, ligavam-me a dizer que ela estava muito mal e não queria estar lá, perdia a caução e tinha que pagar noutra sítio. Gastei também muito dinheiro com a minha mãe. Agora o dinheiro que recebe da reforma, não me faz favor nenhum, porque ela também é gastadora. Ela diz que o dinheiro pode ficar comigo e eu dou-lhe quando ela precisa de comprar qualquer coisa.

Qual é a idade da sua mãe?

Tem 83 e tem uma cabecinha e uma saúde. E depois olhe para terminar, a minha filha...como é que isso despoletou. Eu no dia 11 de Novembro ia para a fisioterapia. Eu normalmente passava lá e dava um jeito na casa. Porque ela deixa a casa num pandemónio. Eu chego, faço as camas todas. Nos outros dias é a empregada. Arrumo a cozinha, roupa, loiça. Tinha ido lá fazer isso e descí, meto-me no carro e pum sai do carro não vi nada. E vi pelo retrovisor que não tinha nada e como estava com pressa para meter o euromilhões, que era uma 6ª feira. Fui a papelaria e entretanto não é nada no meu. Passo outra vez na casa da minha filha e vejo o carro e não tinha nada. Vou para a fisioterapia. Quando venho da fisioterapia reparo que tem uma amolgadela e peras. Vou para casa da minha filha ajudou-a a trazer os miúdos para cima. E em conversa disse que me tinham batido no carro mas nem me lembrei de dizer que tinha sido ali, não me lembrei. Mas acontece que a pessoa, o dono do carro, foram-lhe dizer que eu tinha batido no carro dele. O pára-choques dele descaiu um bocadinho. Ele vai lá a cima, ah ele tinha uma pessoa amiga na polícia, dá-lhe a minha orada, vai a minha casa mas eu não estava. Refere que não era legal mas que tinha feito queixa na polícia. E depois ele foi lá a casa falar

com o meu genro. E a minha filha diz que ouviu mas entretanto... eu já tinha percebido uma vez que o meu genro (descreve a profissão do genro e o acesso que ele tem a informações confidenciais que também usou para saber coisas dela). A minha filha por qualquer razão sempre sentiu que o meu genro viveu muito amarfanhado por esta relação com o pai. Quando o meu neto de 4 anos nasceu, o pai só no dia seguinte é que foi lá vê-lo. E não tinha nenhuma razão para não ir. Quando nasceu o mais novo ele ligou-lhe dizendo "Se não vens ver o A. Eu vou ficar mesmo zangado", pronto o homem andava lá sempre na ida dele. Ele tinha muitas raivas do pai. A mãe é uma excelente pessoa. A minha filha tem muita raiva dela. Então acho que a minha filha tem necessidade de descarregar, é um bocado histérica. E descarrega e martiriza-o, sempre as mesmas conversas que eu já ouvi. Então ele agora quando descobriu, antes desta situação do carro. Ele diz que eu menti que fui dizer que um carro me bateu, é a pura verdade, é uma coincidência, eu não acredito em coincidências mas beste caso é. Ela diz que teve medo pensava que era uma pessoa que vinha pedir dinheiro. Mas a propósito de quê. E ele começa a falar das minhas dívidas e e eu pergunto-lhe como é que ele sabe que eu tenho dívidas? Coisas que só estão no Banco de Portugal. Isto é basta haver um amigo seu lá que podem saber tudo a cerca da sua vida. Vivemos num big brother. Então ai começou aos gritos, gritos de uma histeria. Quando ela se passa...eu não sou uma pessoa de grandes discussões mas depois quando rebenta sou um bocado histérica também. Mas eu acho que as mulheres são mais histéricas, mais chatas. Mas pronto com isto tudo há aqui uma vertente do meu genro. Eles namoraram desde os 18 anos que eu só dizia casem e eles nunca mais se casavam. Casaram aos 25 namoraram 7 anos. Mas sempre com muitos problemas com a mãe que era muito controladora. Depois eu é que alimentava o telemóvel porque não havia dinheiro que chegasse...uma relação muito complicada. A minha filha caiu num grande erro foi-lhe contar coisas, não deveria ter contado. Há coisas na cabeça dela que eu não me lembro quem vem hoje me cobrar tudo e o meu genro tem conhecimento. Ele também me perdeu o respeito. E não queriam que eu pusesse lá os pés e passado pouco tempo já me estavam a pedir para ir lá ver os meninos que eles perguntavam por mim. Depois começou a mandar-me e-mails a pedir-me ajuda. Ontem telefonou-me duas vezes com conversa mole. Ela quer que eu a apoie sempre, no fundo acabo por ser uma empregada dela. Tenho que ser consciente e realista, ela precisa de mim. Está confusa está baralhada, está a sofrer. O marido está a vingar-se. Agora diz que eu não gostava da sogra dela, que a sogra dela era uma santa ao pé de mim. Eu desliguei-lhe o telemóvel. Eu este Natal ainda fui lá mas para o ano se forem lá eu não vou. A minha filha tem espírito do natal, eu não tenho, o natal pode ser no dia 23. Para mim o dia, são os anos porque é quando alguém nasceu. Porque até já se sabe que ele não nasceu nesse dia. Para mim o Natal é todos os dias e não é um cliché, é uma verdade. Eu este ano só há prendas para os netos, nem para os filhos. O meu genro, eu ir lá a casa agora e encará-lo, custa-me imenso. Ele foi muito mal-educado comigo. Foi tipo, fui torturada e nem tinha por onde me vira. Disse que devia 60.000 e devo 40.000 não é puco mas paga-se. Eu com o divórcio paguei muitas dívidas mas depois voltei a tê-las. Engraçado, um jogador não dá valor ao dinheiro. Eu hoje...dizia logo, quero notas de 50€ e ponha-as na máquina com uma ligeireza. Hoje até me dói pagar 65 cêntimos por um café numa esplanada. Eu agora estou num processo de construção, aos 60 anos, não é fácil.

Anexo E

Análise entrevista Eva

1.Contexto do início, recaídas e exacerbação da doença

1.1. Eventos de vida anteriores ao início dos sintomas

Ele saiu de casa e eu fiquei com os miúdos durante 4 anos com os meus pais lá. (p.15)

Sumarização: separação do marido após nascimento de 3º filho, fica a morar com os pais

Frase-chave: primeira separação do marido

Depois quando os meus pais saíram, foi uma situação...o meu pai...a minha mãe cortou relações comigo. Tinha umas saudades do meu pai. Fiz tudo para conseguir uma reconciliação. Mas mantinha contacto com o seu pai? Não, a minha mãe não deixava. Não havia telemóveis, não havia nada. Foi complicado porque...eu não jogava portanto está aqui uma acumulação de várias coisas. (p.16)

Sumarização: pais saem da sua casa mas corta relações com ambos sofrendo pelo afastamento do seu pai

Frase-chave: angústia de separação para com o pai

Portanto fiz sempre assim essa situação, depois tive um AVC em 2004. Porque as coisas em casa estavam muito complicadas, porque o meu marido começou a exercer violência psicológica que me ia deixando doida, porque achava que eu estava a tentar envenená-lo, dizia que eu punha coisas no quarto, makumba, (p.5)

Sumarização: tem um AVC num contexto de violência psicológica por parte do marido

Frase-chave: Problemas de saúde graves

E eu deixei uma casa, não voltei aquela casa, sai de casa pronto. E deixei as minhas coisas todas lá. Isto foi muito violento para mim, deixar uma casa com tudo, eu já sabia, eu às vezes pedia-lhe “Pedro sai de casa, eu tenho os miúdos” “Eu também os tenho”. Ele não deixava. (p.6)

Sumarização: Sai de casa uma vez que o marido se recusa a sair.

Frase-chave: abandona a sua casa

1.2. Contexto Psicossocial

A mulher vai mais por... eu também já tinha problemas ao nível do casamento. (...) E como eu tinha grandes problemas com ele, no sentido em como ele não contribuía para a casa, pagava

só a renda e o resto era tudo por minha conta. Então eu andava sempre à rasca de dinheiro. Portanto quando fui e ganhei, pensei pronto, estou a distrair-me claro que depo (...). Já estava a aguentar um casamento que era problemático. Nessa altura já nem estava dormir com o meu marido, estava noutra quarto. Ele nem me perguntava o que é que eu estava a fazer ou a que hora chegava ou não chegava. (p.2)

Sumarização: problemas conjugais e financeiros levam-na a ver o jogo como uma solução
Frase-chave: problemas conjugais e financeiros

Então aquilo em 2007 foi terrível, vivia sozinha, a pessoa a pedir-me um tempo, então ia ao casino todos os dias. (p.7)

Sumarização: afastamento do parceiro amoroso e começa a jogar cada vez mais
Frase-chave: problemas afectivos

Pronto, ele já sabia que só podíamos ir para sítios que tivessem camas separadas, se fosse só com cama de casal eu não ia. Tivemos a dormir assim nessa situação 10 anos. Claro que isto também me fez mal, era muito complicado gerir isto. (p.5)

Sumarização: durante 10 anos dormiu com o marido sempre em camas separadas
Frase-chave: problemas no casamento

Ele saiu e fiquei com os meus pais. Ai a minha mãe achava que era a rainha da sucata e começa a controlar-me, os meus telefonemas. Nos tínhamos dois telefones, vim do meu quarto pé ate pé e lá estava ela no outro. Passei-me completamente da cabeça e disse-lhe, disse ao meu pai “pai, perdi a paciência” isto era para ai Outubro e disse até ao final do ano vocês têm que sair, eu não me dou com a mãe está-me a fazer mal. (p.15)

Sumarização: pais ficam a morar em sua casa e a mãe começa a controlar a sua vida. Impõe-se e pede aos pais que saiam
Frase-chave: problemas relacionais com os pais

E fui co-dependente da minha mãe, não gostando dela, eu não gosto da minha mãe. (...)Isso lá está, a pessoa tem adição a coisas. Porque ela é manipuladora, fazia-me chantagens estilo “Vou morrer, a minha mãe morreu cedo eu fiquei sem mãe e pai aos 13 e aos 15 anos. Se eu morrer e não sei quê o que vai ser de ti”. Quer dizer eu tenho aqui da parte da minha mãe...desde criança a ouvir aquilo. Eu não tenho problemas em dizer que não gosto da minha mãe. (p.10)

Sumarização: Mãe fazia chantagem emocional com a sua própria morte e manipulava Eva
Frase-chave: mãe chantageava-a com a sua própria morte

Sim graves. Ele chegou a ameaçar-me de morte. (p.19)

Sumarização: irmão ameaça-a de morte através de uma chamada telefónica
Frase-chave: ameaça de morte da parte do irmão

2. Infância e Adolescência

2.1. Temperamento e Personalidade

A primeira vez na minha vida senti uma coisa esquisita, despoletou em mim algo que eu não sabia embora eu fosse muito competitiva. Eu pratiquei desporto e nem a feijões gostava de perder que é uma coisa característica de qualquer jogador (p. 1)

Sumarização: Competitiva desde criança quando joga pela primeira vez num casino sente-se esquisita.

Frase-chave: competitiva/ fascínio pelo jogo

(...) e eu quando lhes ensinava xadrez ou damas eu nunca lhes facilitava, eles tinham que puxar mesmo e agora com os meus netos também faço um bocado disso (p.1)

Sumarização: quando ensinava jogos aos filhos e netos nunca facilitava a aprendizagem

Frase-chave: exigente com os filhos e netos

(...) eu também acho que o facto de ter tido aquele problema em criança me fez querer ser muito popular, querer ser a pessoa mais importante da turma, do ano. Não era, tinha necessidades que gostassem de mim, pronto. E ser muito popular, ter muitos conhecimentos. (p. 13)

Sumarização: tinha necessidade que gostassem dela e sentia-se bem sendo popular na escola

Frase-chave: necessidade de ser admirada

2.2. Pai

Então há uma imagem do meu pai, ele tinha umas mãos e uns pés muito bonitos. A fazer-me festinhas na cabeça, a ouvir o jogo e ainda hoje, parece, às vezes parece que sinto as mãos do meu pai. Eu tinha uma paixão pelo meu pai assolapada e a minha mãe tinha muitos ciúmes. (p.9)

Sumarização: O pai estava muito próximo e era afectuoso

Frase-chave: relação afectiva muito próxima com o pai

Se o meu pai se atrevesse a fazer qualquer coisa para a contrariar ela metia-se no quarto 3 dias. Janelas fechadas e o meu pai ia levar-lhe torradas com chá, eu dava-lhe era com aquilo na cabeça, mas pronto (p. 13)

Sumarização: pai agradava sempre à mãe mesmo contrariado

Frase-chave: pai manipulável pela mãe

Eu queria ir e disse à minha mãe que ia. E como me meti na organização. E ela ficou doente, fazia queixas ao meu pai e o meu pai vinha falar comigo “e tu não podes agir assim com a mãe.”. Realmente isto foi uma infância e uma juventude muito reprimida.(p. 13)

Sumarização: pai tenta convencê-la a não ir à viagem de finalistas por si organizada para que a mãe não ficasse “doente”

Frase-chave: pai manipulável pela mãe

E foi a única vez que eu falei mal para o meu pai e disse “o pai é uma banana.” Desculpe dizer-lhe isso mas é um banana”. (p.17)

Sumarização: acusa o pai de ser um “banana”

Frase-Chave: revolta contra o pai

2.3. Mãe

O meu pai tinha uma loucura pela minha mãe, uma coisa, uma paixão. Acho que não há outro homem como aquele para aturar a minha mãe. Tenho uma relação muito complicada com a minha mãe, basta-me dizer bom dia para me irritar.(p. 9)

Sumarização: Competição entre a filha e a mãe pela atenção do pai

Frase-chave: má relação com a mãe e conflitos edipianos intensos

Porque ela é manipuladora, fazia-me chantagens estilo “Vou morrer, a minha mãe morreu cedo eu fiquei sem mãe e pai aos 13 e aos 15 anos. Se eu morrer e não sei quê o que vai ser de ti”. (p.10)

Sumarização: mãe chantageava-a com a sua própria morte

Frase-chave: mãe chantageadora

Porque a minha mãe sempre controlou (...). Tenho a noção perfeita que a minha mãe controlava meu pai mas era por ciúmes. O meu pai saía do trabalho às 17h e às 17 e tal ele já tinha que estar em casa. A minha mãe sabia quando chegava o autocarro e já estava à espera. (p.12)

Sumarização: mãe controlava toda a vida familiar

Frase-chave: mãe controladora

A viagem do 5º ano do Liceu feminino ela não me deixou ir eu ainda falei com o meu pai e ele disse “Eu não me meto”. (P. 12)

Sumarização: Mãe não permitiu que fosse à viagem de finalistas e pai não quis interceder

Frase-chave: mãe controladora

Não porque é assim, ela nunca foi carinhosa. O meu pai era muito carinhoso, uma pessoa que a nível dos meus gostos, era os que ele gostava, não tinha nada a ver. E ela tinha a paixão pelo meu irmão. E ela dizia-me que quando ficou grávida de mim que não me queria, que não queria este bebé. Portanto ela sempre me rejeitou. (p. 18)

Sumarização: mãe preferia o irmão do que a ela referindo que preferia que não tivesse nascido

Frase-chave: rejeição materna

2.4. Família como um todo

Ah era uma infância relativamente feliz. Nós lá fazíamos muito, combinávamos as casas eram grandes, coisas ao pé do mar eram ao preço da chuva, os pescadores não tinham a quem vender vinham oferecer ameijoas, tenho essa ideia de grandes banquetes com muita gente. (p.10)

Sumarização: infância feliz sem ressonância emocional adequada

Frase-chave: família convencional/sem ressonância afectiva

Vamos lá ver quando eramos pequenos eu tinha uma adoração por ele. Mais velho 3 anos e tal. Fazia-me chantagens, se estás a chatear-me não te levo ao cinema no fim-de-semana. E eu uhuh. Depois ele sempre teve muito mau feitio, mentiroso, mau aluno e o meu pai passava-se com aquilo. (p.17)

Sumarização: relação conturbada com o irmão mais velho

Frase-chave: problemas relacionais com irmão

E então há uma coisa que marcou muito a minha vida, que foi, uma noite eu acordei com o barulho dos meus pais a discutirem e levantei-me pé ante pé. Ouvei esta linda frase “ Tem paciência, tu imbiras com o rapaz”, (...) Portanto “Ficas com a rapariga e eu fico com o rapaz e divorciamos-nos”. (p.17)

Sumarização: mãe ameaça divorciar-se e ficar com o filho e o pai com a Eva.

Frase-chave: ameaças de separação e escolha de filhos

2.5. Problemas

Os amigos dos meus pais tinham filhos, das nossas idades ah pronto houve uma situação menos boa de um mais velho que me fez, como é que eu hei-de explicar, nunca me violou no sentido verdadeiro da palavra de penetração da vagina mas que me fez fazer coisas que, é complicado. (silêncio/choro). Isto é muito difícil falar nisto. (p.10)

Sumarização: sofre abuso sexual de um rapaz mais velho, filho de amigos dos pais

Frase-chave: abuso sexual na infância

Conheci um rapaz por quem me apaixonei, andávamos no liceu, um ano mais novo. Mas muito alto, muito adulto. Uma pessoa que os nossos pais eram amigos. Estivemos durante 3 anos. Mas do estilo janela, era cartinhas, era telefone. Saída não haviam era só com os meus padrinhos. Eles diziam "Odeio fazer de pau-de-cabeleira, a tua mãe é doida". Mas pronto. Era assim mas não é que eu tivesse a querer isto ou quilo. A pessoa tem medo, não havia preservativo, tinha medo. Quando ele me solicitava, pronto passava um pouco mais da relação eu disse que não. E ele ai disse: "ou é ou não é" e eu disse que não que não passava por ai. E pronto depois ele arranhou uma outra pessoa. (p. 12)

Sumarização: primeiro namoro dura três anos termina por impossibilidade em iniciar relações sexuais

Frase-chave: impossibilidade de relacionamento amoroso e sexual

Depois passados dois anos conheci o meu marido, mais velho do que eu quatro e meio. Que parecia aquele tipo de pessoa. Naquela altura dizia-se que é melhor que eles gostem mais de nós do que nós deles. E eu achava que fazia sentido. Gostava dele. (p.14)

Sumarização: namoro com o marido sem afectividade

Frase-chave: negação da necessidade de vinculação

Houve dois anos que a minha mãe ensinou-me, a 1º e 2º e 3º classe apoiada por uma professora, que era amiga de família. Mas eu queria ir para o colégio mas ela não queria que eu fosse. Eu queria ir por causa destas situações todas. (p. 11)

Sumarização: até ao 4º ano de escolaridade a mãe deu-lhe aulas em casa contra a sua vontade

Frase-chave: desejo de estudar numa escola e não em casa

Sim não convivia eram só bocadinhos. O meu irmão estava no colégio, era mais velho que eu 3 anos. Estava sempre sozinha, era muito complicado. (p. 11)

Sumarização: na infância estudava em casa e não tinha muitos amigos

Frase-chave: infância com poucas relações de amizade

Os amigos dos meus pais tinham filhos, das nossas idades aaah pronto houve uma situação menos boa de um mais velho que me fez, como é que eu hei-de explicar, nunca me violou no sentido verdadeiro da palavra de penetração da vagina mas que me fez fazer coisas que, é complicado. (silêncio/choro). Isto é muito difícil falar nisto. [Se não se sentir confortável não precisa de falar.] Pronto foi muito complicado, a minha mãe nunca percebeu. Felizmente saímos do interior, viemos para o litoral. O meu pai queria que nós estudássemos e que não andássemos em colégios, queria nos acompanhar e foi a minha sorte (p.10).

Sumarização: filho de uns amigos do pai abusa sexualmente sem que ninguém perceba

Frase-chave: abusada sexualmente por um filho de uns amigos de família

Tabela Entrevista Eva

| Subtema | Frases chave | Clusters |
|--|--|--|
| 1.1 Eventos de Vida anteriores ao início do problema | <ul style="list-style-type: none"> ▪ Problemas de saúde graves (E p5) | Proximidade com a morte |
| | <ul style="list-style-type: none"> ▪ Abandona a sua casa (E p6) ▪ Angustia de separação com o pai (E p16) | Perda/Separação de figura de suporte |
| 1.2 Contexto Psicossocial anterior ao início do problema | <ul style="list-style-type: none"> ▪ Suportava problemas no casamento (E p2; p5) ▪ Problemas afectivos (Ep7) ▪ Problemas conjugais e financeiros (E p2) | Dificuldades nos relacionamentos afectivos e/ou na sexualidade |
| | <ul style="list-style-type: none"> ▪ Ameaça de morte da parte do irmão (E p19) ▪ Mãe chantageava-a com a sua própria morte (E p10) | Proximidade com a morte |
| | <ul style="list-style-type: none"> ▪ Problemas de ligação emocional aos pais (E p15) | Separação de objectos de vinculação adulta |
| 2.1. Temperamento e personalidade | <ul style="list-style-type: none"> ▪ Competitiva/ fascínio pelo jogo (E p1) | Traço desafiante/competitivo/perfeccionista |
| | <ul style="list-style-type: none"> ▪ Necessidade em ser admirada (E p13) | Extroversão/sociabilidade superficial |
| | <ul style="list-style-type: none"> ▪ Exigente com filhos e netos (E p1) | Traço desafiante/competitivo/perfecci |

| | | |
|---------------------------|---|--|
| | | onista |
| 2.2. Pai | <ul style="list-style-type: none"> ▪ Relação afectiva muito próxima com o pai (E p.9) ▪ Revolta contra o pai (p.17) | Incongruência/ ambivalência na imagem e na relação |
| | <ul style="list-style-type: none"> ▪ Pai manipulável pela mãe (E p13) | Dificuldades com as figuras parentais de vinculação/ distância emocional |
| 2.3. Mãe | <ul style="list-style-type: none"> ▪ Mãe chantageadora (E p10) ▪ Mãe controladora/ ciumenta (E p12) ▪ Má relação com a mãe e conflitos edipianos intensos (E p9) ▪ Rejeição materna (E p18) | Má imagem materna /relação perturbadora |
| 2.4. Família como um todo | <ul style="list-style-type: none"> ▪ Família convencional/sem ressonância afectiva (E p10) | Incongruência/ ambivalência na imagem e na relação |
| | <ul style="list-style-type: none"> ▪ Problemas relacionais com irmão (E p17) | Dificuldades relacionais com a frateria |
| | <ul style="list-style-type: none"> ▪ Ameaças de separação e escolha de filhos | Dificuldades com as figuras parentais de vinculação |
| 2.5. Problemas | <ul style="list-style-type: none"> ▪ Impossibilidade de relacionamento amoroso e sexual (E p12) ▪ Negação da necessidade de vinculação (E p14) ▪ Infância com poucas relações de amizade (p11) | Dificuldades nos relacionamentos íntimos, românticos ou na sexualidade |
| | <ul style="list-style-type: none"> ▪ Abusada sexualmente por um filho de uns amigos de família (E p10) | Abuso sexual na infância |

Anexo F

Entrevista António

Solteiro, 22 anos, gestor de Marketing

Como e quando é que começou o seu problema de adicção ao jogo?

Ok, eu comecei a jogar muito cedo, com cerca de 15 anos. Supostamente numa altura que por lei não era permitido, e ainda não é permitido. Eu comecei a jogar na internet, na altura começou como uma brincadeira, uma coisa que eu fazia de vez em quando, um acto social e o que é certo, é que pouco a pouco começou a progredir, a progredir. A intensidade em termos de apostas, o tempo que eu dedicava, as quantias também, etc. Eu comecei pela internet, na altura utilizei o BI da minha mãe, porque não podia utilizar nem levantar dinheiro utilizando os meus dados. E o que começou com um carácter de brincadeira começou, realmente, a tomar outras proporções, porque eu na altura tinha acesso condicionado a quantias de dinheiro muito limitadas, muito pela questão da idade. O que é certo, é que comecei a canalizar algum do dinheiro do dia-a-dia para jogar e às vezes já deixava de fazer algumas coisas do dia – a- dia para jogar. E muito provavelmente, já perto dos 18 anos, as coisas já estavam a tomar outras proporções, já jogava, muitos dias, muitas horas, muitas vezes a maior parte do tempo on-line e já começava a deixar de fazer muitas coisas que eram realmente importantes para mim. Eu sempre fiz desporto, muito desporto. Comecei a deixar de ir aos treinos, de ir às aulas, eu na altura, sempre fui um excelente aluno e acabei o ensino secundário, digamos, bastante bem mas quando vim para a faculdade acabei por ter uma serie de consequências porque eu já dedicava muito tempo, que era suposto estar a estudar, a estar com amigos, estar a jogar. E realmente pouco a pouco começou a entrar na minha vida e a alastrar-se para uma serie de áreas e começou a trazer-me consequências nas várias áreas. Do ponto de vista social, em relação aos amigos, comecei a deixar de aceitar convites para ir tomar café, jantar fora, estar com pessoas para ficar em casa a jogar. A certa altura deixei de jogar só na internet e comecei a jogar no casino. Eu inicialmente, recordo-me de olhar para o ir ao casino só como um acto social, juntava um grupo de amigos que me acompanhassem.

Não ia sozinho?

Ao início não. Eu percebi que muitas vezes, criava um pretexto para não ir sozinho, era quase uma desculpa para ir para o casino. Se fosse acompanhado não parecia tão mal, era uma desculpa para mim mesmo. O que é certo depois quando lá estava as pessoas dizia para irmos embora, já não gastaste o suficiente, já não perdeste o suficiente. Eu tentava ocultar, muitas vezes dizia aos outros que não perdia, que ganhava era uma loucura autêntica. Tentava fazer isso aos outros para fazer ver isso a mim mesmo, quer dizer, enganava-me a mim e aos outros. Mas como disse há pouco a minha vida social teve uma serie de consequências, eu afastei-me das pessoas que eram mais importantes para mim das pessoas que gostavam de mim, de quem eu gostava, dos meus amigos. Quer dizer as pessoas ligavam para mim e eu não respondia, mandavam mensagens e eu não respondia, rejeitava as chamadas ou desligava o telemóvel. Era um desinteresse enorme. Por outro lado, mas ainda em relação aos amigos,

houve uma certa altura que eu me afastei, a minha doença levou a que me afastasse das pessoas, porque essas pessoas diziam-me não achas que estás a dar cabo da tua vida, não achas que estás a perder um bocadinho o controle, que estás a abusar. E eu como não queria estar a ouvir isso afasto-me dessas pessoas que gostam de mim e procuro pessoas que tenham comportamentos muito semelhantes aos meus e porquê? Porque essas pessoas não me iam questionar. Quer dizer se eu tivesse com uma pessoa que também gostasse de jogar e provavelmente ela também tivesse problemas, não dependência, mas alguma situação de abuso com o jogo ou com outras substâncias, ela não me iria questionar enquanto se fosse com outra pessoa sem este comportamentos ela ia questionar-me e ia fazer-me parar e eu não queria isso.

Essas pessoas com quem ia jogar eram do seu círculo de amigos mais chegado ou conheceu posteriormente?

Conheci posteriormente. Ou seja, comecei a relacionar-me com pessoas diferentes, provavelmente, diferentes daquelas com quem me relacionava antes. Eu vim para a faculdade, eu não sou de Lisboa e quando vim para a faculdade isto tomou outras proporções. Porque acima de tudo comecei a ter acesso a outras quantias de dinheiro. Os meus pais davam-me uma quantia considerável de dinheiro para eu estar aqui em Lisboa, para pagar a renda da casa, para a comida, etc. e isso acabou por deitar fogo, deitar lenha para a fogueira. Dar dinheiro a um jogador é realmente alimentar o problema. E eu com 18 anos, quando começo com a faculdade, começo mesmo a perder o controlo sem achar que o estava a perder. Mas começo a intensificar as apostas que fazia, a dedicar muito mais tempo e é aqui nesta altura que eu sinto que começo a ter outro tipo de relacionamentos. Dar-me com as pessoas que tinham os mesmo comportamentos do que eu. Na faculdade não me dava com as pessoas com que não tinham os mesmo comportamentos do que eu. Mas com as pessoas que jogavam, bebiam ou que usavam drogas, quer dizer, elas próprias também tinham os mesmos comportamentos. E na faculdade, tinha sido até esta altura um excelente aluno e chegou a um ponto que nem punha os pés nas aulas. Não ia a uma única aula, quando ia era para ir ter com essas pessoas e para estar a jogar nas aulas e isso acontecia. Estar nas aulas, das poucas vezes que ia e estar com pessoas ao lado a jogar eu tentava fazer daquilo um filme autentico. Eu tentava dizer às pessoas que aquilo corria muito bem, que eu ganhava dinheiro. Mas não era, quer dizer eu, abdicava de certas coisas para ter dinheiro para jogar, eu perdia o dinheiro que me fazia falta para o dia-a-dia e a certa altura isto começou a ser uma regra, passar mal para jogar. E era muito difícil para mim aceitar esta questão, como é que eu estou a gastar o dinheiro de que preciso. Estou a perder e perco sucessivamente e não consigo parar. Eu achava que era o tipo de jogo, as horas que eu jogava e quer dizer comecei a...mais tarde já em recuperação é que percebi que o problema não estava aí, o problema estava em fazer a primeira aposta mas na altura pensar sobre isso era... a quantidade de vezes que eu dizia a mim mesmo, isto hoje vai ser diferente, eu hoje vou conseguir parar eu hoje ou controlar. Quando perder vou-me embora, só jogo 1 hora, eu fazia isto. Era uma loucura autêntica porque depois disso não acontecia. A uma certa altura eu perdi a noção da quantidade de vezes que dizia, eu não jogo mais e passado meia hora já estava a jogar outra vez. E o que foi acontecendo é que eu dizia que havia uma serie de coisas que eu dizia que nunca ia fazer e começava a fazer e a dada altura fazia. Começava a pôr em causa todo o universo valorativo que os meus pais me incutiram, porque já tudo valia a pena para arranjar dinheiro para jogar.

E já com 18, 19 anos, cheguei aqui no espaço de um ano, as coisas tomaram proporções enormes e a compulsão disparou completamente. Eu passava a jogar todos os dias, acordava e a primeira coisa que fazia era ir para o computador, às vezes ia para o casino e chegava a casa e ia jogar. Tive períodos de passar mais de 12h a 24h a jogar sem parar praticamente. Muitas vezes não comia, era o mínimo, era uma loucura e foi-me trazendo consequências na minha vida em determinadas áreas. Com os amigos, do ponto de vista familiar eu não vivia com eles, tinha uma irmã cá em Lisboa, a uns poucos quilómetros e eu tava com ela uma vez a cada dois meses. Com os meus pais estava com eles ao fim de semana, nem sempre, basicamente quando precisava de dinheiro. E realmente isso fez com que os fins-de-semana lá fossem um inferno, não por causa dos meus pais mas sim por causa do meu comportamento e das coisas que eu fazia e que eu dizia. Realmente a relação com os meus pais estava, deteriorar-se muito, eles tinham dificuldade em perceber o que se passava.

Eles não sabiam do que se passava?

Não, nem a minha irmã, não sabiam. Sabiam que eu gastava muito dinheiro, sabiam que algo não estava bem no meu comportamento mas não sabiam efectivamente o quê. O meu comportamento, a minha doença era ocultar tudo. As contas bancárias, os extractos, etc. era viver num esquema enorme, fazia isso com eles e com todas as pessoas, até com que partilhava casa, enfim. A relação com os meus pais era um inferno, recordo-me de ir a casa aos fins-de-semana e o meu pai e a minha mãe, que são as pessoas que mais gostam de mim neste mundo, a minha mãe dizer-me, quando estou a sair de casa, e disse mais de uma vez, vai e não voltas. E eu não tenho dúvidas que eles são as pessoas que mais gostam de mim mas era o meu comportamento e a minha atitude que fazia isso. Na altura era duro, eu sofria bastante, eu ia que estava a dar cabo de mim mas não conseguia parar. E de alguma maneira eu sentia e dizia a mim mesmo que não podia falar sobre isto, ninguém vai compreender. Eu dizia a mim mesmo que não podia falar sobre isto, negava era como se não falasse não existisse. Não falava com os meus pais, com a minha irmã nem com as pessoas que estavam mais próximas de mim. Recordo-me também de partilhar casa, partilhei várias casas em Lisboa, porque aconteceu-me várias vezes chegar ao final do mês e não ter dinheiro para pagar a renda e então dizia que ia usar o mês caução e ia sair. Dizia aos meus pais que a culpa era das pessoas com que morava. E não era, era uma maneira de eu ter dinheiro para jogar. Acabei então por estar em vários sítios mas efectivamente no meu período mais louco, eu vivia com três pessoas que já conhecia há algum tempo que eram da cidade de onde eu e que também estudavam em Lisboa. A imagem que eu deixava transparecer era que o jogo era uma maravilha, que tudo me corria bem, que eu ganhava dinheiro com aquilo e que era uma maravilha e isto era exactamente o contrário da realidade. Eu, muitas vezes acontecia-me ganhar dinheiro numa noite, tinha a necessidade de, lá está para tentar justificar a história, pagava-lhes coisas, comprava coisas. E no dia a seguir estava sem dinheiro nenhum. E esta era uma constante.

E esses amigos com quem vivia, como era a relação com eles?

Já os conhecia há algum tempo, não eram propriamente muito chegadas, porque essas, eu afastei-me delas. E curiosamente algumas delas também jogavam e daí eu ter desenvolvido alguma relação com elas. Mas eles não jogavam de forma compulsiva, é um facto e algumas delas já me diziam que, não achas que estás a perder o controlo. Mas eu no dia a seguir se

fosse preciso aparecia com uma TV nova e afinal já não era tão mau, mas a verdade é que era. Eu criei uma loucura, tenho alguma dificuldade em recordar-me porque felizmente já passou algum tempo, mas as historias que eu criava todos os dias, era como se eu tivesse uma máscara na cara para me relacionar com os outros mas no fundo para me relacionar comigo mesmo, para justificar as coisas que fazia e sobre as quais não tinha controlo, não conseguia parar. E pronto era um sofrimento muito grande, uma sensação de solidão muito grande. Mesmo rodeado de muita gente e eu efectivamente muitas vezes estava rodeado de muitas pessoas. Havia momentos de solidão mas ao mesmo tempo eu estava com muitas pessoas a maior parte delas loucas como eu mas eu sentia-me muito sozinho. E quando estava com as pessoas que gostavam mesmo de mim, os meus pais, a minha irmã também estava sozinho, porque estava sozinho com isto tudo. Esses foram períodos difíceis. Recordo-me por exemplo... isto há uma série de coisas para falar. Isto aconteceu quando eu tinha 17, 18 anos, quando entrei para a faculdade mas lembro-me passado um tempo de ter chegado aos JA, 1 mês efectivamente pela primeira vez. Ter estado na internet à procura de informação sobre o jogo e etc, e encontrei um fórum na internet de auto-ajuda também para o jogo e eu fiquei com uma sensação de déjà vu, e efectivamente eu já lá tinha estado há 1 ano atrás, quando tinha 18 anos tinha lá mensagem. Dizia que era um rapaz de 18 anos e que não conseguia para e estava a dar cabo da minha vida. E eu acabei por encontrar esta história passado um ano e recordei-me de ter lá posto. A certa altura tinha parado e tinha pedido ajuda. Mas isto para dizer que era incrível, a minha vida estava a desmoronar-se em tudo quanto era aspecto, em relação aos estudos, que sempre foram muito importantes para mim...eu quando cheguei aos JA queria deixar de estudar porque achava que ia conseguir viver daquilo. Isto era a maior loucura possível porque eu passava fome por causa do jogo mas achava que o jogo me ia resolver tudo, eu achava que o jogo era a solução para os meus problemas quando efectivamente era a causa para quase todos os meus problemas. Mas era difícil, só percebi isto passado um bocado, apesar das evidências dizerem que o jogo era a causa de todos os meus problemas eu na minha cabeça via a coisa ao contrário, o jogo como uma solução e não como a causa. Eu antes de chegar aqui estava muito mal a nível financeiro já tinha acumulado...eu felizmente não contraí créditos porque senão não sei se ainda estava aqui hoje. A certa altura os meus pais andavam sempre a dar-me dinheiro para tudo mas o dinheiro já não me chegava e então arranjei um trabalho em part-time. Isto para os meus pais foi muito difícil de entender, eu tentava conciliar isto com os estudos. Supostamente dava para conciliar mas eu não punha os pés nas aulas. Trabalhava 4h por dia e até tinha uma remuneração bastante alta para alguém da minha idade e continuava a receber dinheiro dos meus pais, ou seja, já tinha acesso a grandes quantias de dinheiro (18,19 anos) e chegava ao fim do mês sem dinheiro nenhum. Quando cheguei às salas dos JA não tinha mesmo dinheiro nenhum, nem para pagar a renda, para pagar as propinas nem para comer sequer e isso é aflitivo. Tinha pessoas que me podiam ajudar, os meus pais e a minha irmã mas eu não...

Estava então completamente sozinho?

Mais ou menos, a certa altura eu acabei por falar com a minha irmã, num dia de desespero. Eu quando vim pela primeira vez foi num dia em que, eu vivia com 3 colegas e nós tínhamos uma conta partilhada para pagar a renda da casa e eu curiosamente era visto como uma pessoa responsável. Eu que já tinha as minhas finanças completamente descontroladas era a pessoa que estava responsável sobre aquela conta. E há um dia que eu digo a mim mesmo vou usar o

dinheiro dessa conta vou ganhar e depois reponho. O que é certo, é que não consegui ganhar e gastei o dinheiro todo que estava lá. E nesse dia quando cheguei a casa eles não estavam lá e eu comecei a chorar compulsivamente. Quando eles chegaram a casa eu não tinha hipótese. Eu de alguma maneira ao mexer naquele dinheiro...eu tinha a esperança e enganava-me, de ganhar mas já sentia que havia uma forte probabilidade de perder. Foi a primeira vez que falei com alguém sobre aquilo e foi muito difícil. Eu quando lhes contei, foi incrível para eles. Alguns disseram que achavam que eu já jogava muito mas mesmo assim não deixa de ser incrível para eles foi um choque porque eu tentava sempre dizer que controlava. Mas o jogo é que me controlava a mim. E quando eu lhes contei que tinha roubado o dinheiro da conta foi difícil para eles. Eu no entanto já tinha roubado bens dos meus pais, tirava dos meus pais e ia vendê-los, para jogar, bens pessoais. Uma loucura comprava num dia e vendia no dia a seguir, enfim há uma série de histórias...

Então foi nesse momento que contou aos seus colegas e como foi depois?

Eu já tinha visto a informação sobre os JA há algum tempo. Eu nesse momento já não estava a trabalhar, despedi-me de um dia para o outro. E não precisava de trabalhar mas pronto. Nesse dia disse-lhe que já tinha visto a informação mas que nunca tinha ligado, liguei a uma 4ª e havia uma reunião numa 5ª e eu fui. Na altura tinha 19 anos e foi brutalmente difícil, vim acompanhado por eles quase por uma orelha, mas eu tinha vontade de vir. Mas eles acompanharam-me até à porta.

Mas eles vieram também como amigos para o apoiarem?

Sim, não tenho dúvidas nenhuma que vieram porque se preocupavam comigo. Mas isto para dizer que apesar de ter vindo com eles eu queria vir e queria pedir ajuda. Quando cheguei aos JA o que me aconteceu é que houve uma série de coisas que me fizeram confusão outras que me fizeram sentido e percebi que não era a única pessoa. Havia uma série de pessoas que sentiam exactamente o mesmo que eu, parar e não conseguirem. Ouvia as histórias das pessoas e com 19 anos. A pessoa mais nova a seguir a mim tinha 40 anos, hoje já não é assim. Foi um bocado difícil mas pessoas com 40, 50, 60 e 70 anos e olhava para as histórias e os sentimentos em relação ao jogo encontravam-se imensas semelhanças, na dificuldade em lidar com sentimentos. Houve uma frase que me disseram nessa reunião, eu estava com a cabeça muito confusa, não conseguia articular ideias, não olhava para ninguém nos olhos. Hoje dizem que achavam que eu tinha alguma deficiência nos olhos porque eu não olhava para ninguém, isto era a vergonha a falar. Até o meu pai me dizia isso. Mas o que me disseram foi que isto era uma doença para o resto da vida e a pessoa que me disse isso foi a pessoa com maior idade na reunião, quase 70 anos e eu lembro-me de pensar, isto é para ti que tens essa idade mas eu tenho 19 anos. Na altura não fez sentido mas hoje faz-me. Eu sou adicto e só tenho é que ter cuidado e continuar. Hoje consigo viver com isto melhor do que alguma vez vivi. Mas efectivamente a grande questão foi que me fez muita confusão. Ser uma doença foi um alívio. Mas houve uma serie de sugestões que eu ouvi, uma delas foi não fazer nenhuma aposta e eu quando cheguei ali achava que, continuava a pensar e a negociar comigo mesmo que podia continuar a jogar. E eu tinha a minha vida feita em cacos, houve alturas em que pensei em suicídio mas mesmo suicídio. Eu deitava-me várias vezes a pensar que não valia a pena acordar, cheguei mesmo a pensar em suicídio, como maneira a terminar o sofrimento. Eu já

não tratava bem de mim, na relação comigo mesmo, eu uso lentes de contacto e chegava a passar semanas sem as tirar as lentes. Chegava a noite a casa e não queria saber, chegava a cama e não queria acordar no dia seguinte.

Mas era um desejo ou chegou mesmo a planear?

Sim, era um sofrimento muito insuportável, sozinho com tudo isto. E eu só pensava nessa solução.

E porque de enfrentar tudo isto sozinho durante tanto tempo?

Acho que tem a ver com a própria característica da adição. A principal característica, o que eu sinto. A adição caracteriza-se pela negação e eu negava. Eu sentia muito. Falar com alguém era contrariar esta negação. Eu tinha a vida feita em cacos e dizia que isto não está assim tão mau, era de loucos. Eu não falava para não me confrontar eu próprio com a realidade e porque tinha muito medo de qual seria a reacção das outras pessoas, a principal razão é o medo de eu me confrontar e das pessoas com quem tinha relação saberem disto.

Falou que veio para Lisboa estudar, como foi essa separação?

Foi pacífica, na altura como já estava a jogar era desejada, porque ia ter mais dinheiro. Foi pacífica. Realmente quando estava cá os meus pais ligavam para saber se estava tudo bem, e eu não lhes dizia nada só que estava tudo bem. Era uma chamada para saber se eu estava vivo. Atendia o telefonema, antes estava a chorara e eu dizia que estava tudo ótimo. Isto era difícil, até para mim, é difícil compreender mas era muito doloroso eu não dizer nada.

A vossa relação antes como era?

Eu não vou dizer que os meus pais são as pessoas mais...o meu pai sempre foi muito parco em palavras e a minha mãe sempre foi mais expressiva e com alguma facilidade em transmitir sentimentos. Eu considero que sempre tive muito amor, a minha mãe a sua maneira o meu pai doutra. Acho que ouve coisas que me foram transmitidas que me ajudam muito na minha recuperação e que também me ajudaram a desenvolver muito a minha adição. Eu acho que sempre recebi muito, sempre me foi inculido algum perfeccionismo, isso talvez tenha sido algo que me magoou, uma necessidade de aprovação. E de alguma maneira alguma dificuldade em falar dos problemas. Eu sempre tive muita dificuldade em falar com as pessoas que esta ligado com o perfeccionismo. Eu não posso dizer agora às pessoas que se está a passar isto porque senão. A dificuldade em aceitar que sou humano e como todos tenho falhas. Mas era isso que não fazia. Eu hoje em dia entendo que a minha doença é uma doença de sentimentos é uma dificuldade em lidar com sentimentos mas de qualquer maneira acabou por descambar para o jogo, podia ter descambado para outras coisas. Eu também brinquei com outras substâncias, drogas com álcool. Felizmente nunca passei de drogas leves e quer dizer, sempre tentei anestesiar os meus sentimentos. A certa altura, o jogo anesthesiava mesmo os meus sentimentos. Já jogava por tudo e por nada. Era um pouco para não sentir, a culpa, a raiva, o medo. Voltando um pouco atrás, à relação com os meus pais, acho que o vir para lisboa não mudou essa relação. Acho que até jogar tinha umam relação saudável com eles, que se alterou quando comecei a jogar. Mas alterou com todas as pessoas, namoradas, amigos, pais, era uma

relação de uso, claramente, o que eu podia conseguir daquela pessoa, fosse para jogar ou o que fosse.

Estava a falar da sua relação com os namoros, como eram?

Eu nunca tive uma relação séria, principalmente devido à idade e porque a certa altura eu preferia estar a jogar do que a namorar. E fiz essa troca várias vezes, eu cheguei a ter várias namoradas ao mesmo tempo enquanto estava a jogar. Elas próprias também tinham problemas. Porque não era qualquer pessoa que ia lá estar com uma pessoa que passava o tempo todo a jogar ou com o comportamento que eu tinha. Mas o que é certo, é que nada era mais importante, nada. E para mim, hoje em dia é uma coisa que me faz muita confusão mas eu deixava de estar com uma mulher para estar a jogar.

Vamos agora passar a uma segunda fase da entrevista. Gostava de lhe perguntar qual é a sua primeira memória que tem de criança?

É uma pergunta difícil, sem dúvida nenhuma. Eu tenho uma memória forte de quando era criança, de estar efectivamente com o meu pai e a minha irmã, de estar às cavalitas do meu pai e de estar num ambiente de felicidade. Esta é uma imagem que me ficou. Por outro lado também tenho outras memórias que é...eu tinha muita dificuldade, volta e meio os meus pais discutiam como qualquer casal discute, mas eu tinha muita dificuldade em lidar com isso. E não eram discussões fora do normal, eram discussões que fazem parte da vida do casal. Mas eu ficava sempre muito inadequado com isso, com as discussões. E eu tenho algumas imagens de estar no meu quarto e ouvir os meus pais a discutir e ficar com uma sensação de impotência enorme de, eu gostava de resolver aquilo e não posso. Isso é uma imagem que também me ficou. Outra imagem que me ficava, as comparações faziam muito parte da...

Mas quem é que o comparava?

Muitas vezes até a minha mãe. Lá está a questão do ênfase no perfeccionismo era muito grande. Pelo menos a minha cabeça entendia-o assim. A questão da competitividade, lembro-me de estar com outros miúdos e ser muito competitivo, como se tivesse que ser o melhor, o primeiro. E aplicava isso em várias coisas, na escola, no desporto. Tenho essa imagem. Mas a imagem mais forte é a de há pouco, a imagem de impotência perante pequenas discussões, médias discussões. Recordo-me de estar no meu quarto e realmente não sabia o que havia de fazer. Mas para ser honesto acho que tive uma infância feliz. Tenho uma irmã mais velha, 6 anos mais velha do que eu. Pronto e às vezes também havia algumas comparações com a minha irmã, efectivamente, mas até não me eram muito desfavoráveis. É verdade. Mas sempre tive muito neste meio, até os meus avós, a questão da comparação, tens de ser o melhor.

E como é que isso o fazia sentir?

Muitas vezes traduzia-se em inferioridade. Isso fazia com que tivesse uma baixa auto-estima, o não gostar de mim mesmo, que hoje em dia, felizmente vai melhorando. Basicamente traduzia-se numa dificuldade em gostar de mim mesmo. E não só, acima de tudo uma outra coisa, que era um comportamento muito típico meu, a necessidade de agradar aos outros, e muitas vezes não ser assertivo. Dizer aos outros o que achava que eles iam gostar e não aquilo

que eu sentia. E isso foi uma das coisas que me conduziu muitas vezes a uma grande solidão. Porque estava ao lado das pessoas, mas não estava a ser eu próprio. Estava a ser aquilo que eu achava que elas iam gostar. Isto abalou tudo porque eu não controlo o que as outras pessoas gostam e o que elas pensam de mim. Mas eu fazia tudo para que elas tentassem gostar de mim. E muitas vezes ficava sozinho. Uma das coisas que tenho vindo a perceber hoje em dia é que as pessoas gostam mais de mim quando sou eu próprio. Mas eu tinha muita necessidade de agradar a todos. E por várias máscaras. E depois aconteceu-me isto e intensificou-se de uma maneira que era uma coisa louca. Quando eu estava a jogar, a culpa que eu sentia, a raiva que eu sentia, a vergonha que eu sentia eram de tal maneira tão grandes que faziam com que eu tivesse de criar histórias surreais para ter um pouco atenção dos outros. Para combater a baixa auto-estima que eu tinha.

E a relação com os amigos na escola como era?

Eu era, mais que aplicado, era bom aluno. Era muito bom aluno. E isso depois Às vezes...tinha muita necessidade de agradar e o que acontecia muitas vezes, é que eu tinha muita dificuldade, por exemplo, em sala de aula com trinta miúdos eles estavam a conversar e eu estava sempre muito caladinho para não estar a desagradar o professor ou etc, quer dizer o medo da reprovação. Acabava depois por ouvir comentários dos outros miúdos e isso trazia alguns sentimentos de inadequação. E esse, é capaz de ser algum dos sentimentos mais fortes que sempre esteve presente ao longo da minha vida. Que era independentemente, de onde eu estava e com as pessoas que eu estava, eu sentia sempre que não pertencia e que não estava ali bem. E isto até mesmo em contextos familiares, muito em contextos familiares, eu sentia isso. E é difícil explicar, eu não acho que tenha a ver com as outras pessoas, tem a ver com a minha cabeça muitas vezes. Mas eu sentia isso, eu estava num sítio qualquer com 50 pessoas e eu sentia que, estavam todas a rir-se e eu não me sentia nada bem. Eu estava melhor se não estivesse aqui mas depois ia para outro sitio e...

E estas situações aconteciam com a sua família?

Com os dois lados. Não diria tanto com os pais mas eventualmente com outra família, com os avós, eu já me sentia um pouco inadequado. Mas na escola sentia-me inadequado. Dos poucos contextos que eu não me sentia tão inadequado era no desporto, aí não me sentia tão inadequado. Mas em muitos sentia-me. Sentia-me inferior aos outros, não era mas sentia-me. Sentia-me com um sentimento muito grande de inadequação. Às vezes, aqui, nas reuniões diz-se que aquela música do António Variações, “Só estou bem onde não estou, só quero onde não vou”, é literalmente isto, uma insatisfação muito grande.

Este sentimento também o acompanhava enquanto jogava?

Sim aí então, era surreal e estava muito ligado com aquela necessidade de estar sempre a anestesiar os sentimentos. Estar sempre a jogar. Eu, a certa altura comecei a parar de jogar e comecei a beber, eu não sou um alcoólico. Hoje eu não bebo, sou abstémio efectivamente, não uso drogas nem nada disso. Porque percebi realmente que a minha adição é ao jogo mas se não tenho cuidado facilmente desenvolvo adição com outras substâncias também. Mas isso para dizer que eu estava sempre a tentar lidar com os meus sentimentos a anestesiá-los, a lidar não, a tentar anestesiar os meus sentimentos. Eu estava sempre a jogar mas também

através de outros comportamentos como o álcool, drogas, tabaco. Fumava um maço e meio por dia. Isto para dizer que, a certa altura eu tinha uma série de comportamentos destrutivos, uma série. A palavra de ordem era mesmo destruir, destruir. Afastei-me das pessoas, deixei de fazer o que era importante para mim, tratei-me mal fisicamente. Realmente fui destruindo pouco a pouco.

E os amigos que entretanto se tinham afastado como foram?

Isso é um desafio. Porque eu estou sem jogar há dois anos e meio. A última aposta foi a 23 de Outubro de 2009. E eu afastei-me de uma série de pessoa e quando comecei a parar de jogar e quando comecei a parar, realmente percebi que o problema não era o jogo tal mas sim a primeira aposta do que fosse. E que tinha de mudar de comportamento, que tinha de me proteger, que tinha de deixar de ir a locais de jogo, de ter conversas com pessoas sobre o jogo e foi muito difícil. Comecei primeiro a afastar-me das pessoas que também jogava e isso foi das coisas mais dolorosas que passei ao longo dos últimos anos. Lá está, eu não tinha amigos, mas tinha muitas pessoas conhecidas e estava muito acompanhado, fosse nos copos, fosse a jogar, fosse no que fosse. E de repente quando sigo a sugestão que aqui me deram, afasta-te dessas pessoas e dou por mim sozinho em Lisboa só com a minha irmã. E isto foi das coisas mais dolorosas que vivi. Na faculdade as pessoas que tinham comportamentos mais saudáveis olhavam para mim como se fosse louco as outras era horrível estar com elas. Depois para o final quando comecei a ir às aulas e a estar nas aulas todas, eu estava lá como um outsider e olhavam assim para mim. Eu tive situações, hoje em dia giras, tipo quem é que é este. Mas isto para dizer que é das coisas mais dolorosas, foi das consequências que ficaram mais vincadas mas felizmente hoje em dia...eu não vou recuperar o dinheiro que perdi ponto mas quer dizer não tenho as consequências que têm algumas pessoas. Do ponto de vista físico ficou algumas consequências de visão mas nada irreversível. Hoje em dia já faço muito desporto novamente. Mas tive grandes consequências do ponto de vista emocional. Do ponto de vista familiar as coisas hoje em dia vão se recompondo e a relação está bastante diferente. Como eu dizia há pouco não esqueço a minha mãe dizer “vai e não voltes” e isso aconteceu. Agora eu saio de casa dou um beijinho à minha mãe e agradeço o fim-de-semana que tive. E nas reuniões e na terapia é das coisas que mais me emociona porque é das coisas em que eu sinto mais a mudança. É nas relações que eu sinto efectivamente mais a mudança. Era um inferno a relação que eu tinha com os meus pais e com a minha irmã quando eu estava a jogar e hoje em dia está a melhorar. Eu já vou à parte dos amigos...mas com a minha irmã, houve uma altura, quando eu falei a primeira vez com a minha irmã foi quando certo dia tinha acabado de receber o dinheiro dos meus pais para o mês todo. E eu já tinha ido a algumas reuniões dos JA mas continuava a pensar que não precisava tanto de ajuda, que conseguia controlar, que não precisava de ir a tantas reuniões e continuava a controlar o meu dinheiro e ainda não tinha falado com ninguém da minha família. E nesse mesmo dia passado meia hora, com esses meus amigos que ainda vivia, disse-lhe que ia a uma reunião mas não fui e em muito pouco tempo gastei todo o dinheiro que precisava para tudo. E eu nesse dia fiquei desesperado, nesse dia, foi o dia em que a ideia do suicídio mais me passou pela cabeça. Eu não tinha sequer dinheiro para por gasóleo no carro para ir para casa e tinha uma serie de coisas para pagar. E eu liguei à minha irmã, ela também estava aqui em lisboa a trabalhar e a viver. E disse-lhe, a chorar, que precisava de ajuda, mesmo de ajuda. E ela foi ter comigo, super preocupada com o que se estava a passar, quando chegou contei-lhe tudo, mais coisas do que devia mas o sofrimento

era muito, foi uma arma de arremesso. E o que acabou por acontecer é que a uma certa altura a minha irmã está a chorar, nunca mais me esqueço dessa imagem, a minha irmã a chorar eu a chorar, agarrado a ela, “eu não estou a chorar pelo que fizeste, estou a chorar pelo sofrimento que tu tiveste este tempo todo sozinho.” E isto foi das coisas que mais, que ficou e ainda hoje me fica. Quer dizer hoje em dia já tenho mais facilidade em chorar havia uma altura em que eu chorava e tal mas houve outra que eu era uma pedra, já não chorava, já não sentia nada e enfim. Hoje em dia estou a atentar entrar em contacto com as minhas emoções. E emocionome que é o caso e no que toca à área da família, emocionome. Depois fui viver com a minha irmã e ela ajudou-me numa série de coisas e etc. Fui viver com a minha irmã e com o meu cunhado, na altura namorado, e o que é certo, é que a minha irmã começou a controlar as minhas finanças, o que foi um choque para ela. Na altura eu não falei com os meus pais porque ela sugeriu que não o fizesse, porque não sabia como é que eles iam reagir, eu, ainda hoje os meus pais ainda não sabem da questão do jogo. A minha irmã sabe, está muito presente na minha vida e na minha recuperação, mas os meus pais também estão muito presentes mas não sabem desta parte. Isto ainda é muito difícil para mim falar porque se eu voltasse atrás tinha feito de maneira diferente e tinha contado logo ao início. Tinha sido muito mais simples para mim se o tivesse feito. Eu acho que a minha irmã sugeriu não o fazer por medo. Hoje faria diferente. E falo muitas vezes com o meu terapeuta, com o meu padrinho para decidir quando é que vou falar com eles hei-de fazer no futuro mas tenho noção que quando for falar com eles já não vou dizer que tenho um problema mas que tive no passado.

Mas actualmente os seus pais manifestam que há uma grande mudança?

Brutal. Eu acho que, eu falo muito disto com a minha terapeuta. A minha irmã, nós temos as reuniões abertas (convida-me a assistir refere que são de 4 em 4 meses e que há um jogador a partilhar, os seus familiares, os terapeutas). A minha irmã já esteve em várias e quando ela percebeu que eu não era a única pessoa com este problema. Depois um dia fomos jantar e ela disse-me “sabes a mãe e o pai perguntavam-me o que se passava contigo, se eram drogas o que eram porque eles não conseguiam perceber”. Isto foi difícil porque a minha irmã não sabia e depois já sabia e ela própria não falava. Com o passar do tempo o meu comportamento começou a mudar, comecei a para de jogar e a olhar para as minhas atitudes e a por acção numa série de áreas da minha vida e a mudar as coisas efectivamente. E então os meus pais começaram a ver a diferença e hoje em dia já vem diferenças muito grandes. O facto de eles, hoje em dia, não pressionarem tem muito a ver, “Ok, houve um problema, está tudo bem”. O que é certo, é que eles, hoje em dia vêm uma pessoa completamente diferente e é muito diferente de quando estava a jogar sem dúvida nenhuma e isso é uma coisa que me orgulho. Não é o não questionar mas se não questionarmos não existe. Penso que tem um pouco a ver com isso. Eu pessoalmente acho que um dia gostava de falar com eles mas agora também tenho receio de lhes causar um dano. A tal história da honestidade, se eu hoje for falar com eles, eles vão questionar “porque é que ele não falou connosco antes”. Hoje é dia é um pouco difícil e se voltasse atrás, no dia em que falei com a minha irmã pela primeira vez, falava com os meus pais também. Tinha sido um amargo, um amargo-doce, na altura mas depois...hoje em dia faz-me muito sentido ter alguém da minha família envolvido na minha recuperação.

Assim actualmente é só a sua irmã que está mais próxima na sua recuperação?

Sim, sim. Mas isto não deixa de ser incrível, mesmo depois de passar por este sofrimento todo eu ao fim de 3 meses convenci a minha irmã que era melhor para mim ir viver com um colega meu. E foi viver com uma pessoa completamente louca e passado um mês estou a jogar outra vez. E a minha irmã estava a controlar as minhas finanças e eu arranjei maneira de a enganar e começo a jogar outra vez. Isto foi de uma violência e aí sim chega a um ponto. Eu chego a primeira vez a uma reunião em Março e parei de jogar em Outubro. Neste espaço de tempo estive a viver alguns meses com a minha irmã em que não joguei mas quando sai de lá, pus-me a jeito e fiz as coisas à minha maneira e dei-me mal. E depois neste espaço de tempo tive dois relacionamentos, não posso dizer sérios mas tive dois relacionamentos íntimos. Curiosamente foram realmente muletas, eu estava a parar de jogar mas numa altura que ainda estava a tentar deixar de jogar mas ainda jogava e estava a ser muito difícil para mim e então acabei por arranjar duas muletas, dois relacionamentos.

Mas fê-lo para não estar sozinho?

Exactamente. Só que eu estava muito fragilizado, não estava bem emocionalmente. As outras pessoas também acabavam por não estar bem, não eram boas pessoas, é uma expressão forte, não eram as pessoas mais saudáveis também. E acabei por ter 2 relacionamentos que na altura acabaram por não correr nada bem, pelo contrário. Mas foi um período muito difícil, este período do tentar deixar de jogar foi muito difícil. E depois no dia 23 de Outubro de 2009 recordo-me que fui jogar e foi horrível, uma sensação horrível de impotência. Eu estava a jogar e eu estava a pensar que o dinheiro que estava a jogar fazia-me falta para pagar isto e aquilo. Eu estava a pensar mas eu não tenho que estar aqui, era uma 6ª f, deveria estar numa reunião de JÁ eu preciso de ajuda. Mas mesmo assim. E só sai de lá ao fim de algum tempo. Sai de lá e cheguei a casa, liguei para um companheiro dos JÁ e falei com ele. E falei também com a pessoa que estava mais ao menos envolvido, estava envolvido com as duas pessoas ao mesmo tempo, uma confusão muito grande. E falei com essa rapariga, ela vivia perto de mim e foi a minha casa, ela sabia a questão do jogo, ela sabia da questão do jogo. Mas ela pensava que eu estava sem jogar. Na altura chorei, chorei e comecei a chorar compulsivamente, mesmo muito mal. A pessoa ao início confortou-me mas a certa altura com dificuldade em lidar com a situação, eu nunca mais me esqueço o que a pessoa disse, foi das frases que eu fico do último dia em que joguei. A pessoa disse-me a certa altura, eu recordo-me da expressão assim mais ao menos mas “Deixa de ser maricas” e eu estava a chorar compulsivamente e sem saber o que fazer à minha vida e a pessoa sai porta fora. Esta pessoa tinha sido a minha principal muleta das duas que eu tinha. E foi muito difícil lidar com isto. Foi mais um daqueles dias em que eu senti que não queria acordar amanhã.

Mas o que é que acha que sentiu quando ela bateu com a porta?

Uma raiva muito grande, culpa também. Senti mesmo, a primeira coisa que eu senti foi medo, medo em não conseguir parar de jogar. Eu não sabia mesmo o que é que ia acontecer. Estava a ficar louco e para mim ficar louco passa por uma definição de insanidade que uma pessoa tem o mesmo comportamento à espera de ter resultados diferentes. Eu fazia isso todos os dias quando me levantava, fazia à mesma coisa à espera de resultados diferentes, isso é insanidade. Eu caminhava para a morte, pela questão do suicídio, sem dúvida. E caminhava para uma situação como a prisão porque eu já começava a fazer coisas que me podiam trazer consequências sérias. Então sentia medo, de não conseguir parar de jogar, depois culpa e raiva. E pronto na altura se eu já me sentia inferior e com a auto-estima muito pequena, naquele dia foi uma coisa. E esse foi o último dia que joguei. E efectivamente foi muito difícil.

Nessa altura voltou a recorrer à sua irmã?

Não. Não voltei a falar com a minha irmã nessa altura, só mais tarde. Falei com um companheiro novamente. E na 2ªf acabei por ir a uma reunião, já tinha feito algumas mas ia a muitos poucas, afastava-me. Punha outras coisas à frente, ou punha uma miúda à frente ou uma saída. Não punha a minha recuperação à frente como um pilar e as pessoas que me diziam para não fazer isso, eu achava que eram loucas. Mas o que é certo é que elas estavam bebem e sem jogar e eu não conseguia parar de jogar. E depois acabei por vir à reunião, com uma vergonha enorme mas o que é certo é que quando eu cheguei ninguém me recebeu com...as pessoas aqui. Para dizer que foi recebido com amor, apesar de ter recaído fui recebido com amor. E realmente a única coisa que se pede para pertencer aos JA é o desejo de parar de jogar e não o sucesso. E eu comecei pelo desejo. De qualquer maneira eu durante 3 meses ia a reuniões mas ainda estava muito reticente em deixar de jogar e mudar comportamentos, em seguir sugestões. E houve um dia em que eu percebia claramente que devia, eu abusava da bebida um pouco demais, com as drogas também, apesar de serem leves abusava. Fumava 1 maço e meio por dia com 19. Mas houve uma noite em que eu fiquei assustado comigo mesmo. Sai à noite, bebi demais e acabei a noite de um bar de streep e eu não estando a jogar foi como se tivesse a jogar. Perdi completamente o controlo em relação ao dinheiro, em relação à bebida. E na altura recordo-me depois de apanhar um táxi para casa com o ultimo dinheiro que tinha particamente e efectivamente virei-me para o taxista e comecei a desabafar. E ele perguntou-me se eu não era bipolar, e não foi a primeira pessoa que me perguntou isso. De qualquer maneira o problema aqui é adição, eu identifico-me como jogador compulsivo mas acima de tudo como adito. É por isso que eu não bebo, eu não fumo e até em relação ao trabalho tenho de ter cuidado. É uma área que...mas isso para dizer que claramente naquele dia eu percebi que algo não estava bem. Que eu já estava a substituir. Precisava mesmo de ajuda, se não era o jogo era uma coisa qualquer. A compulsão já era muito grande e realmente foi passado isso. Isto foi numa 6f e na 2f fui beber um café com a pessoa que hoje em dia é o meu padrinho e que lhe disse que precisava mesmo de ajuda. Ele deu-me uma série de sugestões (afastar-me de certas pessoas, controlo financeiro, terapia) e as coisas acabaram por correr bem por ai. Pronto e percebi que a minha vida estava completamente desgobernada. Eu que dizia para mim mesmo que estava tudo bem efectivamente estava tudo mal. Uma das coisas que eu tenho vindo a perceber é que se estamos perante um quadro todo negro e de repente há um brilho a pessoa agarra-se a esse brilho como se aquilo fosse uma maravilha e esquece-se que está tudo preto à volta. E estava péssimo em relação aos amigos. E quando segui as sugestões e comecei-me a afastar das pessoas que jogavam e usavam drogas. Hoje em dia não vejo ninguém. Tenho 2 pessoas daquelas que me afastei e é mesmo, mesmo muito difícil. Porque depois não foi fácil por acção para recuperar estas pessoas e é uma coisa que ainda hoje em dia passado dois anos e meio estou a começar a dar os primeiros passos em relação a isso. Foi muito difícil cortar os laços com as outras pessoas, depois disso estava com uma solidão muito grande, uma solidão diferente daquela que sentia anteriormente. Sentia um vazio muito grande mas ao mesmo tempo estava acompanhado pelas pessoas do grupo, com a minha irmã. Mas o parar de jogar foi brutal, o que é que eu faço agora com o meu tempo. O que é que eu faço agora. E primeiro que eu começasse a perceber que há uma serie de outras coisas que eu posso começar a fazer com o meu tempo livre, desporto, começar a reerguer.

Anexo G

Análise entrevista António

1.Contexto do início, recaídas e exacerbação da doença

1.1.Eventos de vida anteriores ao início dos sintomas

(...) mas quando vim para a faculdade acabei por ter uma série de consequências porque eu já dedicava muito tempo, que era suposto estar a estudar, a estar com amigos, estar a jogar (...) (P. 1) (...) Eu vim para a faculdade, eu não sou de Lisboa e quando vim para a faculdade e isto tomou outras proporções. Porque acima de tudo comecei a ter acesso a outras quantias de dinheiro. (P. 2)

Sumarização: antes de entrar na faculdade já dedicava muito tempo a jogar e quando sai da sua terra agrava

Frase-chave: separação da comunidade

1.2.Contexto Psicossocial

(...) afasto-me dessas pessoas que gostam de mim e procuro pessoas que tenham comportamentos muito semelhantes aos meus e porquê? Porque essas pessoas não me iam questionar. (P. 2)

Sumarização: afastamento de pessoas significativas e procura de pessoas com os mesmos comportamentos

Frase-chave: afastamento do grupo de suporte

E fiz essa troca várias vezes, eu cheguei a ter várias namoradas ao mesmo tempo enquanto estava a jogar. (p6)

Sumarização: teve várias namoradas ao mesmo tempo

Frase-chave: Relações sexuais ocasionais e promiscuas sem vinculação emocional

2.Infância e Adolescência

2.1.Personalidade e temperamento

Eu acho que sempre recebi muito, sempre me foi inculido algum perfeccionismo, isso talvez tenha sido algo que me magoou, uma necessidade de aprovação. E de alguma maneira alguma dificuldade em falar dos problemas. Eu sempre tive muita dificuldade em falar com as pessoas

que esta ligado com o perfeccionismo. Eu não posso dizer agora às pessoas que se está a passar isto porque senão. (P. 6)

Sumarização: perfeccionismo e necessidade de ser aprovado levaram-no a ter dificuldades em demonstrar as suas imperfeições

Frase-chave: perfeccionismo e necessidade de aprovação

A dificuldade em aceitar que sou humano e como todos tenho falhas (...) (p.6)

Sumarização: não aceita que pode falhar

Frase-chave: sentimentos de onipotência

(...) questão da competitividade, lembro-me de estar com outros miúdos e ser muito competitivo, como se tivesse que ser o melhor, o primeiro. E aplicava isso em várias coisas, na escola, no desporto. (P. 7)

Sumarização: necessidade de ser o melhor desde criança

Frase-chave: competição

Muitas vezes traduzia-se em inferioridade. Isso fazia com que tivesse uma baixa auto-estima, o não gostar de mim mesmo, que hoje em dia, felizmente vai melhorando. Basicamente traduzia-se numa dificuldade em gostar de mim mesmo. E não só, acima de tudo uma outra coisa, que era um comportamento muito típico meu, a necessidade de agradar aos outros, e muitas vezes não ser assertivo. Dizer aos outros o que achava que eles iam gostar e não aquilo que eu sentia. E isso foi uma das coisas que me conduziu muitas vezes a uma grande solidão. (P. 7)

Sumarização: sentimentos de inferioridade e necessidade de agradar aos outros

Frase-chave: problemas de auto-estima/solidão

2.2.Pai

(...) o meu pai sempre foi muito parco em palavras (...) (p. 6)

Sumarização: pai sempre falou pouco

Frase-chave: pai pouco comunicativo / ausência de ligação emocional

Eu tenho uma memória forte de quando era criança, de estar efectivamente com o meu pai e a minha irmã, de estar às cavalitas do meu pai e de estar num ambiente de felicidade. Esta é uma imagem que me ficou. (P. 7)

Sumarização: momento de felicidade partilhado com o pai e a irmã

Frase-chave: proximidade aparente com o pai

2.3.Mãe

(...) a minha mãe sempre foi mais expressiva e com alguma facilidade em transmitir sentimentos. (P. 6)

Sumarização: mãe expressiva e capaz de transmitir sentimentos ao contrário do pai
Frase-chave: ligação afectiva à mãe

(...) as comparações faziam muito parte da... "Mas quem é que o comparava?" Muitas vezes até a minha mãe. Lá está a questão da ênfase no perfeccionismo era muito grande. Pelo menos a minha cabeça entendia-o assim. (P. 7)

Sumarização: sentia que a mãe o comparava com outras pessoas numa procura pelo perfeccionismo
Frase-chave: comparações / perfeccionismo

2.4.Família no todo

Eu considero que sempre tive muito amor, a minha mãe a sua maneira o meu pai doutra. (P. 6)

Sumarização: pais transmitiram muito amor
Frase-chave: pais davam amor de formas diferentes

(...) relação com os meus pais, acho que o vir para Lisboa não mudou essa relação. Acho que até jogar tinha uma relação saudável com eles, que se alterou quando comecei a jogar. Mas alterou com todas as pessoas, namoradas, amigos, pais, era uma relação de uso, claramente, o que eu podia conseguir daquela pessoa, fosse para jogar ou o que fosse. (p.6)

Sumarização: relação com os pais considerada saudável até começar a jogar
Frase-chave: relação satisfatória com figuras paternas/ (sem) ressonância emocional

(...) eu tinha muita dificuldade, volta e meio os meus pais discutiam como qualquer casal discute, mas eu tinha muita dificuldade em lidar com isso. E não eram discussões fora do normal, eram discussões que fazem parte da vida do casal. Mas eu ficava sempre muito inadequado com isso, com as discussões. E eu tenho algumas imagens de estar no meu quarto e ouvir os meus pais a discutir e ficar com uma sensação de impotência enorme de, eu gostava de resolver aquilo e não posso. (P 7)

Sumarização: discussões entre os pais provocavam-lhe um sentimento de impotência
Frase-chave: sentimento de impotência

Mas sempre tive muito neste meio, até os meus avós, a questão da comparação, tens de ser o melhor. (P. 7)

Sumarização: a família mais próxima também pressionava para que fosse o melhor
Frase-chave: obrigação em ser o melhor

Mas eu sentia isso, eu estava num sítio qualquer com 50 pessoas e eu sentia que, estavam todas a rir-se e eu não me sentia nada bem. Não diria tanto com os pais mas eventualmente com outra família, com os avós, eu já me sentia um pouco inadequado. (P. 8)

Sumarização: em ambientes com muitas pessoas sentia que se riam dele

Frase-chave: sentimentos de inadequação/ideias de perseguição

2.5. Problemas (saúde, escola, namoros, amizades)

Eu era, mais que aplicado, era bom aluno. Era muito bom aluno. E isso, depois às vezes... tinha muita necessidade de agradar e o que acontecia muitas vezes, é que eu tinha muita dificuldade, por exemplo, em sala de aula com trinta miúdos eles estavam a conversar e eu estava sempre muito caladinho para não estar a desagradar o professor ou etc, quer dizer o medo da reprovação. Acabava depois por ouvir comentários dos outros miúdos e isso trazia alguns sentimentos de inadequação. (P. 8)

Sumarização: bom aluno mas sentia-se inferior aos colegas

Frase-chave: sentimentos de inadequação/ dificuldades em criar amizades

Eu nunca tive uma relação séria, principalmente devido à idade e porque a certa altura eu preferia estar a jogar do que a namorar (...). (P. 6)

Sumarização: sem compromissos amorosos na adolescência consequência do jogo

Frase-chave: sem relações amorosas/íntimas

Tabela Entrevista António

| Tema | Frases chave | Clusters |
|--|--|--|
| 1.1 Eventos de Vida anteriores ao início do problema | ▪ Separação da comunidade (A p1) | Perda/separação de objectos de vinculação |
| 1.2 Contexto Psicossocial | ▪ Afastamento do grupo de suporte (A p2) | Separação de objectos de vinculação |
| | ▪ Relações sexuais ocasionais e promiscuas sem vinculação emocional (A p6) | Substituição da vinculação romântica por sexualidade promíscua ocasional |
| 2.1. Temperamento e personalidade | ▪ Perfeccionismo e necessidade de aprovação (A p6) ▪ Competição (A p7) ▪ Problemas de auto-estima/solidão (A p7) | Traço desafiante/competitivo/perfeccionista |
| | ▪ Sentimentos de onnipotência (A p6) | Omnipotência |
| 2.2. Pai | ▪ Pai pouco comunicativo/ausência de ligação emocional (A p6) | Dificuldades com as figuras parentais de vinculação/distância emocional |

| | | |
|---------------------------|--|--|
| | <ul style="list-style-type: none"> ▪ Proximidade aparente com o pai (A p7) | Incongruência/ ambivalência na imagem e na relação (pai) |
| 2.3. Mãe | <ul style="list-style-type: none"> ▪ Ligação afectiva à mãe (A p6) ▪ Comparações / perfeccionismo (A p7) | Incongruência/ ambivalência na imagem e na relação (mãe) |
| 2.4. Família como um todo | <ul style="list-style-type: none"> ▪ Pais davam amor de formas diferentes (A p6) ▪ Relação satisfatória com figuras paternas/ (sem) ressonância emocional (A p6) | Incongruência/ ambivalência na imagem e na relação (pais) |
| | <ul style="list-style-type: none"> ▪ Sentimento de impotência (A p7) | Omnipotência |
| | <ul style="list-style-type: none"> ▪ Obrigação em ser o melhor (A p7) | Traço desafiante/competitivo/perfeccionista |
| | <ul style="list-style-type: none"> ▪ Sentimentos de inadequação/perseguição com familiares (A p8) | Dificuldade em estabelecer uma base segura nos outros |
| 2.5. Problemas | <ul style="list-style-type: none"> ▪ Sem relações amorosas/íntimas (A p6) | Dificuldades nos relacionamentos íntimos, românticos ou na sexualidade |
| | <ul style="list-style-type: none"> ▪ Sentimentos de inadequação/Dificuldade em criar amizades (A p8) | Problemas de vinculação a objectos de suporte (Amizades) |

Anexo H

Entrevista Miguel

35 anos, divorciado, 3 filhos, Engenheiro civil.

Gostaria de perceber quando e como é que começou o seu problema com o Jogo?

Começou no final de 2004, em Dezembro, a altura em que eu comecei a jogar. Nesse primeiro mês, mês e meio, não era verdadeiramente um problema porque era de uma forma controlada. Conseguia estabelecer os meus limites. Mas esse limites rapidamente deixaram de existir, passado dois ou três meses. Lembro-me que em Janeiro de 2005, foi um marco, percebi que tinha um problema com o jogo.

E nessa altura como tomou consciência do problema?

Tomei sozinho. Basicamente o percurso no jogo foi durante 3 anos, 3 anos e meio sempre de uma forma progressiva, mas talvez eu...portanto eu nunca tinha pedido ajuda nem nunca tinha falado com ninguém até a história ter sido do conhecimento da família, da minha ex-mulher e dos meus familiares mais próximos. Mas a partir daí, apesar dos danos todos e dos estragos financeiros, eles nunca conviveram com o jogador no activo tendo consciência que tinham um jogador no activo. Portanto a partir do momento em que se soube eu parei. Já lá vão quatro anos e meio.

E qual era o tipo de jogo?

Essencialmente era jogo online mas a partir de determinada altura começa a ser tudo, apostas, jogos de casino de cartas, tudo. Tudo o que tivesse uma aposta era a base para a minha adicção.

Voltando um pouco atrás, estava a falar da família, como foi quando descobriram?

Foi muito complicado. Porque eu sempre tive uma relação de confiança com a minha ex-mulher e se calhar por achar...eu senti que tinha um problema, a vergonha em assumir que eu tinha esse problema, fez com que eu o quisesse esconder e portanto não...só tivesse conhecimento numa situação extrema através de um movimento de uma conta bancária e portanto a partir daí soube-se do problema e houve aquele pânico inicial, inclusivamente a minha ex-mulher saiu de casa durante dois ou três meses com a minha filha mais pequena e depois regressou. Eu diria que, o problema soube-se dia 9 ou 10 de Junho de 2008 e eu dia 11, salvo erro, tinha ido pelos meus próprios pés a uma reunião de JA. Eu realmente queria era sair daquele pesadelo. Eu já não vivia na ilusão de que conseguia resolver. Porque depois há o problema da ilusão que é dada pelos próprios ganhos. Uma pessoa não perde sempre, se perdesse sempre...(risos). Há algumas situações onde ganhei bastante dinheiro mas a tal compulsividade pelo jogo não me permitia ter uma relação saudável com o jogo, eu não consegui estabelecer os meus limites. Prometia que era a última vez, às vezes conseguia estar algum tempo mas acabava por jogar. Depois vim para os JA, na altura só havia em Carcavelos e através da auto-ajuda eu consegui aquilo que não consegui por mim mesmo. E a partir daí eu diria, ao contrário de muitos companheiros que eu tenho visto, rapidamente o desejo de jogar desapareceu. Eu de jogar tudo o que implicasse uma aposta a dinheiro, sinto saudades, não sinto, sinto falta, não sinto. E diria que para mim foi muito claro, o que é que eu preciso para

sair deste pesadelo. Para mim era um pesadelo, porque eu estava a ocultar coisas que não me sentia bem. Que iam contra os meus princípios mas depois o meu estado mental levava sempre a ...se eu tinha consciência de que estava a fazer mal, tinha. Mas conseguia parar por mim, não. A partir do momento em que houve uma ajuda para parar, consegui. Já lá vão quase 4 anos e meio e nunca tive um acesso de recaída, eu entreguei-me completamente, só queria parar com este pesadelo, não quero mais isto para mim.

E a restante família como reagiu?

Portanto a família mais próxima, as minhas irmãs até encararam com alguma surpresa porque era o irmão mais responsável. Portanto os meus pais, um pouco na tradição do que era registo das nossas relações familiares, ajudaram a resolver uma parte do problema, o financeiro. Acreditavam que eu não ia voltar a jogar mas quiseram esquecer, não falavam muito no assunto para ver se aquilo passava. Já no registo de outras situações de família, achando que não falando as coisas passavam e iam resolver-se. Onde eu senti uma maior diferença depois foi na relação com a minha ex-mulher, por uma questão de quebra de confiança, que era inevitável. Mas depois o casamento, ela acabou por querer pedir o divorcio por uma questão também financeira as depois a partir de um dado momento da minha recuperação eu achei que quem despoletou o problema foi eu mas era também um problema dos dois. um problema meu enquanto jogador porque o estava a fazer e um problema dela, portanto eu também não tenho a culpa de ter nascido com esta apetência mas eu procurei uma solução para o meu problema e o que eu senti é que não foi procurada uma solução para o problema dela enquanto... eu nem lhe chamaria bem co-dependente porque nunca se viveu o problema de forma consciente mas enquanto familiar, enquanto mulher de um jogador. E portanto para ela o problema era meu e não era dela e tinha que ser eu fazer o caminho da reconstrução da confiança. Mas eu fiz o meu caminho de reconstrução mas também tinha que haver a outra parte e até que ponto o controlo começa a se aliviado. Eu entreguei-lhe as minhas finanças todas e ainda hoje se tivesse com ela eu entregava, não era uma questão de falta de confiança eu tinha 100% de confiança nela...mas depois eram as pequenas coisas. Eu sempre abri o correio e passado um ano meio dois anos eu continuava a não poder abrir e o cerco era um bocado, era uma atitude controladora que eu depois...felizmente o caminho da recuperação no programa dos jogadores anónimos faz-nos pensar sobre a vida e não só sobre a altura de jogar mas coisas que já vinham de trás. Portanto a minha relação acabou por...ainda tivemos mais dois filhos, era para ser só um mais saiu dois e depois acabamos por comum acordo achar que a melhor solução era mesmo a separação efectiva. Já acabou há um ano mas continuo muito presente, levar à escola, busca-los não há propriamente um acordo do poder paternal, vai-se ajustando de semana a semana. Mas pronto seguimos cada um a nossa vida. Teve como consequência mas connosco mesmo digamos que despoletou se calhar, trazer alguns outros problemas para cima da mesa. Terminou, tenho pena, foram muitos anos mas foi o melhor para todos. E também para os miúdos que sentem que têm dois pais que embora não estejam juntos mas são saudáveis a nível de relacionamento. E estarmos em casa, o relacionamento não seria tão saudável.

Mas antes do problema do jogo, descreveu a vossa relação apenas como uma relação de confiança, o que pode dizer mais?

Era uma relação de confiança mas eu julgo que após o problema com o jogo eu comecei a ser mais contestatário com certas situações. E o hábito que havia de “eu comer e calar”, de eu estar mais submisso, deixou de estar e depois isso começou a chocar com todo um hábito de que havia. Depois as coisas acabaram por não dar resultado nesta minha nova faceta.

Está relacionado com a recuperação?

Sim, é o que eu digo, a esmagadora maioria dos jogadores têm um fundo bom, evidentemente que tiveram um problema que os levou a uma dinâmica a nível dos neurotransmissores, portanto trouxe-lhe determinadas doses que lhes anesthesiava os problemas. O que eu digo é assim, se efectivamente comecei a jogar por algum problema que tinha, não. Eu comecei a jogar quando a minha vida estava melhor do ponto de vista familiar, financeiro, profissional, portanto não foi para me anestesiar, para fugir de algum problema mas depois quando estava a jogar descobri que havia um afastamento da realidade e portanto não havia mais nada. E inclusivamente é um bocado estranho para quem não tem o problema, então a pessoa tem um problema e vai jogar para esquecer esse problema, eu acho que não é racional porque se fosse racional 99% dos jogadores não voltaria, portanto é uma coisa que não conseguimos controlar. Ainda numa reunião aberta havia um familiar que perguntava e por não se conseguir explicar é que é difícil partilhar determinadas situações com pessoas que não tem o mesmo problema. Nos JA há uma grande identificação, a pessoa diz, “eu também” e...temos de olhar mais para as semelhanças e não tanto para as diferenças.

E recorreu a algum tipo de apoio fora os JA?

Sim, tive passado um ano. Inicialmente encaminharam-me para um psiquiatra que tive durante dois meses e me receitou medicação para controlar os impulsos mas sinceramente eu estar a tomar aquilo ou não era indiferente. O problema não era resolvido por medicação, é um problema de auto-analise, deixar a poeira assentar, estar longe do jogo e escolher o caminho que nós queremos para a nossa vida. Mas passado um ano havia questões que...o programa é muito interessante mas talvez por não ter padrinho, acabei por ir a um dos terapeutas da área, fiz 4 a 5 meses de terapia com ele e efectivamente foi muito produtivo porque a dada altura deixou de ser um problema de jogo e passou a ser um problema centrado em mim mesmo. A tal gestão de sentimentos, em perceber melhor, o que é que determinados factores externos faziam em mim, que me levava a ter determinadas sensações, pensamentos, sentimentos. Depois a gestão dos sentimentos foi bastante positiva e identificar sentimentos que eu tinha alguma dificuldade em verbalizar, o que é que era, eu sabia que me incomodava mas eu não sabia dar-lhe um nome. E isso ajudou-me muito. Pronto e isso depois depende de caso para caso, há lá pessoas que não pararam de jogar, tem muito a ver com a entrega e não tanto com a periodicidade semanal. Eu tinha semanalmente trabalhos de casa para fazer, a dinâmica estava lá durante toda a semana. Foi muito positivo. É o que eu digo, o programa dos JA foi suficiente para eu parar de jogar mas depois quando quis saber mais pormenores e mais literatura procurei ajuda especializada. Porque a literatura dos JA está muito centrada no próprio jogo e o que devemos fazer para parar de jogar. Quando nós queremos saber outro tipo de respostas eu aconselho a ajuda especializada. E convêm que seja um terapeuta da área. Inclusivamente, há dois anos e meio o meu pai faleceu num desastre, acidente de avioneta, e apesar da tristeza eu comecei a sentir que havia outras questões, que eu não conseguia gerir só com os JA. A falta de motivação o não conseguir fazer. E fui encaminhado para um psiquiatra também especialista em adicções que me medicou, eu portanto estava com um princípio de depressão e até troquei impressões com o terapeuta mas o meu problema era não querer resolver tudo através da medicação. Mas há alturas em que é mesmo necessária a ajuda médica. Fiz 7 ou 8 meses de cipralax e estabilizei... eu só dizia que não quero nada pesado, nada que fique dependente e realmente o medicamento funcionou bem até num espaço muito curto, passado uns dias estava perfeitamente bem. Mas estava sempre consciente que a medicação me ajudava a curar a depressão e nada mais. Mas a nível de ajuda foi essencialmente estes marcos. E pontualmente quando me sinto mais em baixo falo com o terapeuta e marcamos uma sessão, é uma questão de gestão daquilo que eu vou sentindo apos cada sessão. E as sessões nos JA, sempre. Porque permite-nos partilhar, saber ouvir, esvaziar. Em cada reunião. Mesmo que chegue muito cansado, eu saio sempre melhor do que entrei. Eu até á tive cerca de três meses sem vir a reuniões e não tive vontade de começar a

jogar mas senti que estava a perturbar o meu bem-estar. Por isso acho muito importante a permanência e a assiduidade nas reuniões. Nem que seja para nos lembrar porque estamos ali, porque às vezes as pessoas têm memória curta e é esta que nos leva a jogar. Memória curta e uma não-aceitação que é uma doença e uma incapacidade que a pessoa tem. (analogia com os diabetes). A solução é fácil, a cabeça das pessoas é que tem tendência em complicar.

Agora passamos a uma 2ª fase da entrevista, mais focada na infância e gostaria de lhe perguntar se tem presente qual foi a sua primeira memória?

Sim tenho, com dois anos, dois anos e meio, a andar de triciclo e o meu pai a dizer, “Sem os pés, pedala!”. A outra a seguir, também com o meu pai, ele a levantar-me e a dizer que eu estava muito pesado, também com dois anos e meio três anos.

E ambas as memórias com o seu pai?

Sim, uma referência, uma pessoa significativa. (silêncio)

E a restante composição da família?

Tenho duas meias-irmãs, uma faleceu há 20 anos atrás, filhas do primeiro casamento do meu pai. E depois sou eu e a minha irmã mais nova do casamento com a minha mãe. A estrutura inicial era todos os irmãos e os meus pais. As minhas irmãs mais velhas nunca tiveram uma relação saudável com a minha mãe e acabaram por sair de casa até bastante cedo e foram estudar para o estrangeiro. A partir ai dos meus dez anos passamos a ser só os 4.

Sem ser a família nuclear que outros familiares estavam próximos de si?

Não tinha primos, os meus pais eram ambos filhos únicos. Mas amigos tinha muitos e os meus amigos mais próximos são três amigos que tenho há 30 anos. São os amigos de infância.

E o seu percurso na escola?

Foi tranquilo, sempre tive o meu grupo de amigos. E a nível de aproveitamento escolar sempre fui o aluno de topo. Nunca tive problemas com amigos nem no próprio desempenho escolar.

E a relação com os professores?

A relação com o professor da primária era boa, guardo recordações boas. Os outros foram tantos que não destaco nada pela positiva nem pela negativa.

E a sua adolescência como foi?

Foi também tranquila, tive as minhas pequenas loucuras como alguns adolescente mas nada de especial. Apanhei as minhas bebedeiras mas a questão da adicção restringiu-se apenas ao jogo. Eu sempre tive uma relação saudável com o álcool, também tive contacto com as drogas leves mas pontualmente. Eu era sempre aquele que bebia moderadamente sem grandes excessos.

E a relação com os amigos nesta altura?

Tinha na mesma os mesmos amigos e depois também tinha os amigos da turma com que tinha uma boa relação. Nunca senti um outsider na adolescência.

E os namoros?

O meu primeiro namoro sério foi com a minha ex-mulher aos 21 anos. Até aí, diria que nunca tinha tido uma relação de namoro assumido, algumas saídas com raparigas, mas a primeira relação séria foi com ela.

E já a conhecia da escola?

Conheci na faculdade era minha colega de curso, conhecemo-nos no 2º ano mas começamos a namorar no 4º ano. Namorámos durante 4 anos. E fora quase nove anos de casamento.

E a relação durante o tempo de namoro como a descreve?

Era normal. (silêncio)

E como ocupava o seu tempo quando não estava na escola?

Sim sempre tive hobbies, colecção de selos por exemplo. A partir dos 13 anos é que despertei para a parte física. Joguei futebol federado mas no 12º ano deixei de jogar. Sempre fiz algum desporto durante a faculdade mas de uma forma mais amadora.

E voltando um pouco atrás, como poderia descrever a sua relação com os seus pais?

Com os meus pais...uhm com o meu pai era uma relação de, portanto, o meu pai era militar mas não era por isso que nós em casa tínhamos um distanciamento do meu pai. Era militar mas estava em casa. A relação com o meu pai sempre foi saudável do ponto de vista dos afectos mas não na expressão dos sentimentos. Havia sempre...quando eu ou a minha irmã mais nova tínhamos um problema não o resolvíamos por nós, falávamos e ele dizia "é assim... parou a discussão por aqui". E depois mesmo na expressão dos sentimentos, falar de nós próprios, nunca foi desenvolvido na minha família. Com a minha mãe sempre foi uma relação, não tinha a mesma admiração eu tinha com o meu pai porque ela sempre foi muito egoísta, centrada nela própria, bastante egocêntrica e também muito orientada para a parte financeira. Essa parte é que tinha que estar bem, inclusivamente a minha mãe era que eu tivesse um emprego que ganhasse muito e que fosse aquilo ou o outro. E por parte do meu pai o exemplo que tinha era, fosse aquilo que fosse, estudava para conseguir. Se a pessoa tivesse que limpar ruas também podia. Sempre dando o melhor, dando empenho no que se fazia.

O seu pai estimulava-o no seu desempenho escolar?

Sim não no desporto mas sim na parte do estudo. E eu nunca fui um aluno marrão, tinha um grande poder de concentração nas aulas que me permitia reter a matéria. Mesmo na faculdade só estudava dias antes. Mas acho que a forma da expressão dos sentimentos pode ter alguma influência, e pode ser útil no seu estudo. Eu sempre tive amigos e muita facilidade em relacionar-me com as pessoas mas falar do meu eu, do meu íntimo eu não tinha, até mesmo nas relações amorosas. E isso, nos últimos 4 anos, deu uma grande volta, quando eu percebi como é que era passou a ser automático e há um certo alívio em por que vai na nossa cabeça cá fora. Foi a grande diferença e é a grande revolução que houve no pós-jogo. Eu diria que a questão da honestidade, o jogo faz com que as pessoas ponham em causa os seus próprios valores, que é uma coisa...eu quando andava na escola se o professor me desse um certo numa coisa que estava errada eu ia logo lá mostrar-lhe. A grande revolução tem mesmo a ver com isto de nos percebermos o que é que são os sentimentos e não uma dificuldade cativar as pessoas. Mas o problema é esta expressão dos sentimentos. Outra coisa que o meu pai fazia era que se as coisas estavam mal, não se falava porque havia de estar melhor, quanto menos falar melhor, e basicamente é isto.

Mas por um lado descreve o seu pai como mais afectuoso e a sua mãe?

A minha Mãe não era tanto. Mas quer um quer outro nunca promoveram um espaço de partilha para haver uma expressão de sentimentos. Uma relação distante neste ponto de vista. Desde que me lembro em criança.

E com a sua irmã, como era a relação?

Hoje em dia as coisas estão bastante bem, não é que tivessem mal mas agora falamos. Antes havia um problema, alguém dizia: eu resolvo, não há discussões e ponto final. E nós hoje em dia discutimos na procura de uma solução para diferentes pontos de vista. Mas sempre nos demos bem, temos apenas dois anos de diferença. E mesmo com as minhas irmãs mais velhas, a P. já lá vão quase 20 anos mas mesmo com a A. a relação sempre foi uma relação de irmãos. Mesmo na morte do meu pai e com a questão das partilhas correu tudo bem, dizíamos que se era para os chatearmos ficava tudo na mesma. A minha mãe sempre quis por veneno nas relações com as minhas meias-irmãs mas pronto por questões de dinheiro...e o dinheiro para mim vai e vem e então com a questão do jogo...o jogador joga pela questão financeira mas o dinheiro vem e vai e vai e vem. E deixar de jogar também permite ter essa relação saudável com o dinheiro e passar a haver a correspondência do real valor do dinheiro.

Assim a morte do seu pai foi como uma primeira grande perda?

Não, não foi a primeira grande perda. A minha adolescência foi marcada por esses sentimentos. Aos 13 anos morreu o meu avô, a minha avó que me criou quando o meu pai esteve preso em Angola, ele foi preso político, e fiquei com ela até ao ano e meio, morreu quando eu tinha 14. A minha irmã quando tinha 15 anos. Aos 17 anos a minha outra avó. Portanto eu experimentei muito estes sentimentos de perda, nunca os tinha era verbalizado. Quando aconteceu com o meu pai eu pus todos esses sentimentos cá para fora. E também foi numa altura de grande mudança da minha vida. Aí eu vi todos os sentimentos desde a perda até à aceitação. (Fala sobre as fases do luto e do que leu sobre o tema).

Falou há pouco que os seus pais não estavam em Portugal quando era bebé?

Sim o meu pai foi preso, eu tinha seis meses e optaram por me mandar para cá. A minha mãe ficou lá a dar apoio. Nasci em Angola e fiquei com os meus avós maternos até 1 ano e meio. Sempre tive com eles uma relação muito próxima. Eu gostava dos dois mas com os maternos havia uma maior proximidade afectiva. Mas lembro-me sempre de estar em casa com os meus pais, não tenho recordações desse tempo (em que viveu com avós).

E a sua relação com os filhos?

É saudável sobretudo o que se trata na expressão dos afectos. Com a mais velha (5 anos) é muito curioso ver este aspecto os outros são mais pequenitos (2 anos) ainda é difícil expressarem porque ainda mal falam.

Há pouco falou que não teve padrinho nos JA?

Não é algo obrigatório, é uma sugestão. Na altura aproximei-me mais de uma pessoa que estava em recuperação há mais anos, não assumi como padrinho mas é o que mais se aproxima de apadrinhamento. Tenho que reconhecer que o terapeuta também funciona como padrinho porque é quando eu preciso de ajuda é a ele que eu vou recorrer, a alguém que percebe.

Gostaria de dizer mais alguma coisa que ache que ficou por dizer?

Isto quando já estamos há bastante tempo em recuperação, deixa de ser um amontoado de pequenas coisas, fica em bloco, consigo dizer aquilo que eu acho mais importante. Para mim é, as pessoas deixarem de falar de uma forma complicada e falarem de uma forma simples e depois é pensar que se isto funcionou com tanta gente porque não há-de funcionar comigo.

Anexo I

Análise entrevista Miguel

3. Contexto do início, recaídas e exacerbação da doença

3.1. Eventos de vida anteriores ao início do problema

Eu comecei a jogar quando a minha vida estava melhor do ponto de vista familiar, financeiro, profissional, portanto não foi para me anestesiar, para fugir de algum problema mas depois quando estava a jogar descobri que havia um afastamento da realidade e portanto não havia mais nada (p.3)

Sumarização: começa a jogar numa fase em que não tinha problemas nas várias áreas da sua vida mas sentiu um afastamento da realidade

Frase-chave: afastamento da realidade

3.2. Contexto psicossocial anterior ao início do problema

Era uma relação de confiança (...) E o hábito que havia de “eu comer e calar”, de eu estar mais submisso, deixou de estar e depois disso começou a chocar com todo um hábito de que havia. (p.3)

Sumarização: relação de submissão com a ex-mulher sem ressonância afectiva

Frase-chave: submissão na relação romântica e íntima

2.1. Temperamento e personalidade

Eu sempre tive amigos e muita facilidade em relacionar-me com as pessoas mas falar do meu eu, do meu íntimo eu não tinha, até mesmo nas relações amorosas. (p.6)

Sumarização: facilidade em fazer e estabelecer amizades sem no entanto expressar sentimentos

Frase-chave: extroversão/sociabilidade artificial

2.2. Pai

Com o meu pai era uma relação de, portanto, o meu pai era militar mas não era por isso que nós em casa tínhamos um distanciamento do meu pai. Era militar mas estava em casa. A relação com o meu pai sempre foi saudável do ponto de vista dos afectos mas não na expressão dos sentimentos. (p. 5)

Sumarização: pai militar /relação saudável e afectuosa mas sem expressão de sentimentos

Frase-chave: contradição na imagem da relação emocional com o pai

Outra coisa que o meu pai fazia era que se as coisas estavam mal, não se falava porque havia de estar melhor, quanto menos falar melhor, e basicamente é isto. (p. 6)

Sumarização: pai evitava falar dos problemas para serem mais facilmente esquecidos

Frase-chave: ausência de comunicação emocional com o pai

2.3. Mãe

Com a minha mãe sempre foi uma relação, não tinha a mesma admiração que eu tinha com o meu pai, porque ela sempre foi muito egoísta, centrada nela própria, bastante egocêntrica e também muito orientada para a parte financeira. (p.5)

Sumarização: distância emocional com a mãe considerada muito egoísta e egocêntrica

Frase-chave: distância emocional com a mãe

2.4. Família no todo

As minhas irmãs mais velhas nunca tiveram uma relação saudável com a minha mãe e acabaram por sair de casa até bastante cedo e foram estudar para o estrangeiro. A partir ai dos meus dez anos passamos a ser só os 4. (p.4)

Sumarização: irmãs mais velhas saem de casa por se incompatibilizarem com a madrasta

Frase-chave: separação das meias-irmãs

Aos 13 anos morreu o meu avô, a minha avó que me criou quando o meu pai esteve preso em Angola, ele foi preso político, e fiquei com ela até ao ano e meio, morreu quando eu tinha 14. A minha irmã quando tinha 15 anos. Aos 17 anos a minha outra avó. Portanto eu experimentei muito estes sentimentos de perda, nunca os tinha era verbalizado. (p.7)

Sumarização: durante a adolescência perde várias pessoas na família

Frase-chave: Morte de figuras de suporte

Quando eu, ou a minha irmã mais nova tínhamos um problema não o resolvíamos por nós, falávamos e ele (pai) dizia: “É assim... parou a discussão por aqui”. E depois mesmo na expressão dos sentimentos, falar de nós próprios, nunca foi desenvolvido na minha família. (p.5)

Sumarização: Pai resolvia os problemas/situações sem escutar os sentimentos dos filhos

Frase-chave: ausência de comunicação emocional familiar

Mas quer um quer outro nunca promoveram um espaço de partilha para haver uma expressão de sentimentos. Uma relação distante neste ponto de vista. Desde que me lembro em criança. (p.6)

Sumarização: pais evitavam partilhar sentimentos

Frase-chave: relação distante na expressão de afectos

Nasci em Angola e fiquei com os meus avós maternos até 1 ano e meio. Sempre tive com eles uma relação muito próxima. Eu gostava dos dois mas com os maternos havia uma maior proximidade afectiva. (p.7)

Sumarização: vem para Portugal em bebé e os pais ficam em Angola. Fica com os avós maternos

Frase-chave: Separação de figuras de suporte (mãe e pai)

2.5. Problemas (escola, saúde, amizades, namoros)

O meu primeiro namoro a sério foi com a minha ex-mulher aos 21 anos. Até ai, diria que nunca tinha tido uma relação de namoro assumido, algumas saídas com raparigas, mas a primeira relação séria foi com ela. (p.5)

Sumarização: ausência de relações íntimas/românticas na adolescência

Frase-chave: ausência de relacionamentos amorosos na adolescência

Tabela Entrevista Miguel

| Subtema | Frases chave | Clusters |
|--|---|---|
| 1.1 Eventos de vida anteriores ao início do problema | | |
| 1.2 Contexto Psicossocial anterior ao início do problema | <ul style="list-style-type: none"> ▪ Submissão na relação romântica e íntima (M p3) | Dificuldade nos relacionamentos íntimos |
| | <ul style="list-style-type: none"> ▪ Afastamento da realidade | Alienação |
| 2.1. Temperamento e personalidade | <ul style="list-style-type: none"> ▪ Facilidade em relacionar-se com outros (M p3) | Extroversão/sociabilidade superficial |
| 2.2. Pai | <ul style="list-style-type: none"> ▪ Contradição na imagem da relação emocional com o pai (M p5) | Incongruência/ambivalência na imagem e na relação (pai) |
| 2.3. Mãe | <ul style="list-style-type: none"> ▪ Distância emocional com a | Má imagem materna/ relação |

| | | |
|---------------------------|--|---|
| | mãe (M p5) | perturbadora |
| 2.4. Família como um todo | <ul style="list-style-type: none"> ▪ Separação das meias-irmãs (M p4) | Dificuldades relacionais/separações na frateria |
| | <ul style="list-style-type: none"> ▪ Ausência de comunicação emocional familiar (M p5) ▪ Relação distante na expressão de afectos (M p6) | Dificuldades com as figuras parentais de vinculação |
| | <ul style="list-style-type: none"> ▪ Separação de figuras de suporte na primeira infância (M p7) | Separação de figuras parentais de vinculação na primeira infância |
| | <ul style="list-style-type: none"> ▪ Morte de figuras de suporte na adolescência (M p7) | Proximidade com a morte |
| 2.5. Problemas | <ul style="list-style-type: none"> ▪ Ausência de relacionamentos amorosos na adolescência (M p5) | Dificuldade nos relacionamentos íntimos, românticos e sexuais |

Anexo J

| 1.1. <u>Eventos de vida</u> | José | Eva | António | Miguel |
|---|------|-----|---------|--------|
| <i>Perda/separação de objectos de vinculação</i> | x | x | x | |
| <i>Proximidade com a morte</i> | x | x | | |
| <i>Casamento e nascimento de filhos não desejados</i> | x | | | |
| 1.2. <u>Contexto Psicossocial</u> | | | | |
| <i>Omnipotência</i> | x | | | |
| <i>Substituição da vinculação romântica por sexualidade promiscua ocasional</i> | x | x | | |
| <i>Separação de objectos de vinculação adulta</i> | | x | x | |
| <i>Dificuldade nos relacionamentos afectivos e/ou na sexualidade</i> | x | x | | x |
| <i>Proximidade com a morte</i> | x | | | |
| <i>Alienação</i> | | | | x |
| 2.1. <u>Personalidade e temperamento</u> | | | | |
| <i>Traço desafiante/competitivo/perfeccionista</i> | x | x | x | |
| <i>Extroversão/sociabilidade superficial</i> | x | x | x | x |
| <i>Omnipotência</i> | x | | x | |
| 2.2. <u>Pai</u> | | | | |
| <i>Dificuldades com as figuras parentais de vinculação/ distância emocional</i> | x | | x | x |
| <i>Incongruência/ ambivalência na imagem e na relação</i> | | x | x | x |

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| <u>2.3.Mãe</u> | | | | |
| <i>Má imagem materna/ relação perturbadora</i> | | x | | x |
| <i>Incongruência/ ambivalência na imagem e na relação (mãe)</i> | | | x | |
| <u>2.4. Família no todo</u> | | | | |
| <i>Dificuldades com as figuras parentais de vinculação</i> | x | x | | x |
| <i>Dificuldades relacionais/ Separações na frateria</i> | | x | | x |
| <i>Traço desafiante/competitivo/perfeccionista</i> | | | x | |
| <i>Separação de figuras parentais de vinculação na primeira infância (pais)</i> | | | | x |
| <i>Proximidade com a morte</i> | | | | x |
| <i>Omnipotência</i> | | | x | |
| <i>Dificuldade em estabelecer uma base segura nos outros</i> | | | x | |
| <i>Incongruência/ambivalência na relação</i> | | x | x | |
| <u>2.5 Problemas (Escola, namoros, amizades)</u> | | | | |
| <i>Problemas com as figuras de vinculação (amizades)</i> | x | x | x | |
| <i>Dificuldades nos relacionamentos afectivos e/ou na sexualidade</i> | | x | x | x |
| <i>Abuso sexual na infância</i> | | x | | |